

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ANNA ZAIRES



Capture-me

CAPTURE-ME: LIVRO 1



CAPTURE-ME

CAPTURE-ME: LIVRO 1

ANNA ZAIRES

♠ MOZAIKA PUBLICATIONS ♠

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é pura coincidência.

Copyright © 2015 Anna Zaires e Dima Zales

www.annazaires.com/book-series/portugues/

Todos os direitos reservados. Exceto para uso em uma crítica, nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida, digitalizada nem distribuída em qualquer formato impresso ou eletrônico sem permissão.

Publicado pela Mozaika Publications, impressão da Mozaika LLC.

www.mozaikallc.com

Capa de Najla Qamber Designs

www.najlaqamberdesigns.com

Tradução de Christiane Jost, revisão de Karine Lima e Ayrton Jost.

e-ISBN: 978-1-63142-420-5

ISBN da versão impressa: 978-1-63142-421-2

ÍNDICE

I. A Missão

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

II. O Cárcere

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

III. A Prisioneira

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Excerto de A Prisioneira dos Krinars

Sobre a autora

I

A MISSÃO

Y^{ulia}

OS DOIS HOMENS À MINHA FRENTE ERAM A PERSONIFICAÇÃO DO perigo. Eles o exalavam. Um era loiro, o outro tinha cabelos escuros. Deveriam ser totalmente opostos, mas, de alguma forma, eram similares. Transmitiam a mesma vibração.

Uma vibração que me deixava gelada por dentro.

— Tenho uma questão delicada que gostaria de discutir com você — disse Arkady Buschekov, o oficial russo ao meu lado. O olhar sem cor dele estava sobre o rosto do homem de cabelos escuros. Buschekov disse aquilo em russo e imediatamente repeti suas palavras em inglês. Minha tradução foi suave e o sotaque indetectável. Eu era uma boa intérprete, mesmo não sendo esse meu verdadeiro trabalho.

— Continue — disse o homem de cabelos escuros. O nome dele era Julian Esguerra e era um traficante de armas importante. Eu sabia disso pela pasta que estudara naquela manhã. Ele era a

pessoa importante ali, a pessoa de quem queriam que eu me aproximasse. Não deveria ser difícil. Ele era um homem incrivelmente bonito, com os olhos azuis penetrantes no rosto bronzeado. Se não fosse pela vibração que me deixava gelada, eu me sentiria genuinamente atraída por ele. Assim, eu fingiria, mas ele não saberia.

Eles nunca sabiam.

— Tenho certeza de que você sabe das dificuldades em nossa região — disse Buschekov. — Gostaríamos que nos ajudasse a resolver esta questão.

Traduzi as palavras dele, fazendo o possível para esconder minha empolgação crescente. Obenko tinha razão. Havia realmente algo acontecendo entre Esguerra e os russos. Obenko suspeitou disso quando ouviu falar que o traficante de armas estava visitando Moscou.

— Ajudar como? — perguntou Esguerra. Ele parecia apenas vagamente interessado.

Ao traduzir as palavras dele para Buschekov, olhei para o outro homem sentado à mesa, o que tinha cabelos loiros curtos, cortados em um estilo quase militar.

Lucas Kent, o braço direito de Esguerra.

Eu estivera tentando não olhar para ele. Lucas me deixava ainda mais nervosa que o chefe dele. Por sorte, ele não era meu alvo e eu não precisava fingir interesse nele. Mas, por algum motivo, meus olhos eram atraídos pelas feições duras. Com o corpo alto e musculoso, a mandíbula quadrada e o olhar feroz, Kent me lembrava um *bogatyr*, um guerreiro nobre do folclore russo.

Ele me viu observando-o e os olhos pálidos brilharam ao se prenderem ao meu rosto. Afastei o olhar rapidamente, reprimindo um tremor. Aqueles olhos me fizeram pensar no gelo do lado de fora, no frio cinzento congelante.

Por sorte, não era ele que eu precisaria seduzir. Seria muito, muito mais fácil fingir com o chefe dele.

— Há certas partes da Ucrânia que precisam de nossa ajuda — disse Buschekov. — Mas, com a opinião mundial como está, seria problemático se déssemos essa ajuda.

Traduzi rapidamente o que ele dissera, voltando minha atenção mais uma vez para as informações que deveria recuperar. Elas eram algo importante, o motivo principal de minha presença ali naquele dia. Seduzir Esguerra era algo secundário, mas provavelmente inevitável.

— Então, você gostaria que eu fizesse isso — disse Esguerra e Buschekov assentiu quando traduzi.

— Sim — disse Buschekov —, gostaríamos de uma remessa considerável de armas e outros suprimentos para os que lutam pela liberdade em Donetsk. Ela não pode ser rastreada até nós. Em troca, você receberia a tarifa normal e passagem segura para o Tajiquistão.

Quando traduzi as palavras para Esguerra, ele sorriu friamente. — Só isso?

— Também preferimos que você evite qualquer negociação com a Ucrânia no momento — disse Buschekov. — Servir a dois senhores, esse tipo de coisa.

Fiz o possível para traduzir a última parte, apesar de não soar tão duro em inglês. Também guardei cada palavra na memória para que pudesse transmiti-las a Obenko mais tarde. Era exatamente o que meu chefe esperava que eu ouvisse. Na verdade, o que ele receava que eu ouviria.

— Receio que precisarei de compensação adicional para isso — disse Esguerra. — Como sabe, eu normalmente não escolho um lado nesses tipos de conflitos.

— Sim, foi o que ouvimos dizer. — Buschekov pegou um pedaço de peixe salgado, *selyodka*, com o garfo e mastigou lentamente enquanto olhava para o traficante de armas. — Talvez possa reconsiderar essa posição no nosso caso. A União Soviética pode ter desaparecido, mas nossa influência nesta região ainda é

bem considerável.

— Sim, estou ciente disso. Por que acha que estou aqui agora?

— O sorriso de Esguerra parecia o de um tubarão. — Mas é caro desistir da neutralidade. Tenho certeza de que entende.

O olhar de Buschekov ficou mais frio. — Entendo. Estou autorizado a oferecer a você vinte por cento a mais do que o pagamento usual pela sua cooperação nessa questão.

— Vinte por cento? Quando você está cortando meus possíveis lucros pela metade? — Esguerra riu de leve. — Acho que não.

Depois que traduzi, Buschekov se serviu de outra dose de vodca e balançou o copo. — Vinte por cento a mais e o terrorista da Al-Quadar capturado fica sob sua custódia — disse ele depois de alguns momentos. — É nossa oferta final.

Traduzi as palavras dele e olhei rapidamente para o homem loiro, inexplicavelmente curiosa para ver a reação dele. Lucas Kent não dissera uma palavra o tempo inteiro, mas senti que ele observava e absorvia tudo.

Eu o senti observando-me.

Ele suspeitava de alguma coisa ou estava simplesmente atraído por mim? De qualquer forma, fiquei preocupada. Homens como aquele eram perigosos e eu tinha a sensação de que aquele poderia ser mais perigoso do que a maioria.

— Então temos um acordo — disse Esguerra e percebi que terminara. O que Obenko temia estava prestes a acontecer. Os russos conseguiriam as armas para os chamados lutadores pela liberdade e a merda na Ucrânia atingia proporções épicas.

Mas esse era um problema de Obenko, não meu. A única coisa que eu precisava fazer era sorrir, parecer bonita e traduzir... o que fiz pelo restante da refeição.



QUANDO A REUNIÃO TERMINOU, BUSCHEKOV PERMANECEU NO restaurante para falar com o proprietário e eu saí com Esguerra e Kent.

Assim que saímos, o frio me atingiu. O casaco que eu usava era elegante, mas nada adequado para o inverno russo. O frio penetrou a lã e chegou aos meus ossos. Em questão de segundos, meus pés viraram pedras de gelo, pois as solas finas dos sapatos de salto alto não eram proteção suficiente contra o solo gelado.

— Vocês se importam de me dar uma carona até a estação do metrô mais próxima? — perguntei quando Esguerra e Kent se aproximaram do carro deles. Contei com o fato de que nem mesmo criminosos implacáveis deixariam uma mulher bonita congelar sem um bom motivo. — Fica a cerca de dez quarteirões daqui.

Esguerra me estudou por um segundo e acenou para Kent. — Reviste-a — comandou ele em tom ríspido.

Meu coração bateu mais depressa quando o homem loiro se aproximou de mim. O rosto duro não tinha emoção e a expressão não mudou quando as mãos grandes percorreram meu corpo dos pés à cabeça. Foi uma revista clássica, sem que ele tentasse me apalpar ou algo assim, mas, quando terminou, eu tremia por um motivo diferente. O frio dentro de mim fora substituído por uma sensação indesejada.

Não. Forcei minha respiração a ficar regular. Não era a reação de que eu precisava. Ele não era o homem a quem eu precisava reagir.

— Ela está limpa — disse Kent, afastando-se de mim. Fiz o possível para controlar um suspiro de alívio.

— Ok — disse Esguerra, abrindo a porta do carro para mim. — Entre.

Entrei no carro e sentei-me ao lado dele no banco de trás, agradecendo mentalmente por Kent ter sentado no banco do passageiro na frente. Finalmente, eu estava em posição de agir.

— Obrigada — disse eu, abrindo o sorriso mais bonito para

Esguerra. — Agradeço muito. Este é um dos piores invernos dos últimos anos.

Para meu desapontamento, não havia nem um traço de interesse no rosto bonito do traficante de armas. — De nada — respondeu ele, pegando o celular. Um sorriso surgiu nos lábios sensuais quando ele leu uma mensagem no aparelho e começou a digitar uma resposta.

Eu o estudei, imaginando o que o teria deixado com uma expressão tão feliz. Um negócio que dera certo? Uma oferta melhor do que o esperado de um fornecedor? Fosse o que fosse, isso o distraía de mim, o que não era bom.

— Você vai ficar aqui muito tempo? — perguntei com voz suave e sedutora. Quando ele olhou para mim, sorri novamente e cruzei as pernas, que eram enfatizadas pela calça preta de seda que eu usava. — Eu poderia lhe mostrar a cidade, se quisesse. — Ao falar, olhei-o diretamente nos olhos com expressão o mais convidativa possível. Os homens não sabiam a diferença entre isso e um desejo genuíno. Bastava uma mulher mostrar que queria um homem que ele acreditava.

E, para ser justa, a maioria das mulheres desejaria aquele homem. Ele era muito além de bonito, era deslumbrante. Muitas mulheres matariam para ter uma chance de estar na cama dele, mesmo com aquele toque sombrio e cruel que senti nele. O meu problema era que ele não fazia nada por mim, algo que eu teria que trabalhar se quisesse concluir minha missão.

Eu não sabia se Esguerra estava desconfiado ou se o problema era que eu não era o tipo dele. Mas, em vez de aceitar minha oferta, ele abriu um sorriso frio. — Obrigado pelo convite, mas partiremos em breve e estou cansado demais para aproveitar a cidade hoje à noite.

Merda. Escondi o desapontamento e sorri de volta para ele. — É claro. Se mudar de ideia, sabe onde me encontrar. — Não havia mais nada que eu pudesse dizer sem levantar suspeitas.

O carro parou em frente à estação de metrô e saí, tentando pensar em como explicaria meu fracasso.

Ele não me quis? Sim, isso seria uma boa desculpa.

Reprimindo um suspiro, enrolei o casaco com mais força sobre o peito e corri para a estação de metrô sob a superfície, determinada a pelo menos sair do frio.

Yulia

A PRIMEIRA COISA QUE FIZ AO CHEGAR EM CASA FOI TELEFONAR para meu chefe e contar tudo o que ouvira.

— Então é como suspeitei — disse Vasiliy Obenko quando terminei. — Eles usarão Esguerra para armar aqueles rebeldes filhos da puta em Donetsk.

— Sim. — Tirei os sapatos e andei até a cozinha para fazer um chá. — E Buschekov exigiu exclusividade, portanto, Esguerra agora está totalmente aliado com os russos.

Obenko soltou uma enxurrada de impropérios, a maioria dos quais envolvia alguma combinação de caralho, piranhas e mães. Afastei o telefone ligeiramente enquanto enchia com água uma chaleira elétrica.

— Muito bem — disse Obenko ao se acalmar um pouco. — Você vai se encontrar com ele hoje à noite, certo?

Respirei fundo. Chegara a parte desagradável. — Não

exatamente.

— Não exatamente? — A voz de Obenko ficou perigosamente baixa. — Que merda quer dizer com isso?

— Ofereci, mas ele não estava interessado. — Era sempre melhor dizer a verdade naquele tipo de situação. — Disse que eles vão embora logo e que estava muito cansado.

Obenko começou a xingar novamente. Usei aquele tempo para abrir um saquinho de chá, colocá-lo em uma xícara e derramar a água fervente sobre ele.

— Tem certeza de que não o verá de novo? — perguntou ele ao terminar o ataque de xingamentos.

— Quase certeza, sim. — Soprei o chá para esfriá-lo um pouco. — Ele só não estava interessado.

Obenko ficou em silêncio por alguns momentos. — Muito bem — disse ele finalmente. — Você estragou tudo, mas falaremos disso em outra hora. Por enquanto, precisamos descobrir o que fazer sobre Esguerra e as armas que entrarão aos montes em nosso país.

— Eliminá-lo? — sugeri. O chá ainda estava um pouco quente demais, mas tomei um gole mesmo assim. O calor que desceu pela minha garganta foi agradável. Era um prazer simples, mas as melhores coisas na vida eram sempre simples. O cheiro dos lilases florescendo na primavera, a suavidade do pelo de um gato, a doçura de um morango maduro... eu aprendera a dar valor a esse tipo de coisas nos últimos anos, a aproveitar cada gota de prazer que a vida tinha a oferecer.

— É mais fácil falar do que fazer. — Obenko soou frustrado. — Ele é mais bem protegido do que Putin.

— Ahã. — Tomei outro gole do chá e fechei os olhos, saboreando o gosto. — Tenho certeza de que você encontrará um jeito.

— Quando ele disse que partiria?

— Ele não especificou. Só disse que seria em breve.

— Está bem. — Obenko pareceu subitamente impaciente. — Se ele entrar em contato com você, avise-me imediatamente. E, antes que eu pudesse responder, ele desligou.



COMO EU TINHA A NOITE DE FOLGA, DECIDI TOMAR UM BANHO. A banheira, como o restante do apartamento, era pequena e instável, mas eu já vira piores. Disfarcei a feiura do banheiro pequeno colocando duas velas perfumadas sobre a pia e saís de banho na água. Quando entrei na banheira, soltei um suspiro feliz ao sentir o calor envolver meu corpo.

Se dependesse de mim, eu estaria sempre quente. Quem dissera que o inferno era quente estava errado. O inferno era frio.

Frio como o inverno na Rússia.

Eu ainda estava na banheira quando a campainha tocou. Instantaneamente, meu coração deu um salto e a adrenalina invadiu minhas veias.

Eu não esperava ninguém... o que significava que só poderia ser algum problema.

Saí da banheira, envolvi o corpo com uma toalha e corri para fora do banheiro até a sala do apartamento. As roupas que tirara ainda estavam sobre a cama, mas eu não tinha tempo para vesti-las novamente. Em vez disso, vesti um roupão e peguei uma arma da gaveta da mesinha de cabeceira.

Em seguida, respirei fundo e aproximei-me da porta, apontando a arma para ela.

— Sim? — gritei, parando a poucos passos da entrada do apartamento. A porta era de aço reforçado, mas a fechadura não. Alguém poderia atirar por ela.

— É Lucas Kent. — A voz profunda falando em inglês me deixou tão atônita que a arma balançou na minha mão. Meu

coração deu outro salto e senti uma fraqueza peculiar nos joelhos.

Por que ele estava ali? Esguerra sabia de alguma coisa? Alguém me traía? As perguntas surgiram rapidamente na minha mente, fazendo com que meu coração batesse ainda mais depressa, mas encontrei o curso de ação mais razoável.

— O que você quer? — perguntei, fazendo o possível para manter a voz estável. Havia uma explicação para a presença de Kent que não envolvia me matar: Esguerra mudara de ideia. Nesse caso, eu precisava agir como a civil inocente que deveria ser.

— Eu gostaria de falar com você — disse Kent. Ouvi um toque de diversão na voz dele. — Vai abrir a porta ou continuaremos a conversar com quase dez centímetros de aço entre nós?

Merda. Não parecia que Esguerra o enviara para me buscar.

Rapidamente avaliei minhas opções. Eu poderia permanecer trancada dentro do apartamento e torcer para que ele não forçasse a entrada. Ou, quando saísse, como eu inevitavelmente teria que fazer, ele me pegaria. Ou poderia supor que ele não sabia quem eu era e ser agradável.

— Por que quer falar comigo? — perguntei, tentando ganhar tempo. Era uma pergunta razoável. Qualquer mulher naquela situação ficaria desconfiada, não apenas uma que tivesse algo a esconder. — O que você quer?

— Você.

Aquela única palavra, dita com a voz profunda dele, me atingiu como um soco. Meus pulmões pararam de funcionar momentaneamente e olhei para a porta, sentindo um pânico irracional. Então eu não estava errada quando imaginara que ele talvez se sentisse atraído por mim... se o motivo de olhar repetidamente para mim fosse talvez algo tão simples quanto a biologia humana em ação.

Sim, claro. Ele me queria.

Forcei-me a começar a respirar novamente. Eu deveria sentir alívio. Não havia motivo para pânico. Desde que eu tinha quinze

anos, os homens me queriam. Eu tivera que aprender a conviver com isso, a transformar o desejo deles em uma vantagem para mim. Aquela situação não era diferente.

Exceto que Kent é mais duro e mais perigoso do que a maioria.

Não. Silenciei aquela voz e respirei fundo, baixando a arma. Olhei-me no espelho do corredor. Meus olhos azuis estavam meio arregalados no rosto pálido e os cabelos estavam frouxamente presos, com cachos molhados caindo sobre o pescoço. Com o roupão enrolado descuidadamente em volta de mim e a arma nas mãos, eu não parecia nem um pouco com a jovem elegante que tentara seduzir o chefe de Kent.

Chegando a uma decisão, falei: — Só um minuto. — Eu poderia tentar não deixar que Lucas Kent entrasse no meu apartamento, o que não seria nada suspeito para uma mulher sozinha, mas a coisa mais inteligente a fazer seria usar a oportunidade para conseguir algumas informações.

No mínimo, eu poderia tentar descobrir quando Esguerra partiria para avisar Obenko, compensando parcialmente meu fracasso anterior.

Movendo-me depressa, escondi a arma em uma gaveta sob o espelho e soltei os cabelos, deixando que os cachos loiros caíssem pelas costas. Eu já retirara a maquiagem, mas tinha uma pele macia e os cílios eram naturalmente escuros, o que deixava minha aparência bonita. No mínimo, eu parecia mais jovem e mais inocente.

Parecia uma garota comum, como os norte-americanos gostavam de dizer.

Confiante de que estava razoavelmente apresentável, aproximei-me da porta e destranquei-a, tentando ignorar o bater frenético do meu coração.

*Y*ulia

ELE ENTROU NO MEU APARTAMENTO ASSIM QUE ABRI A PORTA. SEM hesitação, sem um cumprimento... ele simplesmente entrou.

Atônita, dei um passo atrás. O corredor estreito subitamente pareceu muito pequeno. Eu me esquecera de como Kent era grande, de como tinha os ombros largos. Eu era uma mulher alta, o suficiente para fingir que era modelo se fosse preciso, mas ele era uma cabeça mais alto. Com o casaco pesado que usava, ele ocupou o corredor quase inteiro.

Ainda sem dizer nada, ele fechou a porta atrás de si e avançou na minha direção. Instintivamente, recuei, sentindo-me como uma presa encurralada.

— Olá, Yulia — murmurou ele, parando de andar quando estávamos fora do corredor. O olhar pálido dele se fixou no meu rosto. — Eu não esperava ver você assim.

Engoli em seco, com o coração batendo depressa. — Acabei de

tomar banho. — Eu queria parecer calma e confiante, mas ele me pegara totalmente de surpresa. — Não estava esperando visitas.

— Não, percebi isso. — Um sorriso leve surgiu nos lábios dele, suavizando a linha dura da boca. — Mas deixou que eu entrasse. Por quê?

— Porque eu não queria continuar conversando pela porta fechada. — Respirei fundo para me acalmar. — Quer um pouco de chá? — Era algo idiota a dizer, considerando o motivo pelo qual ele estava lá, mas eu precisava de alguns momentos para me recompor.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Chá? Não, obrigado.

— Então, quer me dar o seu casaco? — Eu não consegui me livrar do papel de anfitriã, usando a educação para encobrir a ansiedade. — Aqui está quente.

Um toque de diversão brilhou no olhar gelado dele. — Claro. — Ele tirou o casaco e entregou-o a mim, o que o deixou vestindo um suéter preto, calça *jeans* escura e botas de inverno pretas. A calça abraçava as pernas dele, revelando coxas musculosas e panturrilhas fortes. No cinto, vi uma arma presa no coldre.

Irracionalmente, minha respiração acelerou ao ver aquilo. Precisei de muito esforço para impedir que minhas mãos tremessem quando peguei o casaco e fui até o armário minúsculo para pendurá-lo. Não era surpresa ele estar armado, e seria um choque se não estivesse, mas a arma era um lembrete de quem era Lucas Kent.

O que ele era.

Não é nada demais, disse eu a mim mesma, tentando acalmar os nervos. Eu estava acostumada com homens perigosos. Fora criada entre eles. Aquele homem não era tão diferente. Eu dormiria com Kent, obteria as informações que pudesse e ele sairia da minha vida.

Sim, era isso. Quanto mais cedo conseguisse fazer aquilo, mais cedo tudo acabaria.

Fechando a porta do armário, abri um sorriso muito ensaiado e virei-me para encará-lo, finalmente pronta para retomar o papel de sedutora confiante.

Mas ele já estava perto de mim, tendo atravessado a sala sem fazer um som sequer.

Meu coração deu um salto novamente e minha compostura desapareceu. Ele estava perto o suficiente para que eu visse os raios cinzentos nos olhos azuis, perto o suficiente para me tocar.

E, um segundo depois, ele me tocou.

Erguendo a mão, ele correu as costas da mão sobre o meu maxilar.

Eu o encarei, confusa pela resposta instantânea do meu corpo. Minha pele ficou quente e meus mamilos enrijeceram. Minha respiração ficou mais rápida. Não fazia sentido que aquele estranho duro e implacável me deixasse excitada. O chefe dele era mais bonito, mais atraente, mas era a Kent que meu corpo reagia. E, até o momento, ele só tocara no meu rosto. Não deveria ser nada, mas, de alguma forma, era algo íntimo.

Íntimo e perturbador.

Engoli em seco novamente. — Sr. Kent... Lucas... tem certeza de que não quer beber nada? Talvez um pouco de café ou... — Minhas palavras desapareceram em uma exclamação quando ele puxou o cinto do meu roupão, de forma tão casual como se estivesse abrindo um pacote.

— Não. — Ele observou quando o roupão caiu, revelando meu corpo nu. — Nada de café.

Em seguida, ele me tocou de verdade, com a palma grande e dura envolvendo meu seio. Os dedos dele eram cheios de calos e ásperos. Frios por causa da temperatura do lado de fora. Ele passou o polegar sobre meu mamilo enrijecido e senti um calor por dentro, um desejo que parecia tão estranho quanto o toque dele.

Lutando contra a vontade de me afastar, umedeci os lábios secos. — Você é muito direto, não é?

— Não tenho tempo para joguinhos. — Os olhos dele brilharam quando o polegar passou sobre meu mamilo novamente. — Nós dois sabemos por que estou aqui.

— Para fazer sexo comigo.

— Sim. — Ele não se deu ao trabalho de suavizar a situação, de oferecer algo além da verdade brutal. Ele ainda segurava meio seio, tocando na pele nua como se fosse um direito. — Para fazer sexo com você.

— E se eu disser não? — Eu não sabia por que perguntara aquilo. Não era assim que deveria agir. Eu deveria estar seduzindo-o, não tentando afastá-lo. Ainda assim, alguma coisa dentro de mim se rebelou com a suposição casual dele de que eu estava disponível. Outros homens tinham achado isso antes, mas eu não me incomodara tanto. Não sabia qual era a diferença desta vez, mas eu queria que ele se afastasse, que parasse de me tocar. Eu queria tanto isso que minhas mãos se fecharam no lado do corpo e meus músculos ficaram tensos com a vontade de lutar.

— Você está dizendo não? — Ele fez a pergunta calmamente, com o polegar circulando meu mamilo. Enquanto eu procurava uma resposta, ele enfiou os dedos nos meus cabelos, segurando possessivamente a parte de trás da minha cabeça.

Eu o encarei, prendendo a respiração. — E se estivesse? — Para meu desgosto, minha voz saiu fraca e assustada. Era como se eu fosse virgem novamente, encurralada pelo treinador no vestiário. — Você iria embora?

Um canto da boca de Kent se ergueu em um meio sorriso. — O que você acha? — Os dedos dele puxaram meus cabelos com força suficiente para começar a doer. A outra mão dele sobre meu seio ainda era gentil, mas não importava.

Eu tinha minha resposta.

Portanto, quando a mão dele se afastou do meu seio e desceu pela minha barriga, não resisti. Em vez disso, abri um pouco as pernas, deixando que ele tocasse no meu sexo recém-depilado. E,

quando o dedo rígido me penetrou, não tentei me afastar. Fiquei parada, tentando controlar a respiração frenética, tentando me convencer de que aquela missão não era diferente das outras.

Mas era.

Eu não queria que fosse, mas era.

— Você está molhada — murmurou ele, encarando-me ao me penetrar mais fundo com o dedo. — Muito molhada. Você sempre fica molhada assim para homens que não quer?

— O que o faz pensar que não o quero? — Para meu alívio, a voz saiu mais estável desta vez. A pergunta saiu em tom suave, quase divertido, enquanto eu mantinha o olhar dele. — Deixei você entrar, não deixei?

— Você estava atrás *dele*. — A mandíbula de Kent ficou rígida e a mão na minha cabeça se moveu, agarrando meus cabelos. — Você o queria ontem.

— É verdade. — A exibição tipicamente masculina de ciúmes me deu mais confiança, colocando-me em um terreno mais familiar. Suavizei o tom, deixando-o mais sedutor. — E agora quero você. Isso o incomoda?

Kent estreitou os olhos. — Não. — Ele forçou um segundo dedo dentro de mim, simultaneamente pressionando o polegar sobre o clitóris. — Nem um pouco.

Eu queria dizer algo inteligente, mas não consegui. A onda de prazer foi atordoante. Meus músculos internos se contraíram contra os dedos ásperos e só consegui reprimir um gemido por causa das sensações resultantes. Involuntariamente, ergui as mãos, agarrando o braço dele. Eu não sabia se estava tentando afastá-lo ou fazer com que continuasse, mas não importava. Sob a lã macia do suéter, o braço de Kent tinha músculos de aço. Eu não conseguiria controlar os movimentos dele, apenas segurar-me enquanto ele me penetrava mais fundo com os dedos implacáveis.

— Gosta disso, não é? — murmurou ele, encarando-me. Soltei uma exclamação quando ele começou a mover o polegar sobre o

clitóris, de um lado para o outro e depois de cima para baixo. Os dedos se moveram dentro de mim e reprimi um gemido quando ele atingiu um ponto que lançou uma onda de choque pelos meus nervos. Uma tensão começou a se acumular dentro de mim, com o prazer intensificando-se. E, chocada, percebi que eu estava prestes a gozar.

Meu corpo, normalmente lento para responder, latejava com uma necessidade dolorosa do toque de um homem que me assustava... algo que me deixou atônita e nervosa.

Sem saber se ele percebeu isso no meu rosto ou se apenas sentiu a tensão no meu corpo, vi quando suas pupilas se dilataram e os olhos pálidos ficaram mais escuros. — Sim, isso mesmo. — A voz dele estava baixa e profunda. — Goze para mim, linda... — o polegar pressionou o clitóris com mais força — ... desse jeito.

E gozei. Com um gemido estrangulado, gozei em volta dos dedos dele, sentindo as unhas se enterrarem na minha carne. Minha visão ficou turva e minha pele ficou arrepiada com aquela onda de sensações. Meus joelhos fraquejaram e fiquei de pé apenas por causa da mão dele nos meus cabelos e os dedos dentro de mim.

— Pronto — disse ele com voz densa. E, quando o mundo ficou focalizado novamente, vi que ele me observava intensamente. — Foi bom, não foi?

Não consegui nem mesmo assentir, mas ele não parecia precisar de confirmação. E por que precisaria? Eu consegui sentir a umidade que revestia os dedos masculinos, que ele tirou lentamente de dentro de mim, observando meu rosto o tempo inteiro. Eu queria fechar os olhos ou, pelo menos, afastá-los daquele olhar penetrante, mas não consegui.

Não sem que ele percebesse o quanto me assustava.

Portanto, em vez de recuar, eu também o encarei, vendo os sinais de excitação nas feições fortes. A mandíbula dele estava rígida enquanto ele me encarava, com um músculo pulsando perto da orelha direita. E, mesmo com o bronzeado da pele, percebi que

ele estava corado.

Ele me queria muito... e isso me incentivou a agir.

Baixei a mão, segurando o volume grande na virilha dele. — Foi ótimo — sussurrei, olhando para ele. — E agora é sua vez.

As pupilas dele se dilataram ainda mais e ele respirou fundo. — Sim. — A voz dele estava grossa de desejo e Kent usou a mão que estava nos meus cabelos para me puxar para mais perto. — Sim, acho que sim. — E, antes que pudesse reconsiderar a sabedoria da minha provocação aberta, ele abaixou a cabeça e capturou meus lábios.

Soltei uma exclamação, abrindo os lábios com surpresa. Ele imediatamente se aproveitou, aprofundando o beijo. A boca de aparência dura foi surpreendentemente suave sobre a minha, os lábios quentes e macios enquanto a língua explorava faminta o interior da minha boca. Havia habilidade e confiança naquele beijo. Era o beijo de um homem que sabia como dar prazer a uma mulher, como seduzi-la com nada além do toque dos lábios.

O calor que me queimava por dentro se intensificou e a tensão começou a se acumular novamente. Ele me segurava tão perto que meus seios nus ficaram pressionados contra o suéter, com a lã friccionando os mamilos rígidos. Senti a ereção dele encostada na minha barriga, revelando o quanto me queria, como era raso o fingimento de controlar a realidade. Percebi que o roupão caiu dos meus ombros, deixando-me completamente nua. Em seguida, esqueci completamente de tudo quando ele soltou um gemido rouco e empurrou-me contra a parede.

O choque da superfície fria nas minhas costas deixou minha mente clara por um segundo, mas ele já estava abrindo o zíper da calça, colocando os joelhos entre minhas pernas e abrindo-as, enquanto erguia a cabeça para me encarar. Ouvi o som de uma embalagem sendo rasgada. Em seguida, ele segurou minhas nádegas e ergueu-me do chão. Instintivamente, agarrei os ombros dele, sentindo o coração bater mais rápido ao ouvir uma ordem: —

Passe as pernas em volta de mim. — Logo depois, ele me abaixou sobre o pênis rígido sem afastar os olhos dos meus.

A investida foi dura e profunda, penetrando-me completamente. Fiquei sem fôlego com a força, com a brutalidade da invasão. Meus músculos internos se contraíram em volta dele, futilmente tentando mantê-lo fora de mim. O pênis era tão grande quanto o restante dele, tão longo e grosso que senti dor. Se eu não estivesse tão molhada, ele teria me rasgado. Mas eu estava molhada e, depois de alguns momentos, meu corpo começou a amaciar, ajustando-se a ele. Inconscientemente, levantei as pernas, prendendo-as em volta do quadril de Kent, como ele instruíra. A nova posição permitiu que ele me penetrasse ainda mais fundo, fazendo com que eu gritasse com a sensação.

Ele começou a se mover, com os olhos brilhando ao me observar. Cada investida era tão forte quanto a primeira que nos unira, mas meu corpo não tentou mais lutar. Em vez disso, facilitou o caminho produzindo mais umidade. A cada investida, a virilha dele encostava em meu sexo, pressionando o clitóris. A tensão dentro de mim voltou, crescendo a cada segundo. Atordoada, percebi que eu estava prestes a ter um segundo orgasmo... e a tensão explodiu, eletrizando minhas terminações nervosas.

Senti minha própria pulsação, a forma como meus músculos apertavam e liberavam o pênis. Em seguida, vi quando os olhos dele ficaram desfocados quando Kent parou de investir. Um gemido profundo escapou de sua garganta e notei que ele também gozara, com meu orgasmo sendo a gota d'água.

Com a respiração pesada, olhei para ele e observei quando os olhos azuis focalizaram novamente em mim. Ele ainda estava dentro de mim e, subitamente, a intimidade se tornou insuportável. Ele não era ninguém para mim, era um estranho, mas trepara comigo.

Ele trepara comigo e eu deixara, pois era o meu trabalho.

Engolindo em seco, empurrei o peito dele e tirei as pernas que o

envolviam. — Por favor, ponha-me no chão. — Eu sabia que deveria bajulá-lo, dizer como fora incrível, como me dera mais prazer do que qualquer outro homem. E não seria uma mentira... eu nunca gozara duas vezes com um homem. Mas não consegui. Eu me sentia exposta demais, invadida demais.

Com aquele homem, eu não estava no controle e isso me assustava.

Eu não sabia se ele sentia isso ou se só queria brincar comigo, mas um sorriso sardônico surgiu em seus lábios.

— É tarde demais para se arrepender, minha linda — murmurou ele. Antes que eu conseguisse responder, ele me colocou no chão e soltou minhas nádegas. O pênis mole saiu do meu corpo quando Kent recuou e observei, com a respiração ainda irregular, quando ele casualmente tirou a camisinha e jogou-a no chão.

Por algum motivo, aquela ação me fez corar. Havia algo muito errado e sujo sobre aquela camisinha jogada lá. Talvez porque eu me sentia como ela: usada e descartada. Vendo meu roupão no chão, avancei para pegá-lo, mas a mão de Lucas no meu braço me impediu.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, encarando-me. Ele não parecia nem um pouco preocupado com a calça ainda aberta e o pênis pendurado para fora. — Ainda não terminamos.

Meu coração deu um salto. — Não?

— Não — respondeu ele, aproximando-se de mim. Chocada, senti quando ele endureceu contra minha barriga. — Estamos longe de ter terminado.

E, agarrando meu braço, ele me empurrou em direção à cama.

*Y*ulia

COM A MENTE TUMULTUADA, SENTEI-ME NA BEIRADA DA CAMA E observei Lucas tirar a roupa.

Primeiro, ele tirou o suéter, revelando uma camiseta justa sobre o peito musculoso. Em seguida, ele tirou os sapatos, a calça e a cueca preta. As pernas dele eram tão fortes como pareciam ser sob a roupa, muito musculosas e bronzeadas como o rosto. O pênis, já duro novamente, saía de um tufo de pelos loiros na virilha. E, ao tirar a camiseta, vi o abdômen bem definido e o peito esculpido.

Lucas Kent tinha o corpo de um atleta, lindo e forte.

Enquanto eu o observava, senti uma estranha necessidade de tocar nele. Não em um esforço de agradá-lo nem porque era o esperado de mim, mas porque eu queria. Queria saber como seria sentir os músculos sob a ponta dos dedos, se a pele bronzeada era macia ou áspera. Eu queria lamber o pescoço dele e descobrir qual era o gosto daquela pele que parecia quente.

Não fazia o menor sentido, mas eu o queria. Eu o queria, mesmo ainda estando dolorida depois da trepada um pouco violenta, mesmo sabendo que ele deveria ser apenas uma missão, mais nada.

Ele chutou as roupas para o lado e andou na minha direção. Não me mexi enquanto ele se aproximava. Na verdade, mal respirei. Quando ele chegou bem perto, parou e agachou-se — Deite de costas — murmurou ele, segurando meus tornozelos. Antes que eu conseguisse perceber o que fazia, ele me puxou em sua direção, sem parar até que meu traseiro estivesse parcialmente para fora do colchão.

— O que você... — comecei a dizer, mas ele me ignorou, usando uma mão forte para me empurrar para o colchão. Caí de costas, com o coração batendo forte, e foi quando senti.

Senti o hálito quente dele em meu sexo quando abriu minhas coxas.

Minha respiração acelerou novamente e um calor invadiu meu corpo quando ele beijou as dobras fechadas. Os lábios dele eram macios e gentis. Mal havia pressão sobre o clitóris, mas eu estava tão sensível por causa dos orgasmos anteriores que até mesmo aquele toque leve deixou meus nervos à flor da pele. Soltei uma exclamação, arqueando o corpo na direção dele. Lucas riu baixinho e o som baixo criou vibrações que percorreram minha pele, aumentando a dor crescente em mim.

— Lucas, espere. — Minha voz soou sem fôlego, em pânico por causa da necessidade que ele criava em mim. O teto ficou borrado em frente aos meus olhos. — Espere, não...

Ele me ignorou novamente, passando a língua pelas minhas dobras e aventurando-se em minha abertura. Quando ele começou a me foder com a língua, esqueci o que queria dizer. Esqueci tudo. Fechei bem os olhos e o mundo à minha volta desapareceu, deixando apenas a escuridão e a sensação da língua dele entrando e saindo de mim. Eu estava tão inchada e sensível que a língua dele

parecia tão grande quanto o pênis, exceto que era mais macia e flexível. Ele moveu a língua mais para cima, circulando o clitóris, e fiquei tensa, como se fosse uma corda cada vez mais apertada.

— Lucas, por favor... — As palavras saíram como um pedido estrangulado. Eu não sabia o que queria, mas ele parecia saber, pois fechou os lábios em volta do clitóris latejante e chupou-o, gentilmente, de leve, usando apenas os lábios. E foi o que bastou. A tensão se acumulou em uma bola pulsante em meu sexo quando arqueei o corpo... e gozei com um grito quando o orgasmo me atingiu com força estonteante. Cada célula do meu corpo se encheu com o prazer da liberação e meu coração galopou dentro do peito.

Antes que eu conseguisse me recuperar, ele me virou de bruços, deitando-me sobre a beirada da cama. Ouvi outra embalagem sendo rasgada e, um segundo depois, ele me penetrou. Soltei um grito, agarrando o lençol com as duas mãos enquanto ele investia em um ritmo duro e rápido, com tanta força que deveria doer... mas meu corpo estava além disso. Só o que eu sentia era desejo. Eu estava embriagada com as sensações que ele me causava. Enquanto ele investia, os movimentos forçavam meu sexo contra a beirada do colchão, criando uma pressão rítmica no clitóris, e explodi novamente, gritando o nome dele. Mas ele não parou.

Ele continuou trepando comigo, enterrando os dedos nos meus quadris ao me penetrar repetidamente.



ACORDEI ACONCHEGADA NELE, OS CORPOS GRUDADOS POR CAUSA do suor. Eu não me lembrava de ter dormido nos braços dele, mas deveria ter acontecido, pois era onde estava naquele momento, rodeada pelo corpo forte.

Estava escuro e ele dormia. Ouvi a respiração regular, sentindo o peito dele subir e descer enquanto repousava a cabeça em seu

ombro. Minha boca estava seca e a bexiga parecia prestes a explodir. Tentei tirar o braço pesado dele de cima de mim... que imediatamente ficou tenso à minha volta.

— Aonde você vai? — A voz de Lucas estava rouca por causa do sono.

— Ao banheiro — expliquei com cuidado. — Preciso fazer xixi.

Ele levantou o braço e afastou as pernas das minhas. — Está bem, pode ir.

Eu me afastei dele e sentei-me, fazendo uma careta por causa da dor que sentia nas entranhas. Eu não sabia por quanto tempo ele me foderia naquela segunda vez, mas poderia ter sido facilmente mais de uma hora. Perdi a conta de quantas vezes gozei, pois os orgasmos se misturaram em uma onda sem fim de picos e vales.

Minhas pernas estavam cambaleantes quando me levantei e senti as coxas doloridas por terem ficado abertas por tanto tempo. Depois de me foder por trás, ele me virara e segurara meus tornozelos, mantendo minhas pernas bem abertas enquanto me penetrava tão fundo que implorei para que parasse. Obviamente, ele não parou. Simplesmente mudou a posição dos quadris e o ângulo das investidas para atingir o ponto sensível dentro de mim. Esqueci completamente da dor, perdida no prazer incrível que ele me proporcionava.

Respirando fundo, forcei-me a voltar para o presente, com a bexiga relembrando-me de outra necessidade. Trêmula, andei até o banheiro para me aliviar. Em seguida, lavei as mãos, escovei os dentes e joguei água fria no rosto, tentando recuperar o equilíbrio.

Está tudo bem, disse a mim mesma ao encarar o rosto pálido no espelho. Tudo estava indo de acordo com o plano. O sexo incrível era um bônus, não um problema. E daí se aquele estranho implacável me fazia responder daquela forma? Não significava nada. Era apenas uma trepada, um ato físico sem significado.

Exceto que, com ele, não era sem significado.

Não. Fechei bem os olhos, forcei aquela voz a se calar e joguei mais água fria no rosto, afastando as dúvidas. Eu tinha um trabalho a fazer e não havia nada de errado em tratar aquela noite como uma vantagem dele.

Não havia nada de errado em me permitir sentir prazer... desde que eu não deixasse que isso significasse alguma coisa.

Sentindo-me ligeiramente mais eu mesma, voltei para a cama, onde Lucas me aguardava. Assim que me deitei ao lado dele, Lucas me puxou para perto, encostando o corpo nas minhas costas e cobrindo-nos com uma coberta. Soltei um suspiro de felicidade quando o calor dele me envolveu. O homem parecia uma fornalha, gerando tanto calor que instantaneamente me senti quente, esquecendo o frio sempre presente no apartamento.

— Quando você vai embora? — perguntei baixinho quando ele me acomodou de forma mais confortável, deitando minha cabeça sobre seu braço estendido e passando o outro braço sobre meu quadril. Era isso que eu precisava saber dele, o que devia a Obenko pelo meu fracasso, mas alguma coisa dentro de mim ficou tensa enquanto esperava a resposta de Lucas.

Aquela dor... não podia ser tristeza de pensar na partida dele.

Era algo que não fazia sentido.

Lucas beijou minha orelha. — De manhã — sussurrou ele, mordendo minha orelha de leve. O hálito quente dele fez com que eu me arrepiasse. — Tenho que sair daqui em umas duas horas.

— Ah. — Ignorando a onda irracional de tristeza, fiz uma conta mental rápida. De acordo com o relógio digital sobre a mesinha de cabeceira, passava um pouco das quatro horas da manhã. Se ele tinha que sair do meu apartamento por volta das seis horas, o avião deles provavelmente decolaria às oito ou às nove da manhã.

Obenko não tinha muito tempo para fazer o que pretendia com Esguerra.

— Não pode ficar mais um pouco? — Virei a cabeça para encostar os lábios no braço estendido de Lucas. Era o tipo de

pergunta que uma mulher que sentisse algo por um homem poderia fazer e não tive receio de que ele ficasse desconfiado.

Ele riu baixinho. — Não, minha linda, não posso. Você deveria ficar feliz com isso... — O braço sob mim se moveu e a mão dele deslizou para baixo para ficar sobre meu sexo — ... considerando como disse que estava dolorida.

Engoli em seco, lembrando-me de como, perto do fim da maratona sexual, eu implorara por misericórdia, sentindo as entranhas doloridas. Incrivelmente, senti um calor por dentro com a lembrança... e com o toque daquela mão grande e forte entre minhas pernas.

— Eu estou dolorida — sussurrei, torcendo para que ele parasse e, ao mesmo tempo, para que não parasse.

Para meu alívio e desapontamento, ele moveu a mão para o meu quadril, apesar de eu sentir o pênis endurecendo contra meu traseiro. O homem era uma máquina sexual, impossível de ser detido em seu desejo. De acordo com o arquivo que eu recebera, ele tinha trinta e quatro anos. A maioria dos homens depois da adolescência não queria fazer sexo três vezes em uma noite. Uma vez, talvez duas. Mas três? O pênis dele não deveria endurecer com tão pouca provocação.

Fiquei imaginando quanto tempo fazia desde que Lucas Kent estivera com uma mulher.

— Você voltará em breve? — perguntei, deixando aquele pensamento de lado. Era ridículo, mas a ideia dele com outras mulheres, de que ele desse a elas o mesmo tipo de prazer que me dera, fez com que meu peito se apertasse de uma forma desagradável.

— Não sei — respondeu ele, mexendo-se para que a ereção parcial estivesse mais confortável contra meu traseiro. — Talvez algum dia.

— Entendi. — Olhei para a escuridão, lutando contra a parte de mim que queria chorar como uma criança que perdera o brinquedo

favorito. Aquilo não era real. Nada daquilo era real. Se eu fosse mesmo uma intérprete, saberia que aquilo nada mais era do que um caso de uma noite. Mas eu não era a garota livre e despreocupada que fingia ser. Não fizera sexo com ele por diversão, fizera para conseguir informações. E, agora que as conseguira, precisava transmiti-las a Obenko imediatamente.

Quando a respiração de Lucas ficou regular, significando que ele dormira de novo, peguei meu celular com cuidado. Ele estava sobre a mesinha de cabeceira, a poucos centímetros de distância. Consegui pegá-lo sem perturbar Lucas, que ainda me segurava contra o próprio corpo. Ignorando a dor crescente no peito, digitei uma mensagem codificada para Obenko, avisando-o de que Kent estava comigo e a hora em que eles planejavam partir.

Se meu chefe planejava atacar Esguerra, aquele era um momento tão bom como qualquer outro, já que pelo menos um dos homens da equipe de segurança de Esguerra estava fora do caminho.

Assim que enviei a mensagem de texto, apaguei-a do meu telefone e recoloquei o aparelho sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, fechei os olhos e forcei-me a relaxar contra o corpo de Lucas.

Minha missão estava concluída, para o melhor ou para o pior.

*L*ucas

ACORDEI COM A SENSÇÃO ESTRANHA DE UM CORPO ESGUIO EM meus braços e o aroma leve de pêsego nas narinas. Abrindo os olhos, vi os cabelos loiros emaranhados espalhados sobre o travesseiro à minha frente e um ombro magro e pálido sob o cobertor.

Por um momento, a visão me deixou desorientado, mas lembrei-me logo em seguida.

Eu estava com Yulia Tzakova, a intérprete que os russos tinham contratado para a reunião do dia anterior.

As lembranças da noite anterior surgiram rapidamente, fazendo com que meu sangue fervesse.

Merda, fora algo quente. Mais do que quente. Escaldante.

Tudo nela fora perfeito e o sexo fora tão intenso que, só de pensar nele, fiquei de pau duro. Eu não sabia o que esperara ao bater na porta do apartamento dela, mas não fora o que acontecera

na noite anterior.

Eu a observara durante toda a reunião, gostando da forma como ela traduzia sem esforço nenhum, com a voz suave e sem sotaque. Não foi surpresa ela ter chamado minha atenção. Eu sempre gostara de loiras altas, de pernas compridas, e Yulia Tzakova era linda, com os olhos azuis claros e a estrutura óssea fina. Ela não comeu muito durante a refeição, apenas beliscando alguns aperitivos, mas bebeu chá. Eu me vi observando os lábios rosados e brilhantes tocando na borda da xícara de porcelana... na coluna branca da garganta movendo-se quando ela engolia. Eu queria sentir aqueles lábios fechando-se em volta da base do pênis e ver a garganta dela se mover ao engolir o sêmen. Eu queria tirar as roupas elegantes dela e deitá-la sobre a mesa para agarrar os cabelos longos e sedosos ao penetrá-la. Queria trepar com ela até que gritasse e gozasse.

Eu a queria... e ela parecia ter olhos apenas para Esguerra.

Mesmo agora, saber que ela flertara com meu chefe deixou-me um gosto amargo na boca. Não deveria importar. Esguerra sempre fora um ímã para garotas e eu nunca me importara com isso. Era divertido, na verdade, ver a forma como as mulheres se jogavam sobre ele, mesmo quando suspeitavam de como realmente era. Até mesmo a esposa dele, uma garota norte-americana bonita e pequena que ele sequestrara quase dois anos antes, parecia ter se apaixonado por ele. Era lógico que Yulia tentaria alguma coisa com ele... ou, pelo menos, foi o que eu disse a mim mesmo enquanto a observava encarar Esguerra durante toda a reunião.

Se ela o queria, que o pegasse.

Exceto que ele não a queria. Foi uma surpresa para mim, apesar de, nos dois anos anteriores, eu não ter visto Esguerra ficar com mulher nenhuma. Ele simplesmente ia para a ilha particular o tempo todo. Eu só descobrira poucos meses antes que ele mantinha a garota norte-americana lá, a garota com quem acabara casando-se. A garota, Nora, devia ter cuidado das necessidades dele o tempo

inteiro. E ainda devia estar cuidando de forma excepcionalmente eficiente, considerando que Esguerra nem sequer olhara para Yulia.

Também fiquei tentado a esquecer a intérprete, exceto que ele me pedira para revistá-la. Ela ficou parada, tremendo sob o casaco elegante, e tive a oportunidade de senti-la, de correr as mãos pelo seu corpo em busca de armas. Não havia nada, mas a respiração dela mudou quando a toquei. Ela não olhou para mim, não se mexeu, mas senti uma mudança leve em sua respiração, vi o rosto pálido corar. Até então, eu não achava que ela estivesse ciente de mim como homem. Mas aquele momento me fez perceber que sim... e que, por algum motivo, ela lutava contra a atração. Portanto, quando Esguerra recusou o convite dela, tomei a decisão impulsiva de tomá-la para mim.

Apenas por uma noite, apenas para aplacar o desejo.

Não foi difícil conseguir o endereço dela, bastou um telefonema para Buschekov. Logo depois, apareci na porta do apartamento dela, esperando ver a mesma jovem confiante e elegante que flertara com meu chefe.

Mas não foi essa jovem que me recebeu.

Foi uma garota que mal parecia ter chegado aos vinte anos, com o belo rosto sem maquiagem e o corpo alto e esguio enrolado em um roupão nada elegante. Ela me deixou entrar no apartamento depois que eu disse explicitamente o que queria, mas a expressão nos olhos azuis arregalados era a de um coelho encurralado. Por um minuto, duvidei que ela quisesse minha presença, pois parecia tão nervosa como um coelho enfrentando uma raposa. A ansiedade de Yulia era tão palpável que me perguntei se não cometera um erro ao procurá-la, como se tivesse entendido errado a extensão da experiência dela ou o nível de seu interesse em mim.

Só um toque, pensei enquanto ela guardava meu casaco. *Só um toque* e, se ela não me quisesse, partirei. Eu nunca forcara uma mulher na vida e não pretendia começar com aquela garota... uma garota que parecia estranhamente inocente apesar das conexões

corruptas no Kremlin.

Uma garota que eu queria mais a cada segundo.

Eu disse a mim mesmo que pararia depois do primeiro toque, mas, assim que encostei nela, sabia que era mentira. A pele sedosa era muito macia e os olhos da mandíbula tão delicados que eram quase frágeis. Minha mão parecia escura e áspera contra a perfeição pálida dela. A palma da minha mão era tão grande que poderia ter esmagado o rosto dela com um aperto forte dos dedos.

Ela ficou imóvel ao ser tocada e percebi uma veia pulsando no lado do pescoço dela. Quando eu a revistara mais cedo, ela parecia estar usando um perfume caro, mas não era mais o caso. Parada à minha frente, com o rosto corado, ela cheirava a pêssegos e inocência. Logicamente, eu sabia que era do sabonete que ela usara no banho, mas minha boca ainda se encheu d'água com a vontade de lambê-la, de sentir o gosto daquela pele limpa com cheiro de fruta.

De ver o que estava escondido sobre aquele roupão grande e nada sexy.

Ela disse algo sobre uma bebida, ou talvez sobre café, mas mal ouvi as palavras. Toda minha atenção estava na faixa de pele pálida visível na parte de cima do roupão. — Não — disse eu automaticamente —, nada de café. — Em seguida, estendi a mão para segurar o cinto do roupão. Minha mão pareceu agir por conta própria.

O roupão se abriu, revelando um corpo saído diretamente dos meus sonhos eróticos. Seios altos e fartos com mamilos rosados rígidos, uma cintura fina o suficiente para que eu a envolvesse com as mãos, quadris gentilmente curvos e pernas longas, muito longas. E, entre aquelas pernas, nem um pelo sequer, apenas o monte liso e exposto.

Meu pênis ficou tão duro que senti dor.

Ela ficou ainda mais corada, com o rosto e o colo vermelhos. O resto de autocontrole que eu ainda tinha desapareceu. Toquei no

seio dela, passei o polegar sobre o mamilo e observei suas pupilas dilatarem, deixando os olhos azuis mais escuros.

Ela respondia a mim. Ainda assustada, talvez, mas respondia.

Não foi muito, mas foi o suficiente. Eu não teria conseguido me afastar mesmo se uma bomba explodisse ao meu lado.

— Você é muito direto, não é? — sussurrou ela, olhando para mim. Eu disse a ela que não tinha tempo para joguinhos. Era verdade, mas apenas porque o desejo que eu sentia era mais intenso e violento do que qualquer coisa que já sentira. Naquele momento, eu teria feito qualquer coisa para tê-la, teria cruzado qualquer limite... cometido qualquer crime.

— E se eu disser não? — perguntou ela, com a voz ligeiramente trêmula. Precisei de toda minha força de vontade para perguntar se ela estava realmente dizendo não. Consegui manter o tom calmo, circulando o mamilo gentilmente com o polegar. Coloquei a outra mão em seus cabelos, mas ela não me deu uma resposta direta. Em vez disso, perguntou-me o que eu faria naquele caso, se iria embora.

— O que você acha? — perguntei, ficando imóvel enquanto tentava descobrir a resposta, mas ela não respondeu. Ela deveria ter sentido o desejo violento dentro de mim e decidiu parar de me provocar. Percebi a aceitação em seus olhos, senti a forma como ela se inclinou ligeiramente na minha direção, como se estivesse dando-me permissão.

E eu toquei nela, sentindo o calor entre suas pernas.

Penetrei a boceta apertada com o dedo e senti a umidade.

Ela me queria... a não ser que aquela umidade não fosse para mim.

A não ser que ela estivesse pensando em Esguerra naquele momento.

A ideia me deixou furioso. — Você sempre fica tão molhada para homens que não quer? — perguntei, incapaz de esconder o ciúme irracional. Ela disse que me queria. Ela quisera Esguerra

antes e agora me queria.

— Isso incomoda você? — perguntou ela. E, pela primeira vez desde minha chegada ao apartamento, ela pareceu a mulher experiente e confiante do restaurante, em vez da garota assustada que me recebera.

A dicotomia me deixou fascinado e excitado, apesar de a raiva ainda queimar nas minhas veias. — Não — respondi, enfiando outro dedo no canal escorregadio e encontrando o clitóris com o polegar. — Nem um pouco.

Os olhos dela perderam o foco e senti a boceta apertando meus dedos, ficando ainda mais molhada com meu toque. As mãos dela agarraram meu braço como se ela quisesse me deter, mas seu corpo recebeu meu toque. Eu a observei cuidadosamente, vendo cada mudança na expressão em seu rosto, ouvindo cada gemido enquanto movia meus dedos dentro e em volta da boceta. A resposta dela foi tão intensa que não demorei para descobrir do que gostava, o que a fazia se contrair em volta dos meus dedos. Percebi o corpo dela começar a ficar tenso, a respiração mais acelerada. Meu pênis ficou tão duro que pareceu que explodiria.

— Sim, isso mesmo. — Pressionei o clitóris com mais força. — Goze para mim, minha linda, desse jeito.

E ela gozou. Seu olhar ficou distante e a boceta se contraiu em volta dos meus dedos. Eu a segurei até que as contrações parassem, ainda agarrando os cabelos sedosos. Em seguida, eu disse com satisfação: — Pronto. Foi bom, não foi?

Ela não respondeu de imediato e, por um momento, perguntei-me se tinha entendido errado, se de alguma forma eu a estava forçando. Mas logo em seguida ela estendeu a mão e segurou meus testículos por cima da calça. — Foi — sussurrou ela, olhando para mim. — E agora é sua vez.

Era o convite de que eu precisava. Senti-me como uma fera libertada, mas ainda assim consegui beijá-la de forma semicivilizada, sentindo o gosto de seus lábios em vez de devorá-

los, apesar de tudo dentro de mim querer fazer isso. A boca de Yulia era deliciosa, com gosto de chá e mel. Por um minuto, consegui manter um certo controle, fingir que não era um selvagem.

Exceto que eu era... e, quando o roupão caiu dos ombros dela, perdi o controle, empurrando-a contra a parede. Foi somente por causa do hábito de duas décadas que me lembrei de colocar uma camisinha. Em seguida, eu a ergui e ordenei que passasse as pernas em volta dos meus quadris quando a penetrei, incapaz de esperar mais um segundo.

Ela era tão incrivelmente apertada e quente que quase gozei, especialmente quando seus músculos se contraíram em volta de mim e o corpo ficou tenso quando a penetrei. Preocupado em não a machucar, parei por um momento, esperando até que ela colocasse as pernas em volta de mim. Em seguida, comecei a penetrá-la com força, motivado por um desejo mais forte do que jamais sentira. Eu queria penetrá-la tão fundo que nunca mais conseguiria sair, tomá-la com tanta força que deixaria minha marca em sua carne.

Eu a observei enquanto a penetrava e percebi o momento exato em que ela gozou. Seus olhos se arregalaram, como que de surpresa, e senti os músculos contraindo-se em volta do pênis. A sensação foi tão intensa que não consegui conter o meu orgasmo. Ele me atingiu de forma incontável e investi, sentindo uma necessidade de chegar o mais fundo possível, de me fundir com ela naquele prazer explosivo.

Foi o melhor orgasmo que senti na vida. Senti-me consumido pelo gosto dela, pela sensação de sua carne. Por alguns momentos, achei que ela sentira a mesma coisa... até que me empurrou. — Por favor, coloque-me no chão — disse ela, parecendo incomodada. Foi como um balde de água fria jogado na minha cabeça.

Eu lhe dera dois orgasmos e ela me encarava como se tivesse sido estuprada.

Como se eu a tivesse atacado em um beco escuro.

Alguma coisa em mim se revoltou. Curvando os lábios em um sorriso sardônico, eu disse: — É tarde demais para se arrepender, minha linda. — Abaixando-a até o chão, forcei-me a tirar as mãos do traseiro firme dela. Meu pênis saiu dela quando dei um passo atrás e a camisinha, cheia de sêmen, começou a se soltar.

Eu a tirei, deixando-a cair no chão. Os olhos dela seguiram o movimento e vi que seu rosto ficou muito vermelho novamente. Percebi que ela ficou constrangida e minha raiva se intensificou.

Ela me convidara a entrar. Ela me quisera, seu corpo me dissera isso, e agora agia como se tudo fosse um grande erro.

Como se não conseguisse se afastar de mim depressa o suficiente.

Bem, foda-se, decidi, sentindo o sangue ferver com uma mistura de fúria e desejo renovado. Se ela achava que eu a deixaria se safar, estava muito enganada.

E, pelo restante da noite, eu me dediquei a mostrar a ela como estava errada. Lambi sua boceta e trepei com ela até que me implorasse para parar, até que sua voz estivesse rouca de tanto gritar meu nome e meu pênis estivesse dolorido de tanto penetrar a carne apertada. Eu a fiz gozar algumas vezes antes de me permitir um segundo orgasmo. Depois, tive que me segurar para não trepar com Yulia uma terceira vez quando ela se levantou para usar o banheiro.

Tive que me segurar porque, de alguma forma, eu queria mais.

Eu ainda queria mais.

Filho da puta. Eu dissera a Yulia que talvez voltasse um dia, mas, se aquela fome insana não desaparecesse, teria que voltar a Moscou antes do planejado... talvez assim que terminássemos no Tajiquistão.

Sim, é isso, decidi ao me levantar e começar a me vestir.

Eu faria meu trabalho e, se a garota russa ainda estivesse na minha mente, voltaria para ela.

*Y*ulia

FINGI ESTAR DORMINDO ENQUANTO LUCAS SE VESTIA E SAÍA silenciosamente do apartamento. Quando ele fechou a porta atrás de si, ouvi a tranca automática ser acionada. Fiquei feliz por ele trancar a porta. Em Moscou, não era seguro deixar a porta destrancada nem mesmo por alguns minutos. Os criminosos eram ousados, cheios de recursos e pareciam ser onipresentes.

Fiquei deitada com os olhos fechados por mais um minuto até ter certeza de que Lucas não voltaria. Em seguida, saí da cama, ignorando a dor entre as pernas. Automaticamente, meus pensamentos se voltaram para a fonte daquela dor, mais uma vez, senti uma onda estranha de tristeza.

As chances eram de que eu nunca mais visse Lucas Kent.

Pare com isso, pensei. Não havia motivo para ficar pensando nele. Tínhamos trepado, nada mais. O que eu precisava agora era descobrir se Obenko tivera a oportunidade de atacar Esguerra

enquanto Kent estava fora do caminho. Em caso positivo, meu tempo ali finalmente teria terminado. Meu disfarce era muito bom, mas, quando os russos descobrissem que houvera um vazamento de informações, eu seria suspeita.

Telefonei para Obenko enquanto me vestia. — Alguma novidade? — perguntei quando ele atendeu.

— Temos um plano — respondeu ele. — Conseguimos descobrir o Boeing C-17 de Esguerra, é o único avião particular daquele tamanho agendado para decolar nas próximas horas. Nosso contato no Uzbequistão tomará conta do resto.

Parei no meio do ato de fechar o zíper da bota. — O que quer dizer?

— O exército do Uzbequistão disparará um míssil quando o avião entrar no espaço aéreo deles — disse Obenko. — Acidentalmente, é claro. Os russos não gostarão, mas também não entrarão em guerra por causa de um traficante de armas. Nosso contato será preso e demitido, mas a família dele será muito bem recompensada.

— Você vai derrubar o avião de Esguerra? — Um nó gelado se formou na minha garganta. Eu não me importava com o que acontecesse com Esguerra, mas a ideia de Lucas morrer no meio dos metais retorcidos...

— Sim. Seria arriscado demais atacá-lo aqui. Ele tem mais de quarenta mercenários. Não temos como pegá-lo de outra forma.

— Entendi. — Senti um frio por dentro, como se alguém estivesse caminhando sobre meu túmulo. — Então, todos morrerão.

— Se tudo sair de acordo com o plano, sim. Eliminaremos a ameaça com um disparo e sem perder ninguém do nosso lado.

— Certo. — Tentei injetar um pouco de entusiasmo na voz, mas não sei se consegui. Eu só conseguia pensar no corpo grande de Lucas queimado e quebrado, os olhos pálidos vazios virados para o céu. Não deveria importar, pois ele não era nada para mim, mas não consegui tirar aquela imagem horrível da mente.

— Precisamos tirar você daí — disse Obenko, recuperando minha atenção. — Se os russos estiverem realmente investigando e nosso contato no Uzbequistão decidir falar, não demorará muito para que descubram como recebemos a informação. É uma pena, mas sabíamos quais eram os riscos dessa missão.

— Está bem. — Fechei os olhos com força e esfreguei o nariz. — Onde encontro a equipe?

— Pegue o trem para Kon'kovo. Teremos um carro pronto para você lá. — E o telefone ficou em silêncio.



DEMOREI MENOS DE VINTE MINUTOS PARA FAZER AS MALAS. EU morara em Moscou durante seis anos, mas tinha poucos pertences importantes. Maquiagem, uma escova de cabelos, uma muda de roupas íntimas, meu passaporte falso, minha arma, tudo guardado dentro da bolsa Gucci grande. Também me preocupei em vestir algo quente e elegante: calças *jeans* de marca, botas até os joelhos, um suéter de caxemira e uma jaqueta grossa. Caso alguém me visse saindo do apartamento, eu pareceria como esperado: uma jovem saindo para o trabalho e agasalhada contra o frio brutal.

Quando terminei de guardar tudo, limpei o apartamento inteiro para apagar minhas impressões digitais. Em seguida, saí, trancando cuidadosamente a porta atrás de mim. Eu não me importaria se algum ladrão entrasse, mas não precisava facilitar as coisas.

Ninguém parecia estar vigiando o apartamento quando saí para a rua, mas ainda fiquei de olho nos arredores, garantindo que não fosse seguida.

Ao me aproximar da estação do metrô, surgiram novamente pensamentos sobre Lucas, fazendo-me estremecer apesar das roupas quentes. Eu deveria estar feliz, pois estivera esperando ser retirada dali por meses, mas não conseguia tirar o destino de Lucas

da mente.

Ele morreria depressa ou devagar? Morreria por causa do míssil ou da queda do avião? Ficaria consciente por tempo suficiente para perceber que morreria em breve?

Ele imaginaria que eu tivera algo a ver com o que acontecera?

O nó na garganta ficou maior, fazendo com que eu me sentisse prestes a engasgar. Por um momento insano, tive uma vontade imensa de telefonar para ele, de lhe dizer que não entrasse naquele avião. Cheguei a pegar o celular que estava na bolsa, mas coloquei-o no bolso e afastei a mão.

Idiota, idiota, idiota, xinguei a mim mesma ao descer a escada para a estação do metrô. Eu nem tinha o número do telefone de Kent. E, mesmo se tivesse, avisá-lo significaria trair Obenko e meu país.

Significaria trair Misha.

Não, nunca. Respirei fundo, ignorando a pressa dos moradores de Moscou por todo lado. Àquelas alturas, a operação estava fora das minhas mãos. Mesmo se eu quisesse mudar alguma coisa, não poderia. Obenko e a equipe dele estavam no controle agora e a melhor coisa que eu poderia fazer era sair rapidamente da Rússia.

Além do mais, mesmo se Lucas Kent não estivesse envolvido com o traficante de armas que acabara de se tornar inimigo da Ucrânia, não havia lugar na minha vida para um romance. Não deveria importar se Kent estava vivo ou morto... de qualquer forma, eu não o veria de novo.

A aproximação do trem afastou aqueles pensamentos sombrios. As pessoas em volta me empurraram para a frente, abrindo caminho para o trem cheio. Apressei-me para conseguir entrar antes que as portas se fechassem.

Por sorte, consegui. Segurei-me em um apoio, espremi-me entre duas mulheres de meia idade e fiz o possível para ignorar os olhares de um velho sentado à minha frente. Depois de poucas horas, eu não teria mais que aguentar o sistema de metrô de

Moscou.

Estaria a caminho de Kiev, onde era o meu lugar.

Fechei os olhos e tentei me concentrar naquilo... em voltar para casa.

Em estar perto de Misha, mesmo se não pudesse encontrá-lo pessoalmente.

Meu irmão tinha agora quatorze anos. Eu vira as fotografias. Ele era um adolescente bonito, com olhos azuis brilhantes e maliciosos. Em todas as fotografias, ele estava sorrindo, ao lado dos amigos. Ele era sociável, dissera Obenko.

Estava feliz com a vida que tinham lhe dado.

Sempre que eu recebia uma daquelas fotografias, olhava para ela por horas, imaginando se ele se lembrava de mim. Imaginando se ele me reconheceria se eu me aproximasse na rua. Era improvável, pois fora adotado quando tinha apenas três anos, mas eu ainda gostava de imaginar que uma parte dele me reconheceria.

Que ele se lembraria da forma como eu cuidara dele durante aquele ano brutal no orfanato.

Um aviso nos alto-falantes interrompeu meus devaneios. Abrindo os olhos, percebi que o trem reduzia a velocidade.

— Pedimos desculpas pelo atraso — repetiu o condutor quando o trem parou completamente. — O problema deverá estar resolvido em breve.

Os passageiros à minha volta resmungaram em uníssono. A mulher de meia idade à minha esquerda começou a xingar, enquanto que a outra à direita resmungou algo sobre oficiais corruptos embolsando dinheiro público em vez de consertar as coisas. Não era o primeiro atraso naquele mês. As temperaturas extremas daquele inverno tinham cobrado um preço alto das estradas e dos trilhos subterrâneos do metrô, exacerbando o pesadelo que era Moscou nas horas de maior trânsito.

Reprimi um suspiro de impaciência e verifiquei o celular. Como esperado, não tinha sinal. As paredes grossas do túnel

bloqueavam a recepção dos celulares e eu não tinha como avisar que me atrasaria.

Ótimo. Que ótimo.

Guardei o telefone, tentando não demonstrar minha frustração. Com um pouco de sorte, o problema seria algo que exigiria uma solda ou algo parecido, em vez de uma coisa mais séria. No mês anterior, um cano estourara e causara engarrafamentos em toda Moscou, causando atrasos de mais de três horas no metrô. Se fosse novamente algo assim, talvez eu não chegasse a tempo no local da extração.

Contra minha vontade, meus pensamentos voltaram para Lucas. No fim da tarde, o avião dele provavelmente estaria no espaço aéreo do Uzbequistão. Talvez ele até mesmo estivesse morto no fim da tarde. Senti uma onda de ácido no estômago ao imaginar o corpo dele despedaçado, destruído pela explosão e pela queda.

Pare com isso, Yulia. A queimação no estômago se intensificou, transformando-se em um roncar vazio, e percebi aliviada que me esquecera de tomar café da manhã. Eu estava com tanta pressa para fazer as malas e sair que nem sequer comera uma maçã.

Não era surpresa que estivesse enjoada. Não tinha nada a ver com Kent, e sim com o fato de estar com fome.

Sim, é isso, disse eu a mim mesma. Quando o trem começasse a andar de novo e eu chegasse ao meu destino, comeria alguma coisa e tudo ficaria bem.

Eu estaria segura em Kiev e não pensaria nunca mais em Lucas Kent.

*L*ucas

QUANDO CHEGUEI AO AVIÃO, A EQUIPE INTEIRA, INCLUINDO Esguerra, já estava a bordo e vestindo roupas de combate. Os coletes eram à prova de balas e de chamas, o que os tornava ridiculamente caros. Eu me sentia grato por Esguerra insistir que todos os usassem em cada missão, pois ajudavam a diminuir as baixas entre nossos homens.

Fui o último a embarcar e, como era o piloto, assim que fiquei pronto, decolamos em direção ao Tadjiquistão, onde a organização terrorista Al-Quadar fizera a base mais recente. Esguerra a descobrira recentemente e, como os idiotas tinham fodido com ele quando sequestraram sua esposa alguns meses antes, estava determinado a varrê-los do mapa. Os russos tinham nos dado passagem livre, o que fora o motivo da reunião com Buschekov, portanto, eu não esperava problema algum. Ainda assim, fiquei de olho no radar ao nos afastarmos de Moscou e chegarmos mais perto

do centro da Ásia.

Naquela parte do mundo, todo cuidado era pouco.

Quando chegamos à altitude de cruzeiro, liguei o piloto automático e verifiquei todas as minhas armas, desmontando-as para limpá-las antes de montá-las de novo. Era uma das primeiras coisas que eu aprendera na marinha: garantir que as armas estivessem em boas condições antes de cada batalha. Os equipamentos de Esguerra eram os melhores e nunca deram problema na minha mão, mas sempre havia uma primeira vez.

Satisfeito de que tudo estava em excelentes condições, guardei as armas e olhei novamente para o radar.

Nada fora do comum.

Recostando-me no assento, estendi as pernas. Eu já começava a sentir o início da onda de adrenalina, a excitação nas veias.

A ansiedade que acontecia antes de cada luta.

Meu corpo e minha mente já se preparavam, apesar de ainda termos algumas horas antes de chegarmos ao nosso destino.

Era aquilo que eu amava fazer. Lutar estava no meu sangue. Fora por isso que eu me alistara na Marinha assim que terminara o ensino médio, era por isso que não aguentara a ideia de seguir o caminho que meus pais tinham traçado para mim. Universidade, curso de direito, trabalhar na firma de advocacia famosa do meu avô... eu não conseguia me imaginar fazendo nada disso. Eu teria sufocado em um tipo de vida assim, engasgado até a morte nas salas da elite de Manhattan.

Minha família, obviamente, não entendia. Para eles, a advocacia corporativa, bem como o dinheiro e o prestígio que a acompanhavam, era o máximo do sucesso. Não conseguiam compreender como eu queria fazer algo diferente, por que não queria ser o menino de ouro deles.

— Se não quer fazer direito, você poderia tentar medicina — dissera meu pai quando expressei minha preocupação a ele no final do ensino médio. — Ou, se não quiser estudar por tanto tempo,

poderia entrar para bancos de investimento. Posso conseguir um estágio para você na Goldman Sachs neste verão, seria ótimo para entrar para a Universidade de Princeton.

Não aceitei a oferta dele. Eu não sabia, naquele momento, qual era o meu lugar, mas sabia que não era na Goldman Sachs. E não era em Princeton nem na escola preparatória que meus pais pagaram para mim. Eu era diferente dos meus colegas. Inquieto demais, cheio de energia. Eu jogava todos os esportes que podia, participava de todas as aulas de artes marciais que encontrava, mas não era suficiente.

Alguma coisa estava faltando.

Descobri o que era em uma noite no último ano da escola, quando fora cambaleando bêbado para casa depois de uma festa no Brooklyn. Em uma estação vazia do metrô, fui atacado por um grupo de brutamontes que queriam tirar dinheiro fácil de um garoto do Upper East Side. Eles estavam armados com facas e eu não tinha nada, mas estava bêbado demais para me importar. O treinamento que eu recebera nas aulas de artes marciais ajudou e encontrei-me na primeira luta real da minha vida.

Uma luta em que acabei esfaqueando um homem e vendo o sangue dele escorrer pelas minhas mãos.

Uma luta em que aprendi a extensão da violência que vivia dentro de mim.



ESTÁVAMOS VOANDO SOBRE O UZBEQUISTÃO, A POUCAS CENTENAS de quilômetros do destino, quando Esguerra entrou na cabine.

Ouvindo a porta se abrir, virei-me para olhar para ele. — Estamos no horário para chegar lá daqui a uma hora e meia — disse eu antes que ele perguntasse. — Há um pouco de gelo na pista e estão limpando-a para nós neste momento. Os helicópteros

já estão abastecidos e prontos para partir.

Precisávamos dos helicópteros para chegar às Montanhas Pamir, onde suspeitávamos que ficava o esconderijo dos terroristas.

— Excelente — disse Esguerra, com os olhos azuis brilhando. — Alguma atividade incomum naquela área?

Balancei a cabeça negativamente. — Não, está tudo quieto.

— Ótimo. — Ele entrou na cabine e sentou-se no banco do copiloto. — Como foi com a garota russa na noite passada? — perguntou ele, afivelando o cinto de segurança.

Senti uma pontada momentânea de ciúmes, mas depois me lembrei de como Yulia respondera a mim durante toda a noite. — Bem satisfatório — respondi, sorrindo com as imagens que encheram minha mente. — Você perdeu.

— Sim, tenho certeza disso — disse ele, mas vi ele não lamentava nem um pouco. O homem era obcecado pela jovem esposa. Eu tinha a sensação de que as mulheres mais bonitas do mundo poderiam desfilar nuas na frente dele e ele nem piscaria. Esguerra fora agarrado e justamente por uma garota que ele mantivera em cativeiro.

A ideia me fez sorrir. — Devo dizer que nunca esperei ver você como um homem casado e feliz — comentei, achando a ideia divertida.

Esguerra ergueu as sobrancelhas. — É mesmo?

Dei de ombros e meu sorriso desapareceu. Eu não era exatamente amigo do meu chefe, e nunca soubera que Esguerra fosse amigo de alguém, mas, por algum motivo, parecia mais amigável naquele dia.

Ou talvez eu estivesse de bom humor, graças a uma intérprete deslumbrante.

— Claro — disse eu a Esguerra. — Homens como nós normalmente não são considerados "bons para casamento".

Na verdade, eu não conseguia pensar em dois homens menos adequados à vida doméstica.

Esguerra deu uma risada. — Bem, não sei se, estritamente falando, Nora me considera "bom para casamento".

— Se não considera, deveria. — Voltei a atenção para os controles. — Você não trai, cuida bem dela e arriscou sua vida para salvá-la. Se isso não é ser um bom marido, então não sei o que é. — Enquanto eu falava, notei um movimento leve na tela do radar.

Franzindo a testa, olhei mais de perto.

— O que foi? — O tom de Esguerra ficou ríspido.

— Não sei... — comecei a dizer, mas, naquele momento, um baque violento sacudiu o avião, quase me jogando para fora do assento. O avião se inclinou para baixo e a adrenalina explodiu nas minhas veias enquanto eu ouvia o barulho frenético dos controles.

Fomos atingidos.

Aquilo estava muito claro na minha mente.

Agarrando os controles, tentei endireitar o avião enquanto atravessávamos uma camada grande de nuvens. Meu coração batia muito depressa. — Merda, merda, caralho, caralho...

— O que nos atingiu? — Esguerra soou calmo, quase desinteressado. Ouvi os motores rangendo e falhando. Em seguida, o cheiro de fumaça chegou até mim, juntamente com o som de gritos.

O avião estava pegando fogo.

Putá merda.

— Não sei — consegui dizer. O avião estava mergulhando de nariz e eu não conseguia endireitá-lo por mais de um segundo. — Isso importa?

O avião sacudiu, com os motores gritando de forma aterrorizadora ao mergulharmos diretamente para o solo abaixo. Os picos das Montanhas Pamir já estavam visíveis à distância, mas estávamos longe demais para conseguir chegar lá.

Íamos cair antes de chegar ao nosso destino.

Caralho, não. Não estou pronto para morrer.

Xingando, voltei a lutar com os controles, ignorando os

mostradores que me informavam da futilidade dos meus esforços. O avião nivelou sob meu comando, com os motores funcionando por um breve momento, mas logo mergulhamos novamente. Repeti a manobra, buscando todos os anos de experiência em pilotagem que eu tinha, mas não adiantou.

Só o que consegui fazer foi retardar a queda em alguns segundos.

Diziam que a vida passava em frente aos olhos antes da morte. Diziam que uma pessoa pensava em todas as coisas que poderia ter feito de forma diferente, em todas as coisas que não tivera oportunidade de pensar.

Eu não pensei em nada daquilo.

Estava consumido demais pela vontade de sobreviver o máximo possível.

Ao meu lado, Esguerra estava em silêncio, agarrando a borda do assento enquanto o chão subia rapidamente e os objetos pequenos abaixo ficavam cada vez maiores. Consegui ver as árvores, pois estávamos sobre uma floresta, e depois os galhos, sem folhas e cobertos de neve.

Estávamos perto agora, muito perto, e fiz uma última tentativa de guiar o avião, direcionando-o para um grupo de árvores menores e arbustos a cerca de cem metros de distância.

E foi onde caímos, batendo nas árvores com uma força inacreditável.

Estranhamente, meu último pensamento foi sobre ela.

A garota russa que eu nunca mais veria.

II

O CÁRCERE

CAPÍTULO 8

*Y*ulia

SETE HORAS E MEIA.

O trem ficou preso naquele túnel por sete horas e meia. O alívio que senti quando as portas finalmente se abriram na estação seguinte foi tão grande que estremeci.

Ou talvez tivesse estremecido por causa da fome e da sede. Era impossível dizer.

Saindo do maldito trem, abri caminho pela horda de pessoas estressadas e exaustas e entrei na escada rolante. Eu precisava telefonar para Obenko imediatamente. A equipe que me extrairia deveria estar muito preocupada.

— Yulia? Mas que diabos? — Como esperado, Obenko estava furioso. — Onde você está?

— Em Rizhskaya. — Dei o nome da estação de trem a cerca de vinte paradas do meu destino. — Eu estava na linha Kaluzhsko-Rizhskaya.

— Ah, merda. Você ficou presa por causa daquele idiota.

— Sim. — Encostei-me na parede gelada no topo da escada enquanto as pessoas passavam apressadas por mim. De acordo com a última atualização do condutor do trem, o motivo do atraso fora uma situação de tomada de reféns dois trens à nossa frente. Um cidadão da Chechênia tivera a brilhante ideia de prender uma bomba caseira no corpo e ameaçar explodi-la se suas exigências não fossem atendidas. A polícia conseguira dominá-lo, mas demorara horas para fazer isso com segurança. Considerando a gravidade da situação, foi um milagre conseguirmos sair do trem antes de cair a noite.

— Está bem. — Obenko pareceu um pouco mais calmo. — Vou pedir que a equipe volte para o local da extração. Os trens estão liberados?

— A linha Kaluzhsko-Rizhskaya não. Disseram que ela voltará a funcionar mais tarde hoje à noite. Vou ter que pegar um táxi. — Mudei o peso do corpo de um pé para o outro. Minha bexiga me lembrou que faziam horas desde que eu fora ao banheiro. Eu precisava fazer isso e comer, com extrema urgência. Mas, primeiro, havia algo que precisava saber. — Vasiliy Ivanovich — disse eu em tom hesitante, chamando meu chefe pelo nome completo —, a operação foi... bem-sucedida?

— O avião foi derrubado há uma hora.

Meus joelhos se dobraram e, por um momento estonteante, a estação ficou fora de foco. Se não fosse pela parede atrás de mim, eu teria caído. — Alguém sobreviveu? — Minha voz soou engasgada e tive que pigarrear antes de continuar. — Quero dizer... tem certeza de que o alvo foi eliminado?

— Ainda não recebemos o relatório de baixas, mas não vejo como Esguerra teria conseguido sobreviver.

— Ah. Ótimo. — Senti um gosto amargo na boca, como se estivesse prestes a vomitar. Engolindo em seco, consegui dizer: — Tenho que ir agora, preciso encontrar um táxi.

— Está bem. Dê notícias se houver algum problema.

— Farei isso. — Apertei o botão para encerrar a ligação e encostei a cabeça na parede, respirando fundo o ar gelado. Eu me sentia enjoada, com o estômago cheio de ácido. Eu tinha um metabolismo rápido e nunca lidara bem com a fome, mas não me lembrava de ter me sentido tão mal por falta de comida.

Olhos azuis pálidos, vazios. Sangue escorrendo por um maxilar quadrado...

Não! Pare. Forcei-me a endireitar o corpo. Eu não me permitiria pensar naquilo. Só estava com fome, com sede e exausta. Depois que cuidasse desses problemas, tudo ficaria bem.

Teria que ficar.



ANTES DE TENTAR PEGAR UM TÁXI, FUI A UMA LANCHONETE pequena perto da estação do metrô para usar o banheiro. Comprei uma xícara de chá quente e três salgados recheados de carne. Depois, sentindo-me muito mais humana, saí para procurar o táxi.

As ruas em volta da estação eram um pesadelo. O tráfego parecia estar completamente parado e todos os táxis estavam ocupados. Não era algo inesperado, considerando o que acontecera com os trens, mas ainda assim era extremamente irritante.

Comecei a andar na esperança de chegar a um lugar com menos tráfego. Não adiantava entrar em um táxi e levar duas horas para percorrer dois quarteirões. Agora que o avião fora derrubado, eu precisava chegar à equipe de extração o mais depressa possível.

O avião. Respirei fundo quando as imagens horríveis invadiram minha mente novamente. Eu não sabia por que não conseguia parar de pensar naquilo. Conhecera Lucas por menos de vinte e quatro horas e passara a maior parte desse tempo sentindo medo dele.

E o restante do tempo gritando de prazer nos braços dele,

relembrou uma voz dentro da minha mente.

Não, pare.

Apressei o passo, ziguezagueando entre os pedestres que andavam devagar. *Não pense nele, não pense nele...* Deixei que as palavras ecoassem na mente no mesmo ritmo dos passos. *Você vai para casa, para Misha...* Apressei ainda mais o passo, quase correndo. Andar tão depressa não só me levaria ao destino mais depressa, como também me deixava mais quente. *Não pense nele, você vai para casa...*

Não percebi por quanto tempo andei naquele ritmo, mas, quando as luzes da rua acenderam, notei que já estava ficando escuro. Olhando para o celular, vi que estava perto das seis horas da tarde.

Eu estivera andando por duas horas e meia e o tráfego continuava péssimo.

Parei e olhei em volta frustrada. Eu andara pelas principais avenidas para maximizar as chances de conseguir um táxi, mas parecia ter sido uma estratégia falha. Talvez eu devesse sair das zonas principais de trânsito e tentar a sorte em ruas menores. Se eu encontrasse um táxi lá, o motorista talvez conseguisse me tirar da cidade por rotas alternativas. Eu pagaria o que fosse preciso.

Virando em um cruzamento, vi um parque a um quarteirão de distância. Decidi atravessá-lo na diagonal e, depois, subir uma das avenidas menores no outro lado. Eu ainda estaria andando na direção certa, mas longe da área mais movimentada. Se não encontrasse um táxi, talvez conseguisse pegar um ônibus.

Devia haver uma forma de chegar ao meu destino nas próximas horas.

O celular vibrou dentro da bolsa e peguei-o. — Sim?

— Onde você está? — Obenko soou tão frustrado quanto eu me sentia. — O líder da equipe está ficando nervoso. Ele quer cruzar a fronteira antes que o Kremlin descubra o que aconteceu.

— Ainda estou na cidade, andando. O trânsito está impossível.

— A neve rangeu sob meus pés quando entrei no parque. Ninguém limpava o parque e todos os caminhos estavam cobertos com uma camada grossa de gelo.

— Merda.

— Sim. — Tentei não escorregar no gelo quando desviei de uma pilha de cocô de cachorro. — Estou fazendo o possível para chegar lá, garanto.

— Está bem. Yulia... — Obenko pausou por um segundo. — Sabe que teremos que retirar a equipe se você não chegar lá até de manhã, certo? — A voz dele estava baixa, quase como se estivesse desculpando-se.

— Eu sei. — Mantive a voz firme. — Vou chegar lá.

— Ótimo. Chegue mesmo.

Ele desligou e andei mais depressa com ansiedade crescente. Se a equipe fosse embora sem mim e eu fosse pega, estaria morta. O Kremlin era conhecido por não ser gentil com espiões e o fato de nossa agência ser completamente desconhecida deixava as coisas ainda piores. O governo da Ucrânia não negociaria para me retirar, pois não sabia que eu existia.

Eu estava quase saindo do parque quando ouvi uma risada masculina embriagada e o som de sapatos esmagando a neve.

Olhando para trás, vi um pequeno grupo de homens a poucas centenas de metros, com garrafas nas mãos enluvadas. Eles cambaleavam pelo caminho, mas sua atenção estava indiscutivelmente em mim.

— Ei, moça — gritou um deles com as palavras embaralhadas. — Quer beber conosco?

Afastei o olhar e comecei a andar ainda mais depressa. Eram apenas bêbados, mas até mesmo bêbados podiam ser perigosos quando eram seis contra um. Eu não estava com medo deles, pois tinha a arma e o treinamento, mas não precisava de mais problemas naquela noite.

— Moça — gritou o bêbado mais alto. — Você está sendo

rude, sabia?

Os amigos dele riram como um grupo de hienas e o bêbado gritou de novo: — Foda-se, vadia! Se não quer beber conosco, basta dizer não!

Eu os ignorei e continuei andando, colocando a mão dentro da bolsa para procurar a arma como garantia. Ao sair do parque e chegar à rua, o som da voz deles diminuiu e percebi que não estavam mais seguindo-me.

Aliviada, tirei a mão da bolsa e continuei andando pela rua um pouco mais devagar. Minhas pernas doíam e senti uma bolha formando-se no lado do pé. As botas eram muito mais confortáveis do que sapatos de salto alto, mas não eram feitas para uma caminhada de três horas em passo apressado.

Eu estava agora em uma área mais residencial, o que era bom e ruim. O tráfego estava mais livre, com apenas poucos carros passando na rua, mas as luzes eram mais esparsas e a área estava completamente deserta. Risadas distantes chegaram novamente aos meus ouvidos e forcei-me a acelerar o passo, ignorando o desconforto dos músculos cansados.

Andei cerca de cinco quarteirões até que o vi: um táxi parado no meio-fio a cerca de cinquenta metros à frente. Um homem magro e baixo saía dele. Aliviada, gritei: — Espere! — e corri em direção ao carro quando ele começou a fechar a porta.

Eu estava quase ao lado do táxi quando vi luzes pelo canto do olho e ouvi o rugido de um motor.

Reagindo em uma fração de segundo, joguei-me para o lado, caindo no chão quando um carro passou por mim. Enquanto rolava no asfalto cheio de gelo, ouvi o motorista bêbado gritar e senti algo duro bater no lado da minha cabeça.

Meu último pensamento antes que o mundo ficasse escuro foi que, afinal de contas, eu deveria ter atirado naqueles bêbados.

CAPÍTULO 9

*L*ucas

VOZES. BARULHOS DISTANTES. MAIS VOZES.

Os sons surgiam e desapareciam, bem como o zumbido nos meus ouvidos. Minha cabeça parecia pesada e a dor me envolvia como um cobertor de espinhos.

Vivo. Estou vivo.

A percepção me atingiu lentamente, em estágios. Junto com ela, surgiu uma dor aguda no crânio e uma onda de náusea.

Onde estou? O que aconteceu?

Esforcei-me para ouvir as vozes.

Eram duas mulheres e um homem, a julgar pela diferença de tom. Eles falavam em um idioma estranho que não reconheci.

A náusea aumentou, bem como a dor na cabeça. Precisei de todas as forças para abrir os olhos.

Acima de mim, uma luz fluorescente piscou com um brilho agonizante. Incapaz de aguentar, fechei os olhos.

Uma voz feminina exclamou algo e ouvi passos rápidos.

Uma mão tocou no meu rosto e dedos de um estranho encostaram nas minhas pálpebras. Uma luz brilhante atingiu meus olhos e fiquei tenso, fechando as mãos com força quando a agonia me invadiu novamente. Meu instinto era de lutar, de bater em quem fizera aquilo, mas algo me impedia de mover os braços.

— Cuidado. — A voz masculina falou em inglês, mas com um sotaque estrangeiro forte. — A enfermeira só está avaliando você.

A mão saiu do meu rosto e forcei-me a deixar os olhos abertos, apesar da dor no crânio. Tudo parecia borrado, mas, depois de piscar algumas vezes, consegui focalizar o homem parado ao lado da cama.

Vestindo um uniforme militar, ele parecia ter cinquenta e poucos anos e suas feições eram angulosas. Ao perceber que eu o encarava, ele disse: — Sou o coronel Sharipov. Pode me dizer seu nome?

— Onde estou? O que aconteceu? — perguntei com voz rouca, tentando mover os braços mais uma vez. Não consegui e percebi que estava preso à cama. Quando tentei mover as pernas, notei que conseguia mover a direita, mas não a esquerda. Havia algo pesado mantendo-a imóvel e, quando tentei movê-la, gemi de dor.

— Você está em um hospital em Tashkent — disse Sharipov, respondendo à minha primeira pergunta. — Sua perna está quebrada e você sofreu uma concussão grave. Aconselho a não se mexer.

Tashkent. Isso significava que eu estava no Uzbequistão, o país que fazia fronteira com o Tajiquistão, nosso destino. Enquanto eu processava aquilo, parte da neblina na mente se dissipou e lembrei-me do que acontecera.

Os gritos. O cheiro de fumaça.

A queda.

Merda.

— Onde estão os outros? — Subitamente furioso, puxei o que

prendia meu pulso. — Esguerra e todos os outros?

— Eu lhe direi em um momento — respondeu Sharipov. — Primeiro, preciso saber o seu nome.

A agonia latejante no crânio não me deixava pensar. — Lucas Kent — disse eu com esforço. Não adiantava mentir. Ele não pareceu surpreso quando mencionei Esguerra, o que significava que já tinha alguma ideia sobre quem éramos. — Sou o segundo em comando de Esguerra.

Sharipov me estudou. — Entendo. Nesse caso, sr. Kent, você ficará feliz em saber que Julian Esguerra está vivo e também está aqui neste hospital. Ele quebrou um braço, algumas costelas e tem um machucado na cabeça que não parece ser muito grave. Estamos esperando que ele recupere a consciência.

Minha cabeça parecia prestes a explodir, mas senti uma onda de alívio. O homem era um assassino amoral, alguns até diriam que era um psicopata, mas eu o conhecera bem no decorrer dos anos e tinha respeito por ele. Seria uma pena se ele morresse por causa de um míssil perdido. O que me lembrou de...

— O que diabos aconteceu? Por que estou preso?

O coronel me encarou sem piscar. — Está preso para sua própria segurança e para a segurança das enfermeiras, sr. Kent. Por causa de sua ocupação, não nos sentimos confortáveis colocando a equipe em risco. É um hospital civil e...

— Ora, pelo amor de Deus. — Rangi os dentes. — Prometo não machucar as enfermeiras, ok? Tire essas algemas malditas. Agora.

Ficamos encarando-nos por alguns segundos. Em seguida, Sharipov fez um movimento breve com a cabeça e disse algo para uma das enfermeiras em um idioma estranho. A mulher de cabelos escuros se aproximou e abriu as algemas, olhando-me desconfiada o tempo inteiro. Eu a ignorei, concentrando-me em Sharipov.

— O que aconteceu? — repeti em um tom um pouco mais calmo. Esfreguei os pulsos com as mãos enquanto a enfermeira

andava até o lado oposto do quarto. O latejar na cabeça piorou com o movimento, mas persisti. — Quem atirou no avião e o que aconteceu com os outros homens?

— Receio que a causa exata da queda ainda esteja sendo investigada — respondeu Sharipov. Ele pareceu vagamente desconfortável. — Talvez tenha ocorrido uma... falta de comunicação.

— Uma falta de comunicação? — Eu o olhei incrédulo. — Vocês atiraram em nós? Sabiam que recebemos passagem livre pela região, certo?

— É claro. — Ele pareceu ainda mais desconfortável. — E é por isso que estamos realizando uma investigação. É possível que um erro tenha sido cometido...

— Um erro? — *Os gritos, a fumaça...* — Um maldito erro? — Parecia que um baterista resolvera morar no meu crânio. — Onde estão os outros?

Sharipov se encolheu de forma quase imperceptível. — Receio que, além de você e Esguerra, só há três sobreviventes. Eles ainda estão inconscientes. Espero que você possa nos ajudar a identificá-los. — Colocando a mão no bolso do jaleco, ele pegou o telefone e mostrou-me a tela. — Este é o primeiro.

Minhas entranhas se contraíram. Eu conhecia o homem da fotografia.

John "Sandman" Sanders, um ex-presidiário britânico. Muito hábil com facas e granadas. Eu treinara com ele, jogara bilhar com John. Ele era divertido, mesmo quando estava muito bêbado.

Talvez não fosse mais tão divertido. Não com metade do rosto totalmente queimada.

— O avião explodiu — disse Sharipov, provavelmente em resposta à minha expressão. — Ele tem queimaduras de terceiro grau na maior parte do corpo. Precisar-se-á de transplante de pele... se sobreviver. Você sabe o nome dele?

— John Sanders — respondi com voz rouca, estendendo a mão

para pegar o telefone. Meu corpo protestou contra o movimento e as têmporas latejaram novamente com uma dor nauseante, mas eu precisava ver os outros. Aproximando o telefone, cliquei para ver a próxima fotografia.

O rosto estava praticamente irreconhecível... exceto pela cicatriz no canto do olho esquerdo. Ele fora recrutado recentemente e eu hesitara em levá-lo naquela missão.

— Jorge Suarez — disse eu antes de passar para a próxima fotografia.

Daquela vez, eu não tinha nem como dar um palpite. Só vi carne queimada. — Ele ainda está vivo? — Olhei para Sharipov. Senti as entranhas queimando ainda mais e sabia que era apenas parcialmente por causa da concussão.

O coronel assentiu. — Ele está em uma situação crítica, mas talvez consiga superar. Se olhar a próxima fotografia, verá a parte debaixo do corpo dele, que não está tão queimado.

Lutando contra a náusea, fiz o que ele disse e estudei as pernas cabeludas cobertas por tiras da roupa de proteção rasgada. A explosão devia ter atravessado a roupa. O material dela resistia a uma breve explosão ao fogo, não à explosão de um avião. Era difícil reconhecer o homem apenas pelas pernas. A não ser que... estreitei os olhos, olhando a fotografia mais de perto, e vi.

A tatuagem de um pássaro atrás de um dos pedaços rasgados da roupa de combate.

— Gerard Montreau — respondi com certeza. O jovem francês era o único da equipe que tinha uma tatuagem como aquela.

Colocando o telefone sobre o peito, olhei para Sharipov. — Por que não estou queimado? Como escapei da explosão? E Esguerra? Ele está...

— Não, ele está bem — garantiu Sharipov. — Pelo menos, não está queimado. Vocês dois estavam na cabine, que se separou do corpo do avião durante a queda. A parte de trás do avião explodiu, mas o fogo não atingiu vocês dois.

O latejar na cabeça se tornou insuportável e fechei os olhos, tentando processar tudo.

Cinco homens de cinquenta. Fora tudo o que restara de nosso grupo. O restante estava morto. Queimados ou explodidos. Eu consegui imaginar o terror deles quando o fogo invadiu a parte de trás o avião. O fato de haver algum sobrevivente era praticamente um milagre... não que os três homens nas fotografias fossem ver isso.

Um erro. Mas que merda.

Eu chegaria ao fundo daquilo, mas, primeiro, precisava fazer o meu trabalho.

Forçando as pálpebras a se abrirem de novo, olhei para Sharipov, que cuidadosamente tentava pegar o telefone que eu ainda segurava. Que merda o homem achava que eu faria? Que eu o estrangularia enquanto ficava deitado e incapacitado no hospital deles?

Eu não faria isso... a não ser que descobrisse que ele era responsável por aquele "erro".

— Você precisa conseguir alguns guarda-costas para Esguerra — disse eu, segurando o telefone com mais força. — Ele não está seguro aqui.

O coronel franziu a testa. — O que quer dizer? O hospital é perfeitamente seguro...

— Ele tem muitos inimigos, incluindo a Al-Quadar, o grupo terrorista cuja base fica logo depois da sua fronteira. Você precisa providenciar proteção. Agora mesmo.

Sharipov ainda parecia em dúvida e acrescentei: — Seus aliados do Kremlin não gostarão nem um pouco se ele for morto ou sequestrado enquanto está sob sua custódia. Especialmente depois desse "erro" infeliz.

Sharipov apertou os lábios, mas, depois de um momento, disse: — Está bem. Trarei alguns soldados para cá. Eles garantirão que ninguém chegue perto de seu chefe sem autorização.

— Ótimo. Use mais do que apenas alguns. Quarenta ou cinquenta seria um número bom. Aqueles terroristas estão doidos por ele. — Minha cabeça era pura agonia e a perna engessada começava a doer como somente um osso quebrado consegue. — Além disso, você precisa me colocar em contato com Peter Sokolov...

— Já falamos com ele. Ele sabe onde vocês estão e mandará um avião para buscá-los. Agora, por favor. — Sharipov estendeu a mão com a palma para cima. — Devolva meu telefone, sr. Kent.

Abri a boca para insistir que queria falar pessoalmente com Peter, mas, antes que conseguisse dizer alguma coisa, senti uma picada no braço. Imediatamente, uma lassidão pesada me invadiu, amortecendo a dor. Pelo canto do olho, vi uma enfermeira recuar um passo, segurando uma seringa. — O quê... — comecei a dizer, mas era tarde demais.

A escuridão me envolveu e não percebi mais nada.

CAPÍTULO 10

*Y*ulia

— EU JÁ LHE DISSE, ESTOU BEM.

Ignorando os protestos da enfermeira, tirei a agulha intravenosa do pulso e levantei-me. Eu estava tonta e minha cabeça doía, mas precisava me mexer. A julgar pela luz do sol que entrava pela janela do hospital, já era de manhã. A equipe de extração provavelmente já fora embora, mas, caso houvesse a chance de que isso não tivesse acontecido ainda, eu precisava falar com Obenko imediatamente.

— Onde está minha bolsa? — perguntei à enfermeira, olhando freneticamente em volta. — Preciso da minha bolsa.

— O que você precisa fazer é se deitar. — A enfermeira ruiva parou à minha frente, cruzando os braços sobre o peito enorme. — Você tem um galo do tamanho de um ovo na cabeça por causa da batida no poste e ficou desmaiada desde que foi trazida para cá na noite passada. O médico disse que precisamos monitorá-la pelas

próximas vinte e quatro horas.

Eu a encarei friamente. Minha cabeça parecia prestes a se abrir, mas ficar lá significaria assinar uma sentença de morte. — Onde está minha bolsa? — repeti. Eu estava desconfortavelmente ciente de que vestia apenas uma camisola de hospital, mas deixaria para me preocupar com as roupas, e com a dor de cabeça infernal, mais tarde.

A mulher revirou os olhos. — Ora, pelo amor de Deus. Se eu buscar sua bolsa, você vai se comportar e deitar?

— Sim — menti e observei enquanto ela andava até um armário no outro lado do quarto. Abrindo a porta do armário, ela tirou a bolsa Gucci e voltou para perto da cama.

— Aqui está. — Ela colocou a bolsa nas minhas mãos. — Agora, deite-se antes que caia.

Fiz o que ela pediu, mas somente porque precisava conservar minha força para a jornada à frente. Fazia menos de dez minutos desde que eu acordara lá e já estava trêmula com o esforço de levantar. Provavelmente eu precisava ficar sob observação médica, mas não havia tempo para isso.

Eu precisava sair de Moscou antes que fosse tarde demais.

A enfermeira começou a trocar os lençóis em uma cama vazia ao lado da minha. Peguei o celular para telefonar para Obenko.

O celular chamou, chamou, chamou...

Merda. Ele não atendeu.

Tentei de novo. *Vamos, vamos, atenda.*

Nada, nenhuma resposta.

Entrando em desespero, liguei para o número dele uma terceira vez.

— Yulia?

Graças a Deus. — Sim, sou eu. Estou em um hospital em Moscou. Quase fui atropelada por um carro... é uma longa história. Mas vou sair agora e...

— É tarde demais, Yulia. — A voz de Obenko ficou baixa. —

O Kremlin sabe o que aconteceu e o pessoal de Buschekov está procurando você.

Senti um arrepio gelado. — Tão depressa?

— Uma das pessoas de Esguerra tem boas conexões em Moscou. Ele as mobilizou assim que soube do míssil.

— Merda.

A enfermeira me lançou um olhar recriminador ao recolher os lençóis em uma pilha grande sobre a cama vazia.

— Lamento — disse Obenko. Eu sabia que ele estava sendo sincero. — O líder da equipe teve que retirar o pessoal. A Rússia não é segura para nenhum de nós agora.

— É claro — respondi de forma automática. — Ele fez a coisa certa.

— Boa sorte, Yulia — disse Obenko. Ouvi o clique quando ele desligou.

Eu estava por conta própria.



ESPEREI ATÉ QUE A ENFERMEIRA SAÍSSE COM OS LENÇÓIS. EM seguida, levantei-me novamente, desta vez sem interferência.

O pânico que me invadira era mais forte do que qualquer analgésico. Eu mal percebi a dor de cabeça ao andar até o armário onde minha bolsa fora guardada e olhar para dentro dele.

Como eu esperara, minhas roupas também estavam lá, bem dobradas. Lancei um olhar rápido para a entrada do quarto para ver se a porta estava fechada. Em seguida, tirei a camisola do hospital e vesti as roupas que usara antes. Ao fazer isso, notei que o galo na cabeça não era o único fermento. Todo o lado direito do meu corpo estava arranhado e havia machucados por toda parte.

Aquele bêbado idiota. Eu deveria ter atirado nele e em seus amigos quando tivera a oportunidade.

Não. Respirei fundo para me acalmar. A raiva era inútil naquele momento. Era uma distração a que eu não podia me dar ao luxo. Ainda havia uma chance pequena de eu conseguir sair da Rússia. Não podia deixar de ter esperança.

Pelo menos, ainda não.

Prendi os cabelos em um coque para deixar os longos cachos loiros menos perceptíveis. Em seguida, verifiquei rapidamente o conteúdo da bolsa. Tudo estava lá, exceto o dinheiro da carteira e a arma. Mas isso não foi surpresa. Eu tinha sorte de a bolsa não ter sido roubada enquanto estava inconsciente. O forro no fundo da bolsa continha um pouco de dinheiro para emergências e os ladrões não o encontraram, como confirmei pela falta de rasgões no interior.

Segurando a bolsa com força, andei até a porta e saí para o corredor. A enfermeira não estava à vista e ninguém prestou atenção em mim quando me aproximei do elevador. Na verdade, um homem idoso em uma cadeira de rodas me lançou um olhar apreciativo, mas não havia suspeita em sua expressão. Ele só olhou para mim, provavelmente revivendo a juventude.

As portas do elevador se abriram com um *ding* suave e entrei com o coração batendo depressa demais. Apesar da facilidade da fuga até aquele momento, senti um arrepio, com todos os instintos avisando-me do perigo.

Meu quarto ficava no sétimo andar e a descida foi torturantemente lenta. O elevador parou em todos os andares, com pacientes e enfermeiras entrando e saindo. Eu poderia ter usado a escada, mas isso provavelmente teria atraído uma atenção desnecessária. Ninguém usava escadas, a não ser que fosse absolutamente necessário.

Finalmente, as portas do elevador se abriram no primeiro andar. Saí, rodeada de várias outras pessoas... e, naquele momento, eu os vi.

Três policiais entraram no elevador no lado oposto do saguão.

Merda. Abaixei a cabeça e os ombros, tentando parecer menor. *Não olhe para eles. Não olhe para eles.* Mantive o olhar no chão e fiquei perto de um homem grande que saiu devagar do elevador à minha frente. Ele andou devagar e eu o acompanhei, fazendo o possível para parecer que o acompanhava.

Eles estariam procurando uma mulher sozinha, não um casal.

Por sorte, minha companhia se encaminhou para a saída e havia pessoas suficientes à nossa volta para que ele não prestasse atenção em mim. O corpo enorme me deu um pouco de cobertura, que usei ao máximo, mantendo a postura meio abaixada.

Ande mais depressa. Vamos, ande mais depressa, implorei silenciosamente ao homem. Todos os músculos do meu corpo estavam tensos com a vontade de correr, mas isso destruiria todas as minhas chances de sair do hospital sem ser notada. Ao mesmo tempo, eu sabia que precisava sair em questão de minutos. Assim que os policiais percebessem que eu não estava no sétimo andar, colocariam o hospital inteiro em alerta.

Finalmente, eu e o homem chegamos à saída e vi um táxi parar no meio-fio.

Sim! Eu ainda tinha um pouco de sorte.

Deixando o homem para trás sem um segundo olhar, corri até o táxi e entrei no momento em que uma mulher saiu dele. — Para a estação Lubyanka, por favor — disse eu ao motorista quando a porta se fechou. Eu disse isso em voz alta caso a mulher estivesse prestando atenção. Assim, se fosse interrogada mais tarde, diria a eles meu suposto destino e, com sorte, despistaria um pouco meus rastros.

O motorista assentiu e acelerou. Assim que estávamos na rua, eu disse: — Ah, na verdade, esqueci. Tenho que pegar uma coisa no Hotel Azimut Moscow Olympic. Pode me deixar lá?

Ele deu de ombros. — Claro, sem problemas. Você paga e eu a levo para onde quiser.

— Obrigada. — Recostei-me no assento. Eu estava ansiosa

demais para relaxar completamente, mas a maior parte da tensão desapareceu. Eu estava segura por enquanto. Conseguira ganhar um pouco de tempo. Havia uma locadora de veículos perto daquele hotel. Quando eu chegasse lá, encontraria um disfarce e alugaria um carro. Eles estariam vigiando aeroportos, trens e o transporte público, mas havia uma chance pequena de que eu conseguisse chegar à fronteira da Ucrânia por estradas secundárias.

O motorista pareceu demorar uma eternidade. O tráfego estava ruim, mas não tão horrível como no dia anterior. Ainda assim, com o motorista freando e acelerando a cada minuto, e o efeito amortecedor da adrenalina sumindo, minha dor de cabeça voltou com força total, bem como a dor dos arranhões e machucados. Além disso, percebi um vazio doloroso no estômago e uma secura na boca.

É claro. Eu não comera nem bebera nada desde a tarde do dia anterior.

Para me distrair, pensei em Misha como ele estava na última fotografia que Obenko me enviara. Meu irmão menor estava com o braço em volta de uma garota bonita de cabelos pretos. Segundo Obenko, era a namorada atual dele. A garota sorria para Misha com adoração e ele parecia muito orgulhoso, como somente um adolescente conseguia ser.

Para você, Misha. Fechei os olhos para reter a imagem na mente. *Você vale.*

— Bem, isso não é nada bom — resmungou o motorista. Abri os olhos e vi os carros pararem completamente à nossa frente. — Deve ter acontecido um acidente ou algo assim. — Ele abaixou a janela e colocou a cabeça para fora, olhando à distância.

— Foi um acidente? — perguntei resignada. Era como se o destino estivesse conspirando para me manter em Moscou. Não bastava a Rússia ter um inverno brutal o suficiente para dizimar os exércitos inimigos, ela tinha também um tráfego que aprisionava espiãs.

— Não — respondeu o motorista, botando a cabeça de volta dentro do carro. — Não parece. Quero dizer, há vários carros de polícia e tudo o mais, mas não vi ambulâncias. Pode ser um bloqueio ou pegaram alguém...

Saí do carro antes que ele terminasse de falar.

— Ei! — gritou ele. Mas eu já estava correndo, passando por entre os carros parados. O desconforto que eu sentira antes desaparecera por causa de uma onda imensa de medo.

Um bloqueio policial. De alguma forma, eles tinham triangulado minha localização... ou talvez tivessem simplesmente bloqueado todas as ruas principais na esperança de me capturar. De qualquer forma, eu estava encrocada, a não ser que conseguisse sair da cidade.

Meu coração bateu com força enquanto eu corria pela rua em direção a um beco estreito que vira antes. Eles teriam problemas em me seguir lá de carro e, se eu tivesse sorte, conseguiria me evadir o suficiente para encontrar outro táxi.

Qualquer coisa que me desse mais tempo.

Atrás de mim, ouvi gritos e passos apressados. — Pare! — gritou uma voz masculina. — Pare agora mesmo! Você está presa!

Ignorei a ordem e apressei o passo ainda mais. O ar frio fez com que meus pulmões doessem enquanto eu forçava os músculos das pernas até o limite. O beco estava à frente, estreito e escuro, e forcei-me a continuar correndo na mesma velocidade, a continuar avançando sem olhar para trás.

— Pare ou atirarei! — A voz soou mais distante, dando-me uma pontada de esperança. Talvez eu conseguisse escapar. Eu sempre fora rápida e as pernas longas me davam uma vantagem sobre pessoas mais baixas.

Ouvi um tiro e uma bala passou zunindo por mim, enterrando-se no prédio à frente.

Merda. Ele estava atirando. Eu não sabia por que isso me deixara surpresa. A polícia de Moscou não era conhecida por se

preocupar com os cidadãos que deveria estar protegendo. Os policiais eram ferramentas do governo corrupto, nada mais. Eu não deveria ficar chocada por arriscarem o bem-estar de cidadãos inocentes para me capturar.

Outro tiro e a neve explodiu no chão a poucos metros à minha frente. Ouvi gritos de terror e vi pessoas jogando-se na calçada para se protegerem.

Ignorando a comoção, corri para o beco. Bem à frente, havia dois latões de lixo e, atrás deles, uma escada de emergência de metal que subia pela lateral do prédio.

Um terceiro tiro e a bala ricocheteou no latão, quase acertando-me. O policial tinha uma mira boa.

Eu estava quase na escada e saltei o mais alto que consegui, segurando a parte inferior dela com as mãos. Usando o impulso do salto, joguei as pernas para cima e agarrei a barra de metal com os pés. Passando os joelhos sobre a barra, usei toda a força para puxar o corpo para cima o suficiente para segurar o próximo degrau da escada com a mão esquerda. Deu certo e puxei o corpo até ficar sentada antes de começar a escalar.

Outro tiro e a parede à minha frente explodiu, com fragmentos de tijolo voando para todos os lados.

Merda, merda, merda. Subi a escada o mais depressa que consegui sem escorregar nas barras de metal cheias de gelo. Ouvi gritos e palavrões abaixo e, em seguida, senti a escada sacudir quando outra pessoa pulou nela.

Pelo jeito, tinham decidido me capturar viva.

Não olhei para baixo enquanto continuava a escalada perigosa. Eu nunca gostara de alturas, portanto, fingi que era um exercício e que um colchão grosso me esperava lá embaixo. Mesmo se caísse, eu ficaria bem. Era uma mentira completa, obviamente, mas serviu para me manter em movimento, apesar de meu coração tentar sair pela boca.

Quando me dei conta, estava no telhado. Saltei da escada para a

superfície plana. O prédio era quadrado, com um buraco para um jardim grande no centro, uma estrutura típica da era soviética que ocupava um quarteirão inteiro. Parei por tempo suficiente para encontrar outra escada no outro lado do prédio e comecei a correr novamente na direção dela.

— Pare! — gritou alguém novamente. Percebi, com uma onda de medo, que já estavam no telhado, logo atrás de mim. Incapaz de resistir, olhei freneticamente para trás e vi dois homens correndo atrás de mim. Eles usavam uniformes policiais e um deles segurava uma arma. Os dois eram grandes e pareciam rápidos e fortes. Eu não conseguiria ficar à frente deles por muito tempo.

Mudando de estratégia, acelerei o passo e usei a vantagem de dois segundos para correr para trás de uma chaminé de concreto. Encostei-me nela para recuperar o fôlego, tentando desesperadamente não fazer barulho.

Três segundos depois, ouvi os passos dos homens.

Era hora de agir ofensivamente.

Quando o primeiro policial passou por mim, estendi o pé. Ele tropeçou e caiu xingando alto. Ouvi a arma dele deslizar pelo chão coberto de gelo.

O atirador estava caído e desarmado.

Antes que o parceiro dele tivesse a oportunidade de reagir, saltei à frente dele, com a mão direita fechada em um punho. Ele se abaixou para a esquerda automaticamente quando tentei atingi-lo e usei seu movimento para dar um soco para cima com a mão esquerda.

Meu punho esquerdo atingiu o queixo dele. O homem cambaleou para trás, resmungando. Sem parar, mergulhei para pegar a arma e vi o outro policial fazendo o mesmo.

Colidimos, rolando no chão, e, por um segundo, meus dedos encostaram na arma.

Sim! Eu a peguei e, quando o policial tentou me derrubar, puxei o gatilho.

Ele gritou, agarrando o ombro, e eu o empurrei para longe, com a adrenalina dando-me uma força quase sobrenatural. Eu já estava de joelhos quando o segundo policial se jogou sobre mim, com a mão apertando brutalmente meu pulso.

— Largue a arma, vadia — disse ele furioso. Naquele momento, ouvi mais passos.

— Você a pegou, Sergey? — gritou outro homem. Vi cinco outros policiais aproximando-se, com as armas empunhadas.

Não adiantava lutar mais e afrouxei a mão que segurava a arma, que caiu no telhado com um barulho surdo. Sergey me virou e prendeu meus pulsos com uma algema nas costas.

Eu fora pega.

Agora, podia desistir de ter esperança.

CAPÍTULO 11

*L*ucas

— ELES FIZERAM O QUÊ?

Minha voz foi um sibilar baixo quando me sentei, ignorando as mãos da enfermeira à minha volta em uma tentativa de me manter deitado. A raiva que me invadiu acabou com toda a tontura do remédio que ela me dera mais cedo. Eu não sabia por quanto tempo ficara desmaiado, mas claramente fora tempo demais.

— Os terroristas atacaram o hospital há algumas horas — repetiu Sharipov, com o rosto tenso e cansado. — Parece que subestimamos a capacidade deles... e o desejo deles de pegarem seu chefe. Como não encontramos o corpo dele entre os mortos, só podemos supor que eles o levaram.

— Eles levaram Esguerra? — Precisei de toda a força de vontade para não pular da cama e estrangular o coronel com as mãos... que ainda estavam livres, percebi em um canto remoto do cérebro. — Você deixou que eles o levassem? Eu lhe disse para

colocar uma segurança forte em volta dele...

— Fizemos isso. Colocamos vários dos nossos melhores soldados de guarda...

— Vários? Deveria ter colocado várias dezenas, seu filho da puta!

A enfermeira se encolheu com meu grito e saltou para longe do meu alcance. Mulher inteligente. Naquele momento, eu ficaria feliz em estrangulá-la também.

O maxilar de Sharipov enrijeceu. — Como eu disse, subestimamos essa organização terrorista particular. Não cometeremos esse erro novamente. Foi um banho de sangue. Eles feriram dezenas de pacientes e de membros da equipe do hospital ao saírem e mataram todos os soldados de guarda.

— Caralho. — Dei um soco tão forte no colchão que o travesseiro pulou. — Pelo menos conseguiram segui-los? — Majid não seria idiota o suficiente para levar Esguerra para o complexo da Al-Quadar nas Montanhas Pamir. Ele devia saber que já sabíamos a localização do complexo.

Sharipov prudentemente deu um passo atrás. — Não. A polícia foi notificada imediatamente e chamamos mais soldados, mas os terroristas fugiram antes que chegássemos ao hospital.

— Filho de uma puta. — Se não fosse pelo gesso que imobilizava minha perna, eu teria saído da cama e dado um soco no rosto desconfiado do coronel. Portanto, tive que me contentar em dar outro soco no colchão barato. Minha cabeça latejou com o movimento violento, mas não me importei.

Esguerra fora levado enquanto eu estava deitado lá, drogado e inconsciente.

Eu falhara gravemente no meu trabalho.

— Dê-me o telefone — disse eu quando me acalmei o suficiente para falar. — Preciso falar com Peter Sokolov.

Sharipov assentiu e tirou o celular do bolso. — Tome. — Ele me ofereceu o aparelho com cuidado. — Já falamos com ele, mas

você também pode fazer o mesmo.

Lutando contra a vontade de segurar a mão de Sharipov e quebrar o braço dele, peguei o telefone e digitei os números de uma conexão segura que passou por vários retransmissores. Para minha irritação, Peter não atendeu.

Sharipov me observava e escondi minha frustração ao tentar de novo. E de novo. E de novo.

— Voltarei em alguns minutos — disse Sharipov na minha quinta tentativa. — Pode telefonar para quem desejar.

Ele saiu e tentei de novo o número de Peter, com raiva e preocupação crescentes. O consultor de segurança russo de Esguerra sempre carregava o telefone consigo e eu não tinha ideia de por que ele subitamente estava fora de alcance. Será que ocorrerá um ataque à propriedade de Esguerra na Colômbia? A mera possibilidade me fez ferver.

Quando eu estava prestes a desistir, a ligação completou. — Sim? — A voz com sotaque leve era indiscutivelmente de Peter Sokolov.

— É Kent.

— Lucas? — O russo soou surpreso. — Você está acordado?

— Sim, claro que estou acordado. Onde você está? Por que não atendeu?

Houve uma pausa breve na linha. — Acabei de pousar em Chicago.

— O quê? — Era a última coisa que eu esperava ouvir. — Por quê?

— A esposa de Esguerra. Ela quer ser a isca para a Al-Quadar.

— O quê? — Quase saltei da cama sem me importar com o gesso.

— Sim, eu sei. Foi a mesma reação que eu tive. Acontece que Esguerra, aquele idiota obsessivo, implantou alguns rastreadores nela. Se eles a levarem para usá-la contra Esguerra, saberemos onde estão.

— Porra. — O plano era brilhante, mas muito perigoso. Se os terroristas encontrassem os rastreadores nela, a esposa de Esguerra rezaria para morrer. E, se de alguma forma Esguerra sobrevivesse, ele desmembraria Peter, lentamente, por usar a garota daquela forma. — Nora sugeriu isso?

— Sim, sugeriu. — Percebi um toque de admiração na voz fria do russo. — Não sei que controle ele tem sobre ela, mas Nora está muito determinada. Fui contra no começo, mas ela me convenceu.

Respirei fundo e soltei o ar lentamente. Eu deveria estar surpreso, afinal de contas, Esguerra sequestrara a garota, mas não estava. Independentemente de como o relacionamento deles começara, era óbvio que o que havia entre os dois agora era mútuo. Fiquei tentado a xingar Peter por ir contra as ordens de Esguerra, mas isso seria um desperdício de tempo e energia. O que ele começara não poderia ser desfeito. — Então, qual é o plano exato? — perguntei. — Você vai ficar em Chicago para garantir que mordam a isca?

— Não. Vou para o Tajiquistão imediatamente. A equipe de resgate já está a caminho de lá. Assim que os homens de Majid a levarem, nós iremos atrás dela... e de Esguerra.

— Você sabe que talvez não a levem até ele. Um vídeo mostrando-a sendo torturada seria tão efetivo quanto a situação real.

— Eu sei.

Claro que sabia. Como eu, ele estava acostumado com jogos de vida e morte. Eu poderia citar os riscos dali até a eternidade e isso não mudaria nada. O plano funcionaria ou não e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

— Você descobriu o que aconteceu? — perguntei, mudando de assunto. — Sharipov disse que pode ter sido algum erro da parte deles.

— Um erro? — Ouvi o som de desprezo que Peter fez no outro lado. — Serviço de segurança de merda. Um dos agentes deles é

pago pelos ucranianos há anos e os idiotas não sabiam até ele disparar o míssil em seu avião.

— Ucrânia? Faz sentido. Agora que Esguerra está do lado dos russos, os ucranianos gostariam de eliminá-lo. Exceto que... como descobriram sobre nossa conversa tão depressa? O restaurante em Moscou tinha escutas? Buschekov joga nos dois lados? Ou...

— Foi a intérprete — disse Peter, falando em voz alta meu próximo palpite. — Assim que descobri o que aconteceu, fiz com que fosse detida em Moscou.

Um bipe alto soou nos meus ouvidos e percebi que eu apertara o telefone com tanta força que quase quebrei um dos botões de volume.

— Mas o quê...

— Desculpe, apertei o botão errado. — Minha voz estava fria, apesar de uma lava ardente correr pelas minhas veias. — A intérprete é espiã ucraniana?

— Parece que sim. Ainda estamos investigando o passado dela, mas, até o momento, pelo menos metade da história dela parece ter sido fabricada.

— Entendi. — Forcei-me a afrouxar os dedos antes que esmagasse completamente o telefone. — Foi assim que conseguiram agir tão depressa.

— Sim. De alguma forma, descobriram exatamente quando você passaria pelo espaço aéreo do Uzbequistão e ativaram o agente deles lá.

O telefone emitiu outro bipe furioso quando minha mão se contraiu involuntariamente. Eu sabia exatamente como eles tinham descoberto aquilo: eu praticamente contara à vadia espiã o horário de partida.

— Lucas?

— Sim, estou aqui. — Eu não conseguia me lembrar da última vez em que me sentira tão furioso. Yulia Tzakova, se era que esse era seu nome verdadeiro, me fizera de idiota. A relutância inicial, o

ar peculiar de inocência, tudo fora uma encenação. Ela provavelmente quisera se aproximar de Esguerra e, quando não conseguira pegá-lo, decidira que eu serviria.

— Preciso desligar — disse Peter. — Entrarei em contato com você quando pousarmos. Descanse um pouco e melhore logo. Não há mais nada que você possa fazer agora. Eu o mantereí a par dos acontecimentos.

Ele desligou e forcei-me a me deitar. A dor de cabeça piorara por causa da fúria.

Se Yulia Tzakova alguma vez cruzasse meu caminho de novo, pagaria caro.

Ela pagaria muito caro.



EU AINDA ESTAVA LÍVIDO DE FÚRIA QUANDO SHARIPOV VOLTOU para buscar o telefone. Ao se aproximar da minha cama, eu me sentei e encarei-o friamente. — Uma porra de um erro, é?

Erguendo a mão, o coronel esfregou a testa. — Estamos interrogando o agente responsável agora. Ainda não está claro se...

— Leve-me até ele.

Parecendo abalado, Sharipov abaixou a mão. — Não posso fazer isso — disse ele. — É um problema para o nosso exército.

— O seu exército fodeu tudo. Você tinha um traidor responsável pelo sistema de defesa de mísseis.

O coronel abriu a boca, mas impedi que objetasse. — Leve-me até ele — exigi novamente. — Preciso interrogá-lo eu mesmo. Caso contrário, não teremos opção além de supor que outras pessoas do seu exército ou do seu governo estavam envolvidas no ataque. — Fiz uma pausa. — E talvez até mesmo no ataque terrorista ao hospital.

Sharipov arregalou os olhos ao ouvir a ameaça velada. Se fosse

descoberto que o governo do Uzbequistão tinha ligações com uma organização terrorista como a Al-Quadar, seria desastroso para o país. Eu não ficaria surpreso se o coronel soubesse de nossas conexões nos EUA e em Israel. Ao me negar a chance de interrogar o agente traidor, o governo do Uzbequistão talvez estivesse transformando em inimiga a organização poderosa de Esguerra e conseguindo uma reputação mundial de associação com terroristas.

— Preciso discutir o assunto com os meus superiores — disse Sharipov depois de um segundo. — Pode me dar meu telefone, por favor?

Entreguei o aparelho a ele e observei quando saiu do quarto já discando para alguém. Esperei, confiante do resultado. E, como era de se esperar, ele voltou alguns minutos depois, dizendo: — Muito bem, sr. Kent. Nosso agente será trazido para cá na próxima hora. Você poderá falar com ele, mas é tudo. Nosso exército cuidará das coisas dali em diante.

Lancei um olhar sombrio a ele. A única coisa de que o exército dele cuidaria seria o cadáver do traidor, mas Sharipov ainda não sabia disso. — Traga-o — foi tudo o que eu disse. Em seguida, deitei-me e fechei os olhos, torcendo para que a dor no crânio diminuísse na hora seguinte.

Eu talvez não conseguisse colocar as mãos na intérprete naquele momento, mas certamente conseguiria colocá-las em um pouco de carne.



QUANDO O TRAIADOR CHEGOU, AS ENFERMEIRAS ME DERMAM MULETAS e levaram-me para outro quarto no hospital. Demorei alguns minutos para aprender a andar com as muletas, especialmente porque a dor de cabeça não ajudou. E, quando cheguei lá, vi o homem sentado em uma cama com o coronel Sharipov e um

soldado com uma M16 ao lado dele.

— Este é Anton Karimov, o agente responsável pelo incidente infeliz com o seu avião — disse Sharipov quando andei na direção deles. — Você pode fazer as perguntas que quiser. O inglês dele não é tão bom quanto o meu, mas ele o entenderá.

Uma das enfermeiras arrastou uma cadeira para perto da cama e sentei-me nela, estudando o homem à minha frente que suava profusamente. Com quarenta e poucos anos, Karimov era um pouco gordo, com um bigode preto espesso e o início da calvície. Ele ainda usava o uniforme militar e vi círculos de suor em suas axilas.

Ele estava nervoso. Não, era mais que isso.

Ele estava aterrorizado.

— Quem são as pessoas que pagaram a você? — perguntei quando as enfermeiras saíram do quarto. Decidi começar devagar, pois talvez não precisasse de muita coisa para dobrar aquele homem. — Quem deu a ordem para atirar em nosso avião?

Karimov se encolheu visivelmente. — N-ninguém, foi apenas um erro. Limpei os controles...

Eu o interrompi erguendo uma das muletas e colocando a ponta dela sobre a virilha dele. Apesar de quase não fazer pressão, o homem ficou pálido.

— Quem deu a ordem para derrubar nosso avião? — repeti, encarando-o. Percebi que Sharipov estava inquieto com meu método de interrogatório, mas eu o ignorei. Em vez disso, empurrei a muleta um pouco mais, aplicando uma pressão maior na virilha de Karimov.

— N-ninguém — repetiu Karimov, recuando para sair do alcance da muleta. — Eu limpei os...

Inclinei-me para a frente. Ele soltou um grito agudo quando preendi seus testículos contra o colchão com a muleta. — Não minta para mim. Quem pagou você?

— Sr. Kent, isso não é aceitável — disse Sharipov, ficando

entre eu e o prisioneiro. — Eu lhe disse, apenas perguntas. Se você não parar...

Antes que ele terminasse de falar, eu me levantei, apoiando-me em uma das muletas enquanto atingia o soldado armado com a outra. Ele nem conseguiu erguer o M16 antes que eu o atingisse no joelho. Ele caiu para a frente, possibilitando que eu pegasse a arma. No segundo seguinte, eu estava com o fuzil apontado para Sharipov.

— Saiam — disse eu, inclinando o queixo na direção da porta. — Você e o soldado. Deem o fora daqui.

Sharipov recuou um passo e seu rosto ficou vermelho. — Não sei o que acha que está fazendo...

— Saia. — Ergui a arma e aponte-a no meio dos olhos dele. — Agora.

Sharipov enrijeceu o maxilar, mas fez o que eu disse. O soldado saiu mancando atrás dele, lançando-me um olhar de ódio por sobre o ombro. Eu não tinha dúvidas de que voltariam com reforços, mas seria tarde demais.

Assim que a porta se fechou atrás deles, voltei minha atenção para Karimov. — Agora — disse eu em tom quase simpático ao apontar a arma para o traidor. — Onde estávamos?

O homem arregalou os olhos de medo. — Foi... foi um erro. Eu disse isso antes. Ninguém me pagou. Ninguém...

Apertei o gatilho e observei as balas atravessarem o joelho dele. Os tiros e os gritos resultantes aumentaram minha dor de cabeça, o que intensificou minha raiva. — Eu lhe disse para não mentir para mim — rosnei quando os gritos do homem diminuíram um pouco. — Agora, quem pagou você?

— Eu n-não sei! — Ele soluçou e agarrou o joelho, com o sangue espalhando-se pela cama. — Foi um *e-mail*! Tudo por *e-mail*!

— Que *e-mail*?

— M-meu *e-mail* do Yahoo! Eles transferiram dinheiro para

minha conta durante anos e pediram favores. Favores p-pequenos. Nunca os encontrei. Nunca os encontrei...

— Você não sabe quem eles são?

— N-não — soluçou ele, tentando impedir o sangramento com as mãos. — Não sei, não sei, não sei...

Merda. Eu estava inclinado a acreditar nele. Era muito covarde para não os entregar para salvar a própria pele. E provavelmente sabiam que não deveriam confiar nele. Invadiríamos o *e-mail* dele, mas eu duvidava que encontrássemos muitas pistas.

Ouvindo gritos e passos apressados no corredor, encostei a arma na testa suada de Karimov. — Última chance — disse eu em tom sombrio. — Quem são eles?

— Eu não sei! — O grito dele foi desesperado e eu soube que dizia a verdade. Ele não sabia de nada, o que o tornava inútil. Eu me senti tentado a deixá-lo vivo para que Esguerra ou Peter se divertisse um pouco, mas seria um esforço muito grande tirá-lo do país.

Isso significava que só havia uma coisa a fazer.

Apertando o gatilho, enchi Karimov de balas e observei seu corpo bater contra a parede, com sangue e pedaços de cérebro espalhando-se por toda parte. Em seguida, abaixei a arma e respirei fundo algumas vezes, tentando acalmar a dor latejante na cabeça.

Quando as tropas de Sharipov entraram no quarto alguns segundos depois, eu estava sentado na cadeira, com a arma vazia jogada aos pés.

— Desculpe pela confusão — disse eu, apoiando-me nas muletas para levantar. — Pagaremos a limpeza do quarto.

E, ignorando o horror no rosto de todos, comecei a andar em direção à porta.

CAPÍTULO 12

*Y*ulia

— A QUE ORGANIZAÇÃO VOCÊ PERTENCE? — BUSCHEKOV SE inclinou para a frente, com os olhos sobre mim com a intensidade de uma cobra hipnotizando a presa.

Encarei o oficial russo de volta, mal registrando a pergunta. Eu não conseguia decidir se a cor dos olhos dele era cinza ou castanho pálido. Fosse qual fosse a cor, a íris se misturava com o branco amarelado em volta, produzindo a ilusão de falta completa de cor. Em geral, tudo sobre Arkady Buschekov era cinza amarelado, do tom da pele aos cabelos grudados no crânio brilhante.

— A que organização você pertence? — repetiu ele com olhar penetrante. Fiquei imaginando quantas pessoas cediam simplesmente por causa daquele olhar. Se eu acreditasse em visão de raio-X, juraria que ele olhava através de mim. — Quem enviou você aqui?

— Não sei do que você está falando — respondi, incapaz de

esconder a exaustão na voz.

Eu fora capturada mais de vinte e quatro horas antes e não dormira, comera nem bebera. Eles estavam minando minha força de vontade com isso. Era uma técnica padrão de interrogatório ali. Os russos se consideravam civilizados demais para recorrer à tortura, portanto, usavam esses métodos "mais suaves", coisas que mexiam com o psicológico em vez de causar danos duradouros ao corpo.

— Você sabe, Yulia Andreyevna — Buschekov usou meu nome e meu sobrenome falso —, o governo ucraniano negou qualquer conexão com você. — Ele se aproximou ainda mais, fazendo com que eu tivesse vontade de me encolher na cadeira. Naquela distância, senti o cheiro de peixe salgado e batatas com alho que ele provavelmente comera no almoço. — A não ser que alguma agência não oficial na Ucrânia reclame você, não teremos opção além de supor que é uma cidadã russa, como seu histórico falso indica — continuou ele. — Você entende o que isso significa, certo?

Eu sabia. Se eles me acusassem de traição, eu seria executada. Mas isso não era motivo para que eu falasse. Obenko não assumiria a responsabilidade por mim, nem mesmo se eu expusesse nossa agência clandestina. Uma agente não era nada no cenário mais amplo.

Quando permaneci em silêncio, Buschekov suspirou e recostou-se na cadeira. — Muito bem, Yulia Andreyevna. Se é assim que deseja. — Ele estalou os dedos para o espelho de parede inteira à minha esquerda. — Conversaremos de novo em breve.

Ele se levantou e andou até a porta no canto da sala. Parando, ele olhou para mim. — Pense no que eu disse. Isso pode ficar muito ruim para você se não cooperar.

Não respondi. Em vez disso, baixei o olhar para minhas mãos, que estavam algemadas na mesa à minha frente. Ouvi a porta abrir e fechar. Fiquei sozinha, exceto pelas pessoas que me observavam

pelo espelho.



AS HORAS SE ARRASTARAM E CADA SEGUNDO ERA UMA TORTURA maior do que o anterior. A sede que me atormentava era comparável apenas à fome que me devorava por dentro. Tentei deitar a cabeça sobre a mesa para dormir, mas, sempre que fazia isso, um alarme alto soava nos alto-falantes, acordando-me de sobressalto. Era impossível ignorar o barulho ensurdecedor, mesmo no meu estado de exaustão. Depois de algum tempo, desisti de tentar, fazendo o possível para cochilar por momentos preciosos enquanto ficava sentada ereta na cadeira.

Eu sabia o que estavam fazendo, mas isso não tornava as coisas mais fáceis de aguentar. As pessoas que não tinham passado por privação prolongada do sono não entendiam que era uma tortura genuína, que cada parte do corpo começava a entrar em colapso depois de algum tempo. Eu sentia náuseas e frio, e tudo doía... meu estômago, os músculos, a pele, os ossos, até mesmo os dentes. A dor de cabeça anterior virara uma agonia dentro do crânio. Meus lábios estavam rachados pela falta de água.

Quanto tempo fazia desde que Buschekov me deixara sozinha? Várias horas? Um dia? Eu não sabia e estava perdendo a vontade de me importar. Se havia uma vantagem em tudo aquilo, era que eu não precisava ir ao banheiro. Estava desidratada demais e meu estômago vazio. Não que isso me poupasse da humilhação. Ao chegar, eles tiraram minha roupa e vasculharam cada centímetro do meu corpo. Mesmo agora, vestindo um uniforme cinza da prisão, eu me sentia horivelmente nua, com a pele arrepiada ao me lembrar dos dedos enluvados dos guardas invadindo-me completamente.

Fechei os olhos por um segundo e o alarme ensurdecedor soou,

acordando-me novamente. Abrindo os olhos, tentei engolir, reunir o pouco de umidade que permanecia na boca para umedecer a garganta. Parecia que eu comera areia. Engolir doeu mais do que não engolir e desisti, concentrando-me apenas em sobreviver de um momento para o outro. Eles não me deixariam morrer daquele jeito, não quando tinham esperanças de obter alguma informação. Portanto, eu só precisaria aguentar até que me dessem um pouco de água.

Até que voltassem para me interrogar de novo.

Minha mente devaneou, repassando os dias anteriores. Não havia motivo para não pensar em Lucas agora e deixei que as lembranças surgissem. Doces e amargas ao mesmo tempo, elas encheram minha mente, afastando-me do corpo dolorido e exausto.

Lembrei-me da forma como ele me beijara, como se encaixara contra e dentro de mim. Lembrei-me do gosto dele, de seu cheiro, da sensação de sua pele contra a minha. Ele olhara para mim enquanto trepávamos, seu olhar possuindo-me com intensidade. A noite que passáramos juntos significara alguma coisa para ele? Ou eu fora apenas uma trepada casual, uma forma de passar o tempo enquanto ele estava em Moscou?

Meus olhos arderam quando olhei sem ver para a parede à minha frente. Não importava a resposta. Nunca importara, mas agora tinha relevância zero. Lucas Kent estava morto, provavelmente com o corpo despedaçado.

A sala virou um borrão, entrando e saindo de foco. Percebi que eu tremia, com a respiração rápida e curta, e o coração batendo dolorosamente depressa. Eu sabia que provavelmente era por causa da desidratação e da falta de sono, mas parecia que algo dentro de mim se rompera. A pressão que senti no peito era esmagadora. Eu queria enrolar o corpo em uma bola, encolher para dentro de mim mesma, mas não podia, não com as mãos algemadas à mesa e os pés presos ao chão.

Só o que eu podia fazer era ficar sentada e sentir pesar por algo

que nunca tivera... e que nunca conheceria.

CAPÍTULO 13

*L*ucas

DEPOIS QUE INTERROGUEI KARIMOV, SHARIPOV DESIGNOU DEZ soldados armados para ficar de guarda e acompanhar as enfermeiras enquanto cuidavam de mim. Eu sabia que ele estava tentado a fazer mais, como me jogar na prisão, mas não teve coragem. Peter já fizera alguma magia com suas conexões russas, portanto, todos no hospital estavam muito bem-comportados, excluindo a questão menor dos guardas armados.

Eu não me importei com aquela comitiva. Agora que tivera a oportunidade de liberar parte da raiva, eu estava ligeiramente mais calmo e passei o tempo entre a morte de Karimov e o resgate de Esguerra aprendendo a me movimentar com as muletas. De acordo com os médicos, era uma fratura na tíbia e eu poderia tirar o gesso em seis a oito semanas. Aquilo me deu um pouco de conforto, diminuindo a raiva e a frustração de estar preso no hospital enquanto outros faziam o meu trabalho.

Peter me manteve atualizado e eu sabia que a Al-Quadar tinha mordido a isca. Agora era apenas uma questão de esperar que Nora fosse levada para onde a célula terrorista escondia Esguerra. Sentindo-me cuidadosamente otimista, providenciei para que os dois fossem levados a uma clínica particular na Suíça depois do resgate. Eu tinha a sensação de que eles precisariam. Também discuti com Peter a estratégia sobre a melhor forma de resgatar Esguerra do buraco em que o mantinham. Além disso, conferia regularmente os homens queimados, que estavam estáveis, mas drogados para que ficassem inconscientes, diminuindo o sofrimento. Eles precisariam de alguns transplantes de pele, uma despesa que Esguerra precisaria autorizar ao voltar.

Com toda aquela atividade, não passei muito tempo descansando na cama, o que irritou os médicos que cuidavam de mim. Eles alegaram que eu precisava ficar deitado e não me estressar para curar a concussão. Eu os ignorei. Eles não entendiam que eu precisava me manter ocupado, que até mesmo a pior dor de cabeça era melhor do que ficar deitado lá pensando *nela*.

A intérprete russa/espiã ucraniana.

Yulia.

Só de pensar no nome dela fez minha pressão sanguínea subir. Eu não sabia por que não conseguia tirar a traição dela da mente. Nem era realmente uma traição. Racionalmente, eu entendia que ela não me devia lealdade alguma. Eu fora ao apartamento dela para usar seu corpo. Em vez disso, ela acabara usando-me. Isso a tornava minha inimiga, alguém que eu deveria querer matar, mas não significava que ela me traía. Eu não deveria pensar nela mais do que pensava na Al-Quadar.

Não deveria, mas pensava.

Eu pensava nela constantemente, lembrando-me da forma como ela olhara para mim e como prendera a respiração quando a tocara pela primeira vez. Como ela se agarrara a mim quando a penetrei, com a boceta apertada e escorregadia em volta do meu pênis. Ela

me queria, eu tinha certeza disso. E o sexo fora a melhor coisa que eu vivera em anos.

Talvez durante a vida toda.

Merda.

Eu não podia continuar fazendo aquilo comigo mesmo. Precisava esquecer a garota. Ela estava nas mãos do governo russo, o que significava que não era mais problema meu. De uma forma ou de outra, ela pagaria pelo que fizera.

Era uma ideia que deveria me confortar, mas me deixava ainda mais furioso.



— NÓS OS PEGAMOS.

Ao ouvir a voz de Peter, eu me levantei, tenso demais para ficar parado. — Como eles estão? — Era difícil segurar o telefone enquanto me equilibrava nas muletas, mas consegui.

— Esguerra está bem fodido. Eles acabaram com o rosto dele... acho que perdeu um olho. Nora parece bem. Ela matou Majid. Explodiu o cérebro dele antes de chegarmos lá. — O tom de Peter denotava admiração. — Atirou nele a sangue frio, se é que você consegue acreditar nisso.

— Merda. — Eu não consegui formar aquela imagem na mente e nem me dei ao trabalho de tentar. Em vez disso, concentrei-me na primeira parte da frase dele. — Esguerra perdeu um olho?

— Parece que sim. Não sou médico, mas parece bem ruim. Espero que consigam consertá-lo naquele lugar na Suíça.

— Sim. — Se havia um lugar que poderia fazer isso, era a clínica na Suíça. Ela era conhecida por tratar celebridades e os obscenamente ricos, de magnatas do petróleo russos a chefes de drogas mexicanos. Uma estadia lá tinha como preço inicial trinta mil francos suíços por noite, mas Julian Esguerra podia pagar sem

pensar duas vezes.

— Por falar nisso, ele quer você e os outros transferidos para aquela clínica — disse Peter. — Mandaremos um avião para buscá-los em breve.

— Ah. — Eu não esperaria nada menos que aquilo, mas ainda foi bom ouvir. A recuperação na clínica suíça seria muito melhor do que ficar preso no buraco de merda em que eu estava. — Ele não acabou com a sua raça por deixar Nora ser levada?

— Não conversei com ele, na verdade. Estou mantendo distância.

— Peter... — Hesitei por um segundo, mas decidi que o homem merecia um aviso. — Esguerra não é muito racional em se tratando da esposa. Há uma chance de que ele...

— Coma meu fígado? Sim, eu sei. — O russo pareceu mais divertido do que preocupado. — É por isso que vou deixá-los na clínica e partir. Eles são todos seus agora.

— Partir? E sua lista? — Não era segredo que, em troca de três anos de serviço, Esguerra prometera entregar a Peter os nomes das pessoas responsáveis pelo que acontecera com a família dele.

— Não se preocupe com isso. — A voz de Peter ficou fria como o Ártico. — Eles terão o que merecem.

— Está bem, cara. — Aquela era provavelmente minha dica para enviar uma mensagem aos guardas para deter Peter. Esguerra sem dúvida me elogiaria por isso, mas não consegui trair o russo daquele jeito. Apesar de não termos trabalhado juntos por muito tempo, eu passara a admirar o homem. Ele era um filho da puta de sangue frio, o que o tornava excelente no que fazia. E, francamente, era perigoso o suficiente para que eu não quisesse arriscar a vida de nenhum outro de nossos homens. — Boa sorte — disse eu com sinceridade.

— Obrigado, Lucas. Para você também. Espero que você e Esguerra se recuperem logo.

Em seguida, ele desligou, deixando-me à espera do avião e

tentando não pensar em Yulia.



FICAMOS NA CLÍNICA SUÍÇA POR QUASE UMA SEMANA. DURANTE esse tempo, Esguerra passou por duas cirurgias, uma para consertar o rosto que fora cortado e a outra para colocar uma prótese na órbita esquerda.

— Disseram que as cicatrizes mal serão visíveis depois de algum tempo — disse a esposa dele quando a encontrei no corredor. — E o implante do olho parecerá bem natural. Em alguns meses, ele estará quase de volta ao normal. — Ela fez uma pausa, estudando-me com os olhos escuros grandes. — Como você está, Lucas? Como está sua perna?

— Está bem. — Eu recusara os analgésicos e a perna doía muito, mas Nora não precisava saber disso. — Tive sorte. Nós dois tivemos.

— Sim. — A garganta dela se moveu quando ela engoliu em seco. — Qual é o prognóstico dos outros?

— Viverão até a próxima cirurgia. — Era a única coisa positiva que eu podia dizer sobre os três homens queimados. — Os médicos disseram que cada um deles precisará de cerca de uma dúzia de cirurgias.

Ela assentiu sombriamente. — É claro. Espero que corra tudo bem com as cirurgias. Por favor, se falar com eles, diga que lhes desejo o melhor.

Inclinei a cabeça. Não havia muita chance de que isso acontecesse, pois estavam completamente dopados, mas não vi necessidade de dizer isso a ela. A jovem pequena à minha frente já estava lidando com muita coisa. Esguerra dissera que ela estava aguentando bem, mas eu não tinha tanta certeza. Poucas jovens de dezenove anos dos subúrbios norte-americanos explodiriam a

cabeça de um terrorista.

Eu estava prestes a continuar meu caminho quando Nora perguntou baixinho: — Você tem notícias de Peter? — A expressão dela era difícil de decifrar.

— Não, não tenho — respondi com sinceridade. — Por quê?

Ela deu de ombros. — Só curiosidade. Devemos nossa vida a ele.

— Certo. — Eu tinha a sensação de que havia mais alguma coisa, mas não insisti. Inclinei a cabeça novamente e continuei mancando até meu quarto.

Quando peguei no sono naquela noite, a espiã loira invadiu minha mente de novo e, apesar da dor de cabeça sem fim, meu pênis ficou duro. Fora assim durante todas as noites na semana anterior. Imagens aleatórias de nossa noite juntos surgiam quando eu baixava a guarda... quando estava cansado demais para lutar contra elas. Eu não conseguia me esquecer da boceta apertada, dos gritos que escapavam de sua garganta durante as trepadas, o cheiro e o gosto dela... Ficou tão ruim que considerei a ideia de procurar uma prostituta. Mas, por algum motivo, isso não me atraiu.

Eu não queria apenas sexo. Queria sexo com *ela*.

Furioso, levantei, peguei as muletas e fui para o banheiro para me masturbar de novo.

Se tudo desse certo, no dia seguinte estaríamos de volta na Colômbia e aquele capítulo da minha vida terminaria.

Talvez eu conseguisse esquecer Yulia para sempre.

III

A PRISIONEIRA

CAPÍTULO 14

*L*ucas

MEUS DEDOS FLUTUARAM SOBRE O TECLADO DO NOTEBOOK enquanto eu olhava para a tela, debatendo a sabedoria do que estava prestes a fazer. Em seguida, respirei fundo e comecei a digitar. Meu *e-mail* para Buschekov era curto e direto:

Esguerra solicita que Yulia Tzakova seja entregue à sua custódia para interrogatório adicional.

Cliquei em "Enviar" e levantei, desfrutando da liberdade de me movimentar sem as muletas. Eu tirara o gesso duas semanas antes e ainda me sentia feliz sempre que levantava e andava sem assistência.

Saindo do escritório, que também era uma biblioteca, fui para a cozinha para preparar um sanduíche. Cozinhar era uma habilidade que eu nunca dominara e meu sanduíche foi muito simples: presunto, queijo, alface e maionese entre duas fatias de pão.

Sentei-me à mesa para comer para não sobrecarregar a perna.

Apesar de estar curando bem, eu ainda tinha que lutar contra a tendência de mancar. Eu a fraturara apenas dois meses antes e o osso precisava de mais tempo para curar completamente.

Enquanto comia, meus pensamentos se voltaram para a provável resposta dos russos. Eu não imaginava que Buschekov ficasse feliz em perder a prisioneira, mas, ao mesmo tempo, não achei que ele fosse protestar demais. As armas de Esguerra eram as melhores que existiam e, com o conflito na Ucrânia aumentando, o Kremlin precisava de nossas entregas para os rebeldes mais do que nunca.

De uma forma ou de outra, eles honrariam a solicitação de Esguerra... que, na realidade, era minha. O que significava que, depois de dois meses de obsessão, eu finalmente colocaria as mãos em Yulia Tzakova.

Eu mal podia esperar.



NOS DOIS DIAS SEGUINTE, TROQUEI UMA MEIA DÚZIA DE *E-MAILS* com Buschekov. Como eu suspeitara, ele não ficara muito feliz, inicialmente indo até o ponto de dizer que só conversaria sobre o assunto com Peter Sokolov.

— Sokolov não está disponível no momento — disse eu a Buschekov durante uma videoconferência. O oficial russo estava novamente usando uma intérprete... desta vez, uma mulher de meia idade. — Agora, sou eu quem falo por Esguerra em todos os assuntos. E ele quer Tzakova sob sua custódia assim que possível, juntamente com as informações que você conseguiu descobrir sobre ela até o momento.

— Isso é impossível — retrucou Buschekov quando a intérprete traduziu minhas palavras. — É uma questão de segurança nacional...

— Besteira. Só o que queremos são os arquivos sobre a vida dela. Isso não tem nada a ver com a segurança nacional da Rússia.

Buschekov não disse nada por alguns momentos depois que a mulher traduziu e eu sabia que ele considerava a melhor forma de lidar comigo. — Por que você precisa dela? — perguntou ele finalmente.

— Porque queremos rastrear o indivíduo ou a organização específica responsável pelo ataque com o míssil. — Ou, pelo menos, era o que eu dizia a mim mesmo: que queria interrogar a garota pessoalmente para encontrar os filhos da puta que derrubaram nosso avião.

Os olhos sem cor de Buschekov não piscaram. — Você não precisa de Tzakova para isso. Compartilharemos com você essa informação assim que a tivermos.

— Então vocês não têm essa informação. Depois de dois meses. — Eu estava surpreso e impressionado por eles não terem conseguido dobrar a garota. O treinamento dela deveria ter sido o melhor para aguentar um interrogatório tão longo.

— Nós a teremos em breve. — Buschekov cruzou os braços sobre o peito. — Há formas de acelerar a recuperação de informações e acabamos de receber autorização para usá-las.

Minhas entranhas se contraíram. Eu tentara não pensar no que poderiam estar fazendo com ela em Moscou, mas, com frequência, isso surgia na minha mente, juntamente com lembranças de nossa noite juntos. Eu queria que Yulia sofresse, mas a ideia de alguns guardas russos sem rosto abusando dela traziam à tona algo sombrio e feio dentro de mim.

— Não dou a mínima para as suas autorizações. — Forcei minha voz a permanecer calma ao me aproximar da câmera. — O que você fará é entregá-la sob nossa custódia. Se deseja manter nosso relacionamento comercial, é isso que terá que fazer.

Ele me encarou e percebi que pensava sobre o assunto, imaginando se eu estava blefando. E eu estava, pois Esguerra não

autorizara nada daquilo, mas Buschekov não sabia disso. No que dizia respeito ao oficial russo, eu representava a organização Esguerra e estava prestes a acabar com o que fora uma associação mutuamente benéfica.

— Isso não seria bom para vocês, sabe disso — falou Buschekov finalmente. — Se fosse contra nós dessa forma.

— Talvez. — Não pisquei ao ouvir a ameaça não tão velada. — Talvez não. Os inimigos de Esguerra raramente se dão bem.

E me referia à Al-Quadar, que fora completamente dizimada desde nosso retorno. Estivéramos em guerra com o grupo terrorista por alguns meses, desde que tinham sequestrado Nora para tentar obter um certo explosivo de Esguerra. No entanto, as coisas realmente tinham aumentado desde que voltáramos do Tajiquistão. Perseguimos os fornecedores, os financiadores e os parentes distantes dos terroristas. Ninguém remotamente conectado com o grupo escapara de nossa fúria. A contagem de cadáveres chegara perto de quatrocentos e a comunidade de inteligência notara esse fato.

Buschekov não respondeu por alguns momentos tensos e perguntei-me se ele encararia meu blefe. Mas ele disse: — Está bem. Você a terá daqui a um mês.

— Não. — Mantive o olhar de Buschekov enquanto a mulher traduzia minhas palavras. — Antes disso. Enviaremos um avião para buscá-la amanhã.

— O quê? Não, isso...

— Deve ter tempo suficiente para providenciar tudo — interrompi a intérprete. — Lembre-se, esperamos receber a moça e os arquivos. Acredite, é melhor você não nos desapontar.

E, antes que ele pudesse protestar, desliguei a vídeoconferência.



NA MANHÃ SEGUINTE, TREINEI COM ESGUERRA E A EQUIPE, COMO sempre. Como eu, ele estava quase de volta ao normal, e deu uma surra em três dos novos recrutas. Como minha perna ainda não estava totalmente curada, limitei-me ao boxe e à prática de tiro ao alvo, sentindo um pouco de inveja por ele conseguir lutar adequadamente.

Ao sairmos da área de treinamento, eu o botei a par dos últimos desenvolvimentos em relação a Peter Sokolov. De alguma forma, o russo conseguira a lista com Esguerra e agora eliminava sistematicamente cada nome que aparecia nela.

— Houve outro ataque na França e mais dois na Alemanha — disse eu a Esguerra, usando uma toalha para limpar o suor do meu rosto. Aquela área da Colômbia, perto da floresta Amazônica, era sempre quente e úmida. — Ele não está perdendo tempo.

— Não achei que ele fosse perder — disse Esguerra. — Como ele fez dessa vez?

— O francês foi encontrado boiando em um rio, com marcas de tortura e estrangulamento, portanto, suponho que Sokolov primeiro o sequestrou. Quanto aos alemães, um foi morto por uma bomba no carro e o outro com um fuzil de precisão. — Sorri sombriamente. — Não devem tê-lo deixado muito furioso.

— Ou ele preferiu ser rápido.

— Ou isso — concordei. — Ele provavelmente sabe que a Interpol está atrás dele.

— Tenho certeza disso. — Esguerra parecia distraído e achei ser um bom momento para tocar no assunto da situação de Yulia.

— A propósito — disse eu, mantendo o tom casual. — Estou trazendo Yulia Tzakova de Moscou para cá.

Esguerra parou e me encarou. — A intérprete que nos traiu na Ucrânia? Por quê?

— Quero interrogá-la pessoalmente — expliquei, pendurando a toalha no pescoço. — Não confio nos russos para fazer um trabalho decente.

Esguerra estreitou os olhos, com a prótese parecendo assustadoramente com um olho de verdade. — É porque você trepou com ela naquela noite em Moscou? É esse o problema?

Uma onda de raiva fez com que minha boca ficasse dura. — Ela me fodeu. Literalmente. — Eu me senti confortável o suficiente para admitir aquilo. — Portanto, sim, quero colocar as mãos naquela vadia. Mas também acho que ela deve ter alguma informação útil para nós.

Pelo menos, eu esperava que tivesse para que pudesse justificar aquela obsessão insana com ela.

Esguerra me estudou por um segundo e assentiu. — Nesse caso, vá em frente. — Recomeçamos a caminhar e ele perguntou: — Você já negociou isso com os russos?

Assenti. — Inicialmente, eles tentaram dizer que só negociariam com Sokolov, mas eu os convenci de que não seria inteligente contrariar você. Buschekov viu a luz quando eu o relembrei dos problemas recentes na Al-Quadar.

— Ótimo. — Esguerra pareceu sombriamente contente. No mundo do tráfico de armas ilegais, a reputação era tudo, e o fato de os russos terem recuado era bom para nossos relacionamentos com clientes e fornecedores.

— Sim, foi útil — disse eu antes de acrescentar: — Ela chegará aqui amanhã.

Esguerra ergueu as sobrancelhas. — Onde você vai mantê-la? — perguntou ele. Era uma demonstração de confiança em mim o fato de ele não questionar a iniciativa. Desde que eu salvara a vida dele na Tailândia, ele passara a confiar muito mais em mim.

— No meu alojamento. Eu a interrogarei lá.

Ele sorriu e percebi que entendera. — Muito bem. Aproveite.

— Ah, eu vou — respondi sombriamente. — Pode apostar nisso.

Eu literalmente contava as horas até que Yulia estivesse no avião. Considerei voar até Moscou para buscá-la, mas, depois de

alguma deliberação, resolvi enviar Thomas, ex-piloto, com alguns homens em quem eu confiava. Pareceria estranho se eu fosse. Como segundo em comando depois de Esguerra, eu era necessário na propriedade, não cuidando de tarefas pequenas como buscar uma espiã.

— Se houver algum problema, notifique-me imediatamente — dissera eu a Thomas, apesar de estar confiante de que não haveria.

Em menos de vinte e quatro horas, Yulia Tzakova estaria ali.

Ela seria minha prisioneira e nada a salvaria de mim.

CAPÍTULO 15

*Y*ulia

A PORTA DE METAL PESADA NO FIM DO CORREDOR BATEU E EU acordei com um sobressalto, condicionada a responder àquele barulho como se fosse um choque elétrico.

Eles vinham me buscar novamente.

Comecei a tremer, outra resposta condicionada. Por mais que eu quisesse permanecer forte, eles estavam me dobrando aos poucos. A cada interrogatório extenuante, a cada humilhação pequena ou grande, a cada dia que se transformava em noite, enquanto eu ficava lá sem comida e sem dormir, as coisas se acumulavam, destruindo minha força de vontade. E eu sabia que tinham apenas começado. Buschekov sugerira isso na última vez em que eu estivera na sala com espelho.

Tentando controlar a respiração, sentei-me na cama, puxando um cobertor fino sujo em volta do corpo. Do lado de fora, podia ser maio, mas, dentro da prisão, ainda era inverno. O frio era eterno,

permeando as paredes de pedras cinzentas e barras de metal enferrujadas, entrando pelas rachaduras do teto e do chão. Não havia janelas e o sol nunca esquentava aqueles aposentos. Eu vivia em um cinza fluorescente e as paredes frias se fechavam à minha volta a cada dia.

Passos.

Ouvindo-os, coloquei os pés cobertos com meias dentro das botas. As meias estavam sujas, bem como o macacão que eu vestia. Eu não tomava um banho havia três semanas e certamente fedia muito. Era uma daquelas pequenas humilhações cujo objetivo era fazer com que a pessoa se sentisse menos do que humana.

— Yulechka... — Uma voz familiar me fez tremer ainda mais. Igor era o guarda que eu mais odiava, o que tinha as mãos mais invasivas e o hálito mais fedido. Mesmo com câmeras por toda parte, ele conseguia encontrar oportunidades de me tocar e machucar.

— Yulechka — repetiu ele, aproximando-se de minha cela. Vi o brilho nos olhos castanhos dele. Ele usava a forma mais familiar do meu nome, um que normalmente seria usado por pais e familiares de forma carinhosa. Nos lábios grossos dele, o nome soava sujo e pervertido, como se ele fosse um pedófilo falando com uma criança.

— Está pronta, Yulechka? — Olhando para mim, ele estendeu a mão para a fechadura da porta da cela.

Lutei contra a vontade de me encostar na parede. Em vez disso, levantei-me e tirei o cobertor. Ele usaria qualquer desculpa para colocar as mãos em mim, portanto, eu não lhe daria uma. Simplesmente andei até as barras de metal e fiquei parada, esperando, com o estômago nauseado.

— Querem você lá fora de novo — disse ele, pegando meu braço. Quase vomitei quando ele agarrou meu pulso, com os dedos oleosos sobre minha pele. Ele colocou uma algema no meu pulso e segurou meu outro braço, chegando mais perto. — Disseram que

você não voltará para cá — sussurrou ele. Senti uma de suas mãos apertar meu traseiro, com os dedos enterrando-se dolorosamente no rego. — É uma pena, vou sentir sua falta, Yulechka.

O vômito subiu até minha garganta quando senti o cheiro do hálito dele, de cigarro e dentes podres. Esforcei-me ao máximo para não o empurrar para longe. Lutar significava que ele me tocaria ainda mais, eu sabia disso por experiências anteriores. Portanto, só fiquei parada e esperei que me soltasse. Ele não me estupraria... era uma humilhação que me fora poupada, graças às câmeras... e eu só precisava ficar imóvel e não vomitar.

Depois de alguns segundos, ele prendeu a segunda algema no meu pulso e deu um passo atrás, com o desapontamento cobrindo suas feições.

— Vamos — rosnou ele, agarrando meu cotovelo. Enchi os pulmões com ar não tocado pelo fedor dele, torcendo desesperadamente para que meu estômago se aquietasse. Eu vomitara uma vez antes, quando me deram carne gordurosa para comer depois de me deixar com fome por três dias. Em seguida, fizeram com que eu limpasse o vômito com o cobertor que ainda estava na minha cama.

Para meu alívio, a náusea diminuiu enquanto Igor me levava pelo corredor e registrei o que ele dissera.

Você não voltará para cá.

O que isso significava? Eles me levariam para outro prédio ou tinham finalmente decidido que não valia a pena tentar tirar algo de mim? Eu estava prestes a ser executada? Era isso que Buschekov sugerira quando dissera que estava esperando uma nova autorização?

Meu coração bateu mais depressa e uma nova onda de náusea me invadiu. Eu não estava pronta para isso. Achei que estava, mas, agora que o momento chegara, eu queria viver.

Eu queria viver para ver Misha.

Exceto que, se eu desse o que os russos queriam, nunca mais

veria Misha. A irmã de Obenko e a família dela seriam forçadas a se esconder, levando meu irmão. A vida feliz de Misha terminaria e seria culpa minha.

Não. Senti-me determinada novamente.

Era melhor se eu morresse.

Pelo menos, eu sairia daquele buraco para sempre.



APESAR DA MINHA DETERMINAÇÃO, MINHAS PERNAS PARECIAM feitas de gelatina enquanto Igor me levava por um corredor desconhecido. Estávamos indo na direção contrária à da sala de interrogatório, o que significava que o guarda não estava mentindo.

Alguma coisa diferente aconteceria naquele dia.

— Por aqui — disse Igor, empurrando-me na direção de uma porta dupla. Ao nos aproximarmos, a porta se abriu e pisquei várias vezes por causa da súbita inundação de luz.

Luz do sol.

A luz do sol parecia quente e pura sobre minha pele, muito diferente da fluorescência fria das luzes da prisão. O ar que passou pela porta também era diferente. Era mais fresco, cheio de aromas da primavera e não tinha nada a ver com o desespero e o sofrimento humano.

— Aqui está ela — disse Igor, empurrando-me pela porta. Fiquei chocada ao ouvir a voz de uma mulher repetir as palavras dele em inglês com sotaque forte.

Apertando os olhos por causa do brilho intenso, virei a cabeça, vendo uma mulher de meia idade parada ao lado de cinco homens em um pátio estreito. Além deles, havia um muro grosso com arame farpado no topo e vários guardas armados.

— Quem é você? — perguntei em inglês à mulher, mas ela não respondeu. Em vez disso, virou-se para olhar para um dos

homens... um homem alto e magro que parecia ser o líder.

— Você pode ir agora, obrigado — disse o homem a ela, falando em inglês norte-americano sem sotaque. Percebi que ela deveria ser uma intérprete.

Ela assentiu e saiu apressada em direção ao portão no outro lado do pátio. O homem se aproximou de mim e vi uma expressão de desgosto cruzar seu rosto. Ele devia ter sentido o fedor em mim por falta de banho.

— Vamos — disse ele, segurando meu braço e puxando-me para longe de Igor.

— Para onde vai me levar? — Tentei ficar calma. Aquilo era algo que eu não esperara. O que os norte-americanos poderiam querer de mim? A não ser que... Eles poderiam estar com...

— Colômbia — disse o homem, confirmando meu palpite horrorizado. — Julian Esguerra solicita a honra de sua presença.

E, antes que eu conseguisse processar aquela reviravolta, ele me arrastou em direção ao portão.



NÃO NOTEI EM QUE MOMENTO COMECEI A LUTAR, SE FOI DEPOIS QUE passamos do portão da prisão ou ao nos aproximarmos da van preta. Só o que notei foi que uma fera acordou dentro de mim e ataquei o homem que me segurava com toda a força que ainda tinha.

Eu não sabia como o traficante de armas podia estar vivo e, naquele momento, não me importei. O animal em pânico dentro de mim só se preocupou em evitar o momento terrível que me aguardava no fim daquela viagem. Eu lera o arquivo sobre Esguerra e ouvira os rumores. Ele não era só um homem de negócios implacável.

Ele também era um sádico.

Minhas mãos estavam algemadas e usei os pés, chutando o joelho do líder. Ao mesmo tempo, abaixei-me e girei o corpo, soltando meu braço que ele segurava. Ele xingou alto, mas eu já estava rolando pelo chão, longe dos cinco homens. Obviamente, não fui muito longe. Em um segundo, eles estavam sobre mim. Dois homens grandes me prenderam no chão e, em seguida, fizeram com que eu ficasse de pé. Continuei a lutar, chutando, mordendo e gritando enquanto eles me jogavam na parte de trás da van. Foi só quando as portas se fecharam e a van começou a se mover que parei de lutar, exausta e trêmula. Minha respiração estava pesada e meu coração batia contra o peito em um ritmo aterrorizado.

— *Hijo de puta*, ela está fedendo — murmurou o homem que me segurava. Meu rosto ficou quente de vergonha, como se fosse culpa minha ter sido reduzida àquela criatura nojenta.

Eles me amordaçaram, provavelmente para me impedir de gritar de novo, e algemaram meus pulsos aos tornozelos antes de me jogar em um canto da van e sentarem-se a cerca de um metro de distância. Eles não me tocaram além disso e, depois de alguns minutos, parte do pânico cedeu e comecei a pensar novamente.

Julian Esguerra queria que eu fosse entregue a ele. Isso significava que ele não morreria no ataque ao avião. Como isso era possível? Obenko mentira para mim ou Esguerra tivera sorte? E, se o traficante de armas sobrevivera, o que acontecera com o restante da equipe dele?

O que acontecera com Lucas Kent?

Senti uma dor familiar no peito ao pensar no nome dele. Eu só o conhecera durante aquela noite, mas ficara de luto e chorara por ele nos confins gelados da minha cela. Ele poderia estar vivo? E, se estivesse vivo, eu o veria de novo?

Seria ele quem me torturaria?

Não. Fechei bem os olhos. Não podia pensar nisso naquele momento. Eu precisava viver um minuto de cada vez, como fizera

naquela sala de interrogatório. Era provável que as horas seguintes fossem minhas últimas sem dor extrema, caso não fossem as últimas de verdade, e eu não podia desperdiçar aquele tempo precioso preocupada com o futuro.

Não podia passar aquele tempo pensando em um homem que provavelmente estava morto.

Portanto, em vez de pensar em Lucas Kent, pensei novamente no meu irmão, em seu sorriso brilhante e na forma como os braços pequenos me abraçavam quando ele era pequeno. Eu tinha oito anos quando ele nascera e nossos pais recearam que me ressentisse com a chegada de um novo bebê na família. Mas não me resenti. Eu me apaixonei por Misha no momento em que o vi no hospital e quando o segurei pela primeira vez. Quando percebi como ele era pequeno, sabia que seria meu trabalho protegê-lo.

— É maravilhoso que Yulia ame tanto o irmão — diziam os amigos dos meus pais. — Olhe como ela cuida bem dele. Será uma mãe maravilhosa um dia.

Meus pais assentiam, sorrindo para mim, e eu redobrava os esforços para ser uma boa irmã, para fazer o que pudesse para garantir que meu irmãozinho estivesse feliz, saudável e seguro.

A van parou, tirando-me dos meus devaneios, e percebi com uma onda de pânico que chegáramos ao nosso destino.

— Vamos — disse o líder do grupo quando as portas da van se abriram. Vi que estávamos em uma pista de pouso, em frente a um jatinho particular Gulfstream. Eu não tinha como andar com os pulsos algemados aos tornozelos, portanto, o homem que reclamara do meu fedor me carregou para fora da van até o avião. O interior era o mais luxuoso que eu já vira.

— Onde quer que eu a coloque? — perguntou ele ao líder e percebi seu dilema. As poltronas largas eram revestidas de couro cor de creme, bem como o sofá ao lado da mesinha de café. Tudo era limpo e bonito, enquanto que eu estava imunda.

— Ali — disse o líder, apontando para uma poltrona ao lado da

janela. — Diego, cubra a poltrona com um lençol.

Um homem de cabelos escuros assentiu e desapareceu na parte de trás do avião. Ele voltou um minuto depois com um lençol, que colocou sobre a poltrona. O homem que me segurava me colocou sobre ela.

— Quer que tire a mordaça e as algemas dos tornozelos dela? — perguntou ele ao líder. O homem magro balançou a cabeça negativamente.

— Não, deixe a vadia como está. Isso ensinará uma lição a ela.

Em seguida, eles se afastaram, deixando-me olhando pela janela e tentando manter a mente longe do que me esperava quando o avião pousasse.

CAPÍTULO 16

*Y*ulia

— VAMOS LOGO. — MÃOS ÁSPERAS ME ERGUERAM DA POLTRONA, tirando-me de um cochilo leve. — Chegamos.

Chegamos? Meu coração deu um salto quando percebi que já tínhamos pousado. Eu deveria ter pegado no sono em algum momento durante o voo, com a exaustão sendo maior do que a ansiedade.

Outro homem me carregou desta vez, Diego, como o líder o chamara. Ele não me segurou de forma especialmente gentil em frente ao peito. No entanto, fiquei feliz por não me obrigarem a caminhar. Depois de passar o voo inteiro com os tornozelos e os pulsos algemados juntos, eu não sabia se os músculos aguentariam. Sem falar que eu estava com tanta fome que me sentia tonta e enjoada. Eles tiraram a mordaça e deram-me um pouco de água durante o voo, mas não se preocuparam em me dar comida.

Assim que Diego saiu do avião, uma onda de umidade quente

me atingiu, fazendo com que eu me sentisse entrando em uma casa de banhos russa... ou talvez em uma floresta tropical. A segunda opção provavelmente era uma comparação melhor, considerando as árvores altas em volta da pista de pouso.

Apesar do terror que circulava em minhas veias, fiquei impressionada com as folhagens em volta. Eu adorava a natureza, sempre adorara desde pequena, e aquele lugar me atraiu em todos os níveis. O ar era carregado com o aroma da vegetação tropical, havia o barulho de insetos na grama e o sol estava quente apesar de algumas nuvens no céu. Por alguns momentos, eu me senti no paraíso.

Em seguida, ouvi um carro aproximando-se e caí na realidade.

O dono daquele paraíso pretendia me torturar e depois me matar.

Meu estômago vazio se contraiu. Eu não queria ceder ao medo, mas não pude evitar o terror que se espalhou pelo meu corpo quando o carro, um SUV preto, parou em frente ao avião.

A porta do motorista se abriu e um homem alto, de ombros largos, saiu do carro, com o sol brilhando sobre os cabelos curtos.

Parei de respirar, com o olhar preso às feições duras dele.

Lucas Kent.

Ele estava vivo.

Os olhos pálidos se prenderam em mim e o mundo à minha volta saiu de foco. Esqueci completamente da fome e do desconforto, das algemas que me prendiam e do meu medo do futuro.

A única coisa de que eu tinha ciência era a alegria imensa e irracional por Lucas estar vivo.

Ele começou a andar na minha direção e forcei-me a respirar novamente. Ele era ainda maior do que eu me lembrava, com os ombros largos e musculosos. Vestindo uma camiseta regata camuflada e calças *jeans* rasgadas, com um fuzil sobre o peito, ele parecia exatamente o que era: um mercenário implacável

trabalhando para um chefe do crime.

— Eu assumo daqui em diante, Diego — disse ele, aproximando-se de mim. Comecei a tremer quando ele estendeu a mão para me segurar e desviou o olhar. Diego me entregou sem uma palavra. Comecei a tremer ainda mais quando senti as mãos de Lucas em mim novamente. Seu toque me queimou mesmo sobre o material áspero do uniforme da prisão que eu vestia.

Recuando, ele se virou e começou a me carregar para o carro, segurando-me contra o peito. Ele não demonstrou nojo pela minha imundície e estremeci ao sentir o calor do corpo dele, que derreteu parte do frio que eu ainda sentia por dentro. Eu deveria estar aterrorizada, mas, em vez disso, senti aquela atração irracional que só sentira com ele. Ao mesmo tempo, uma pressão se acumulou por trás das têmporas e meus olhos arderam, como se eu estivesse prestes a chorar.

Vivo. Ele está vivo.

Não parecia real. Nada daquilo parecia real. Minha realidade era uma cela cinza e fedorenta em uma prisão russa. Era as mãos oleosas de Igor e a sala de interrogatório com espelho de Buschekov. Era a fome, a sede e a saudade... a saudade da vida que eu perdera quando o carro de meus pais derrapara no gelo escuro, do irmão que só via em fotografias e do homem que conhecera por apenas um dia.

Do homem que eu achara que matara... e que me segurava naquele momento.

Seria tudo aquilo um sonho? Uma fantasia da minha mente exausta e privada de sono? Talvez eu até mesmo estivesse desmaiada sobre a mesa de interrogatório, com aquele alarme ensurdecedor prestes a me jogar de volta para o estado consciente.

O rosto de Lucas ficou borrado em frente aos meus olhos e percebi que eu estava chorando, com lágrimas grossas escorrendo pelo rosto. Constrangida, tentei automaticamente limpar as lágrimas, mas minhas mãos, ainda algemadas aos tornozelos, não

chegaram tão longe. O movimento acabou sendo desajeitado e vi o rosto de Lucas endurecer ao olhar para mim.

— Sua vadia do caralho — disse ele em tom tão suave que mal consegui ouvi-lo. — Acha que consegue me manipular com lágrimas? — Ele me apertou ainda mais, punindo-me ao parar em frente ao SUV e olhando para mim friamente, como se esperasse uma resposta. Quando eu não disse nada, seu rosto ficou ainda mais duro. — Você pagará pelo que fez — prometeu ele com a voz cheia de uma fúria silenciosa. — Você pagará por tudo.

Em seguida, ele abriu a porta do carro e jogou-me no banco de trás. Quando minhas costas bateram no estofado de couro, eu percebi que estava errada.

Não era um sonho.

Era um pesadelo.



O PERCURSO LEVOU APENAS ALGUNS MINUTOS. LUCAS DIRIGIU EM silêncio, sem dizer mais nada para mim, e usei aquele tempo para me recompor. Estranhamente, pensar na ameaça dele me ajudou a controlar as lágrimas. Minha alegria atônita se transformou em um frio gelado quando processei o fato de que Lucas Kent estava vivo... e que ele seria a pessoa que me faria pagar.

Isso significava que o avião realmente caíra? Se sim, como ele e Esguerra sobreviveram? Eu queria perguntar isso a Lucas, mas não consegui me forçar a quebrar o silêncio, não quando sentia a raiva dele pulsando no ar como uma força malévola esperando para ser libertada. Ele soltou a arma, colocando-a sobre o banco do passageiro na frente, mas isso não diminuiu a ameaça que emanava dele.

Ele poderia me matar com as mãos nuas, se quisesse.

Quando o carro saiu da área da floresta, vi uma casa branca

imensa à distância. Ela era rodeada de gramados bem cuidados que formavam um contraste com a selva indomada atrás de nós. Mais adiante, vi torres de guarda espaçadas por algumas dezenas de metros. A vista não me surpreendeu. O arquivo de Esguerra mencionava que a propriedade na Colômbia era fortemente protegida, apesar do local remoto na borda da floresta Amazônica.

Não fomos para a casa grande. Em vez disso, viramos e andamos ao longo da selva até um conjunto de casas quadradas menores de um andar só. Devia ser onde os guardas e outras pessoas do complexo de Esguerra moravam, percebi ao ver homens armados e uma ou outra mulher entrando e saindo das casas.

O carro parou em frente a uma das casas individuais, a que tinha uma varanda, e Lucas saiu, deixando a arma no carro. Ele bateu a porta atrás de si e eu me encolhi, tentando não demonstrar a ansiedade que ameaçava me sufocar. O medo era amargo na garganta. De alguma forma, era pior pelo fato de ser Lucas quem faria aquelas coisas terríveis comigo, que seria ele quem arrancaria minhas unhas ou cortaria meu corpo aos poucos.

Era pior porque houve momentos naquela prisão em Moscou em que eu me imaginava com ele, quando fantasiava que Lucas me segurava e que estava segura nos braços fortes dele.

Lucas deu a volta no carro e abriu a porta de trás. Estendendo a mão, ele me segurou e puxou-me para fora, ainda sem dizer uma palavra ao me erguer contra o peito e bater a porta com o pé. Os braços dele eram duros e punitivos, e eu sabia que era apenas o começo.

Minhas fantasias estavam prestes a serem esmagadas pelo peso da realidade.

Ele me carregou pelos degraus da varanda, andando como se eu não pesasse nada. A força dele era imensa, só que não havia segurança nenhuma nela. Não para mim, pelo menos. Talvez para uma outra mulher no futuro, alguém de quem ele gostasse e que quisesse proteger.

Alguém que ele não odiaria tanto quanto me odiava.

Quando ele abriu a porta da frente e virou-se de lado para me carregar para dentro, vi de relance rostos curiosos observando-nos da rua. Havia vários homens e uma mulher de meia idade. Por um momento absurdo, fiquei tentada a pedir ajuda, a implorar que me salvassem. A vontade desapareceu tão depressa quanto surgiu. Aquelas pessoas não eram pedestres inocentes. Eram empregadas de um traficante de armas sádico e eram cúmplices do destino que eu teria.

Portanto, fiquei em silêncio enquanto Lucas me carregava para dentro da casa e novamente fechava a porta com o pé. Ele não olhou para mim e usei a oportunidade para estudá-lo, notando o maxilar duro como granito. Ele ainda estava furioso e a raiva irradiava dele como o calor de uma chama. Perguntei a mim mesma por que ele estava tão bravo. Certamente aquele tipo de coisa, de fazer com que os inimigos de Esguerra pagassem, era rotina para ele. Eu teria esperado uma desconexão fria, não aquela raiva vulcânica.

Pensando bem, eu esperaria que ele me levasse a um depósito ou a um barraco, algum lugar que não importaria se ficasse sujo de sangue e fluidos corporais. Em vez disso, vi-me dentro de uma casa residencial, apesar de ter apenas mobílias básicas. Um sofá de couro preto, uma TV de tela plana, carpete cinza e paredes brancas. O aposento que ele atravessou comigo nos braços não era luxuoso, mas certamente não era uma câmara de tortura. Aquela seria a casa de Lucas? E, se era, por que eu estava lá?

Não tive tempo de observar a sala por muito tempo porque ele me levou para um banheiro grande de ladrilhos brancos. Havia uma banheira imensa, um chuveiro com paredes de vidro e uma pia ao lado de um vaso sanitário.

Certamente não era uma câmara de tortura.

— Por que você me trouxe para cá? — Minha voz estava rouca por falta de uso. Eu não falara nada desde que os homens de

Esguerra me impediram de gritar em Moscou. — Esta é sua casa, não é?

O músculo do maxilar de Lucas se contraiu, mas ele não respondeu. Em vez disso, carregou-me para o chuveiro, colocou-me no chão e pegou uma chave do bolso. Segurando as algemas dos meus pulsos, ele as abriu e soltou-as das algemas dos tornozelos, que foram abertas em seguida. Depois, ele me fez ficar de pé.

— Você precisa de um banho — disse ele com voz rouca. — Tire essas roupas. Agora.

Meus joelhos se dobraram, com os músculos das pernas incapazes de aguentar o esforço de ficar de pé, apesar de minhas costas doloridas ficarem gratas por conseguirem ficar retas novamente. Minha cabeça girava por causa da fome crônica e da exaustão, e somente a mão de Lucas no meu braço me impediu de cair de volta no chão.

Um banho? Ele quer que eu tome um banho? Antes que eu conseguisse processar aquela exigência estranha, ele soltou um som impaciente e abriu com força o zíper do meu macacão.

— Espere, eu consigo... — Tentei segurar o zíper com a mão trêmula, mas era tarde demais. Lucas me virou, encostando meu rosto na parede do banheiro, e puxou o macacão até meus joelhos, deixando-me vestindo nada além de uma calcinha larga de cintura alta e um sutiã, as únicas roupas íntimas permitidas na prisão. Em menos de um segundo, ele também as tirou e virou-me para encará-lo.

— Não me faça repetir. — Os dedos dele seguraram meu queixo com força enquanto ele prendia meu braço com a outra mão. — Você fará o que eu disser, entendeu? — Os olhos dele brilharam com uma fúria gelada e algo mais.

Desejo.

Ele ainda me queria.

Meu coração bateu em um ritmo furioso quando me dei conta

de que estava nua em frente a ele de novo. Eu deveria ter esperado isso, mas, por algum motivo, não esperei. Na minha mente, o que acontecera antes entre nós era inteiramente separado da punição que ele estava prestes a me dar. Mas eu deveria ter imaginado.

Para homens como Lucas Kent, violência e sexo andavam de mãos dadas.

— Entendeu? — repetiu ele, enterrando os dedos dolorosamente no meu queixo. Pisquei algumas vezes para concordar, pois era o único movimento que conseguia fazer. Pelo jeito, foi o suficiente, pois ele me soltou e recuou um passo.

— Lave-se — ordenou ele, saindo do box do chuveiro e fechando a porta de vidro. — Você tem cinco minutos.

E, cruzando os braços sobre o peito enorme, ele se recostou na parede e encarou-me, esperando.

CAPÍTULO 17

*L*ucas

ELA ESTENDEU A MÃO PARA A TORNEIRA, COM O CORPO INTEIRO tremendo, e vi o esforço que cada movimento lhe custava. Ela estava fraca e magra, infinitamente mais frágil do que na última vez em que eu a vira. O fato de isso me incomodar me enfureceu ainda mais.

Eu esperava sentir desejo e ódio, de gostar de vê-la sofrer enquanto satisfazia meu desejo na carne dela. Eu pretendia tratá-la como meu brinquedo sexual até que minha obsessão desaparecesse. Depois, faria o que fosse preciso para descobrir quem eram as pessoas que a comandavam.

Eu não contava com aquela criatura pálida e fraca, nem com a forma como me senti ao vê-la assim.

Eles a deixaram passar fome? Parecia que sim, pois eu conseguia ver cada uma de suas costelas. A barriga estava côncava, os ossos do quadril se sobressaíam, e os braços e as pernas estavam

dolorosamente magros. Ela devia ter perdido pelo menos oito quilos nos dois meses anteriores, e era magra antes disso.

Ela conseguiu ligar a água e forcei-me a ficar imóvel quando pegou o xampu. Ela não olhou para mim, com toda a atenção concentrada no que fazia. Senti uma onda nova de raiva, misturada com desejo e aquele algo mais desconcertante.

Alguma coisa que parecia muito como vontade de protegê-la.

Merda. Rangi os dentes, determinado a resistir à vontade bizarra de entrar no chuveiro e segurá-la contra mim. Não para trepar, apesar de meu corpo estar ansioso para fazer isso também, mas para abraçá-la.

Para segurá-la e confortá-la.

Enfurecido, mudei de posição, observando quando ela começou a lavar os cabelos. Apesar da magreza extrema, o corpo dela era gracioso e feminino. Os seios estavam menores do que antes, mas ainda eram surpreendentemente cheios, com os mamilos rígidos enquanto ela ficava sob o jato d'água. Vi os pelos loiros de aparência macia entre as pernas dela. Depois de quase dois meses sem se depilar, os pelos púbicos dela deviam estar de volta ao estado natural. Meu pênis, já um pouco enrijecido depois de tirar a roupa dela, ficou completamente duro. Imaginei-me entrando no chuveiro, tirando a calça e penetrando-a sem nenhuma preliminar. Só possuí-la, como o brinquedo sexual que pretendia que ela fosse.

E não havia nada que me impedisse de fazer isso. Ela era minha prisioneira. Eu podia fazer o que quisesse com ela. Nunca forçara uma mulher, mas também nunca desejara e odiara uma mulher ao mesmo tempo. Como trepar com ela seria pior do que cortar a pele delicada para fazê-la falar?

Não seria. Ela era minha para que a machucasse como eu quisesse.

Exceto que machucá-la não era o que eu queria fazer naquele momento. A violência que fervilhava dentro de mim não era para ela. Era para aqueles que a tinham machucado. Quando eu a vi

sendo segurada por Diego, com os cabelos longos sujos em volta do rosto pálido, senti uma fúria diferente de tudo o que já sentira. E, quando ela começara a chorar, precisei de todas as forças para não a abraçar e prometer que ninguém jamais a machucaria novamente.

Nem mesmo eu.

Essa sensação quase me enlouquecera antes e quase me enlouquecia naquele momento. Eu não tinha dúvidas de que a bruxa sabia o que fazia comigo com aquelas lágrimas, como soubera como extrair informações de mim naquela noite em Moscou. A aparência frágil era apenas isso: aparência. O exterior belo escondia uma agente treinada, uma espiã que era tão habilidosa em jogos mentais como era em idiomas estrangeiros.

— Seus cinco minutos acabaram — disse eu, endireitando o corpo. Ela lavara os cabelos e o corpo, e estava só parada sob a água, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás. — Saia. — Minha voz foi dura, sem refletir o tumulto que sentia por dentro. Eu não deixaria que ela me enganasse de novo.

Ao me ouvir, ela deu um salto, abrindo os olhos, e estendeu a mão para desligar o chuveiro. Ela ainda tremia, apesar de não tanto quanto antes, e eu me perguntei o quanto era fraqueza de verdade e o quanto era fingimento.

Abrindo a porta do box, peguei uma toalha e joguei- para ela. — Seque-se.

Ela obedeceu, passando a toalha nos cabelos e no corpo. Ao fazer isso, notei ferimentos cobrindo-lhe as pernas e as costelas, bem como os círculos escuros sob os olhos desconfiados.

Que merda, ela não estava fingindo *aquilo*.

— Chega. — Suprimindo uma onda ilógica de pena, puxei a toalha da mão dela e pendurei-a em um gancho. — Vamos.

Os olhos dela estavam suplicantes quando segurei seu braço, mas ignorei o pedido silencioso, sendo mais duro do que o necessário. Eu não podia ceder àquela fraqueza, àquela obsessão

que parecia completamente fora de controle. Nos dois meses anteriores, eu aceitara o fato de não conseguir deixar de desejá-la, mas aquilo era totalmente diferente.

Ela tropeçou quando a conduzi pela porta e parei para pegá-la no colo, dizendo a mim mesmo que seria mais fácil carregá-la do que arrastá-la. Ao puxá-la contra o peito, senti a pressão suave dos seios e senti seu cheiro, agora limpo e misturado com o aroma do sabonete. O desejo me invadiu novamente, afastando a preocupação com o pouco peso dela, e eu o aceitei de bom grado. Era exatamente do que eu precisava: sentir desejo e mais nada. E, para isso, eu não podia aceitá-la magra e fraca.

Precisava dela mais forte.

Meu destino era inicialmente o quarto, mas mudei o caminho, indo para a cozinha. Senti que ela respirava depressa, provavelmente com medo, mas sem luta. Sem dúvida, ela sabia que seria inútil, estando tão fraca.

Quando chegamos à cozinha, eu a coloquei em uma cadeira e dei um passo atrás. Imediatamente, ela ergueu os joelhos contra o peito, escondendo a maior parte do corpo nu. Seus olhos pareciam grandes e assustados ao olharem para mim. Os cabelos molhados estavam grudados em suas costas e ombros.

— Você vai comer — disse eu, aproximando-me da geladeira. Abrindo-a, peguei peru, queijo e maionese, colocando tudo sobre o balcão, ao lado do pão. Enquanto eu fazia o sanduíche, fiquei de olho nela, garantindo que não tentasse nada, o que não tentou. Ela só ficou sentada, observando desconfiada enquanto eu passava maionese nas duas fatias de pão e colocava o queijo e o peru. Em seguida, servi o sanduíche em um prato.

— Coma — disse eu, empurrando o prato para que ficasse à frente dela.

Ela passou a língua sobre os lábios. — Pode me dar um pouco de água, por favor?

Obviamente. Ela devia estar com sede. Sem responder, fui até a

pia, servi um copo de água e entreguei-o a ela.

— Obrigada. — A voz dela estava baixa ao aceitar a água, com os dedos finos enrolando-se em volta do copo e encostando nos meus. Uma onda de eletricidade correu pela minha espinha com o toque accidental e minha calça ficou desconfortavelmente apertada de novo, com o pênis forçando o zíper.

Ela abaixou o olhar por um segundo antes de me encarar novamente e vi que suas pupilas estavam dilatadas. Ela estava consciente do meu desejo, o que a deixou assustada. A mão que segurava o copo tremeu ligeiramente enquanto ela bebia e o outro braço apertou os joelhos um pouco mais.

Excelente. Eu queria que ela sentisse medo. Queria que ela soubesse que eu podia querer seu corpo, mas não mostraria misericórdia. Ela nunca mais conseguiria me manipular.

Enquanto ela bebia, sentei-me do outro lado da mesa e recostei-me na cadeira, entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

— Coma. Agora — ordenei novamente quando ela colocou o copo sobre a mesa. Ela obedeceu, com os dentes brancos enterrando-se no sanduíche com voracidade.

Apesar da fome óbvia, ela comeu devagar, mastigando bem cada mordida. Foi uma decisão inteligente, pois ela não queria passar mal por comer depressa demais.

— Então — disse eu quando ela tinha comido um quarto do sanduíche —, qual é o seu nome de verdade?

Ela parou no meio da mordida e largou o sanduíche sobre a mesa. — Yulia. — O olhar dela sustentou o meu sem piscar.

— Não minta para mim. — Tirei as mãos de trás da cabeça e inclinei-me para a frente. — Uma espiã não usaria o nome real.

— Eu não disse que é Yulia Tzakova. — Ela pegou o sanduíche novamente e deu outra mordida antes de explicar. — Yulia é um nome comum na Rússia e na Ucrânia, e é o meu nome. É a versão russa de Julia.

— Ah. — Aquilo fazia sentido e eu estava inclinado a acreditar

nela. Era sempre mais fácil permanecer próximo da identidade real ao trabalhar de forma clandestina. — Então, Yulia, qual é o seu sobrenome de verdade?

— Meu sobrenome não importa. — Ela torceu os lábios. — A garota a quem ele pertence não existe mais.

— Então não fará mal algum me dizer qual é, não é mesmo? — Apesar de tudo, eu estava intrigado. Importando ou não, eu queria saber o sobrenome dela.

Queria saber tudo sobre ela.

Ela deu de ombros e mordeu o sanduíche novamente. Percebi que ela não tinha intenção de me responder.

Rangi os dentes, mas lembrei-me de ser paciente. Os russos não tinham conseguido nada de útil dela em dois meses e eu certamente não esperava dobrá-la na primeira hora. A prioridade era fazê-la comer e recuperar as forças. As respostas viriam mais tarde. Eu as tiraria dela, de uma forma ou de outra.

Por enquanto, percorri mentalmente as informações que Buschekov me enviara por *e-mail* sobre ela. Eles não tinham conseguido descobrir muita coisa. Tudo o que ela admitira fora que tinha vinte e dois anos, não vinte e quatro como dizia o passaporte falso, e que nascera em Donetsk, uma das áreas de conflito no leste da Ucrânia. O governo ucraniano se recusara a reivindicá-la, o que significava que a organização para a qual trabalhava devia ser privada ou estritamente clandestina. O diploma em Língua Inglesa e Relações Internacionais da Universidade Estadual de Moscou parecia real. Havia o registro de uma Yulia Tzakova que se formara lá dois anos antes e Buschekov conseguira encontrar professores e colegas que confirmaram que, de fato, ela participara das aulas.

Os ucranianos a tinham recrutado na universidade ou plantaram-na lá? Não era algo fora de questão que ela trabalhasse para eles desde a adolescência. Era muito raro que agentes fossem recrutados tão jovens, mas não impossível.

— Há quanto tempo você faz isso? — perguntei quando ela

estava no fim do sanduíche. As bochechas pálidas agora tinham um tom ligeiramente rosado e ela parecia menos trêmula. — Quero dizer, espionar para a Ucrânia.

Em vez de responder, Yulia tomou um gole de água, colocou o copo sobre a mesa e encarou-me. — Posso o usar o banheiro, por favor?

Fechei as mãos sobre a mesa. — Sim... depois de responder à minha pergunta.

Ela não piscou. — Já tem algum tempo — respondeu ela. — Agora, por favor, posso fazer xixi no banheiro? Ou devo fazer aqui mesmo?

A raiva que me queimava por dentro ficou mais forte e eu cedi. Em um instante, estava perto de Yulia, segurando-a pelos cabelos e puxando-a para que ficasse de pé. Ela gritou de dor, agarrando meu pulso com as duas mãos, mas não lhe dei a chance de começar a lutar. Em menos de dois segundos, eu a dobrei sobre a mesa, com o braço torcido às costas e o rosto contra a superfície. O prato com os restos do sanduíche caiu da mesa, quebrando ao cair no chão, mas não me importei.

Ela aprenderia uma lição importante naquele instante.

— Diga isso de novo. — Inclinei-me sobre ela, prendendo o corpo nu sob o meu. Ouvi a respiração rápida dela, senti a curva de seu traseiro pressionado contra minha virilha e meu pênis enrijeceu quando imagens sexuais sombrias invadiram minha mente. Naquela posição, bastava abrir o zíper da calça e eu estaria dentro dela.

A tentação foi quase insuportável.

— Desde que eu tinha onze anos. — A voz dela estava baixa, abafada contra a mesa. — Faça isso desde que tinha onze anos.

Onze? Atônito, soltei-a e dei um passo atrás. Que tipo de agência recrutava uma criança?

Antes que eu conseguisse digerir aquela revelação, ela saiu de cima da mesa e encarou-me. — Por favor, Lucas. — O rosto dela

estava pálido novamente e seus lábios tremiam. — Eu realmente preciso ir ao banheiro.

Merda.

Segurei o braço dela. — Você tem cinco minutos — avisei ao conduzi-la de volta ao banheiro. — E não tranque a porta. Eu tenho a chave.

Ela assentiu e desapareceu no banheiro, com os cabelos ainda úmidos caindo pelas costas magras.

Balançando a cabeça, voltei para a cozinha para limpar tudo.

Eu não queria que ela cortasse os pés descalços nos pedaços do prato quebrado.

CAPÍTULO 18

*Y*ulia

COM OS JOELHOS TRÊMULOS, ENCOSTEI-ME NA PORTA FECHADA DO banheiro e tentei acalmar a respiração frenética. O que quase acontecera naquela cozinha não deveria ter me assustado tanto, mas fora algo muito próximo de antes... próximo demais daquele lugar sombrio do qual eu lutara tanto para escapar. A posição, de braços e indefesa, com um homem determinado a me punir sobre mim, fora familiar demais e eu entrara em pânico.

Eu entrara em pânico como aquela adolescente de quinze anos que achara que enterrara.

Talvez não tivesse sido tão ruim se fosse outra pessoa... qualquer pessoa. Eu poderia ter erguido aquela barreira mental de aço, a que me mantivera sã antes. Se as únicas coisas que eu sentisse por Lucas fossem medo e nojo, teria sido mais fácil.

Se eu não tivesse tido todas aquelas fantasias idiotas sobre ele na prisão, teria sido algo menos destruidor.

Respirando fundo, forcei-me a me afastar da porta e usar o vaso sanitário. Eu só tinha mais dois minutos antes que Lucas voltasse para me buscar e não podia desperdiçar esse tempo. Enquanto lavava as mãos e escovava os dentes, olhei-me no espelho, tentando me convencer de que conseguiria... de que aguentaria qualquer punição que ele resolvesse me dar, mesmo se fosse da variedade sexual.

— Seu tempo acabou. — A voz profunda dele me assustou e percebi que ficara parada lá, deixando a água correr. — Saia.

O pânico invadiu minhas veias. — Só um segundo — gritei.

Eu não estava pronta para aquilo. Não estava pronta para ele. Pela primeira vez em semanas, eu comera uma refeição normal e tomara um banho, o que, de alguma forma, deixava as coisas piores. Porque, agora que eu me sentia meio humana novamente, estava ciente da minha nudez e de como estava à mercê de um homem que queria me ferir.

Com o coração batendo forte, olhei em volta. Lucas não seria idiota o suficiente de deixar uma arma por ali, mas eu não precisava de muita coisa. Meu olhar caiu sobre a escova de dentes plástica que acabara de usar e eu a peguei. Usando as duas mãos, quebrei a haste no meio. Como eu esperara, uma das partes ficou com uma ponta afiada. Eu a segurei com força, escondendo-a na mão direita.

Respirando fundo novamente, abri a porta e saí. — Pronto — disse eu, torcendo para que ele não notasse a tensão na minha voz.

— Vamos. — Lucas pegou meu braço esquerdo e tropecei, desta vez propositadamente. Ele se virou para me equilibrar e, naquele momento, ataquei com minha arma improvisada, mirando no rim dele. Desliguei a parte do cérebro que gritou com a ideia de feri-lo, a parte em que aquelas fantasias ainda viviam, e deixei que meu treinamento assumisse o comando.

Ele se virou no último momento, com reflexos incríveis, e, em vez de atingi-lo, só arranhei seu torso. A escova de dentes quebrada

prende na camisa dele, forçando-me a soltá-la, mas não deixei que isso me detivesse. Ele ainda segurava meu braço e joguei-me no chão, colocando todo o peso naquele braço, e chutei com a perna direita. Meu pé bateu no queixo dele e o impacto lançou uma onda de dor pela minha perna, mas ele recuou, o que me deu a fração de segundo de que precisava para me soltar.

Levantando-me rapidamente, corri para a cozinha, desesperada atrás de uma faca. Mas, antes que conseguisse dar dois passos, ele me atingiu nas costas. Consegui me virar, rolando o corpo ao cairmos sobre o tapete, e meu cotovelo bateu no abdômen rígido dele. O impacto deixou meu braço dormente. Ele continuou a rolar sem emitir som algum. Um momento depois, ele me prendeu no chão, segurando meus pulsos sobre a minha cabeça, ao mesmo tempo em que as pernas fortes imobilizavam as minhas.

Eu não conseguia me mexer. Mais uma vez, estava indefesa sob ele.

Com a respiração pesada, eu o encarei, sentindo minhas entranhas se contorcerem de medo enquanto esperava a retaliação. Nossa luta o deixara excitado, senti o volume rígido na calça dele contra minha barriga nua. Ou talvez ele ainda estivesse excitado de antes.

De qualquer forma, eu sabia como ele me puniria.

A respiração dele também estava pesada, com o peito subindo e descendo acima de mim. Vi a raiva queimando nos olhos pálidos... raiva e algo muito mais primitivo.

Para meu choque, uma onda de calor me invadiu. Minha mente cobriu o horror da situação atual com o prazer incrível daquela noite. Eu também ficara deitada sob ele naquela noite e meu corpo não parecia entender que era diferente.

Que aquele homem sobre mim não queria apenas meu corpo.

Ele queria vingança.

Ele abaixou a cabeça e eu congelei, mal respirando quando seus lábios encostaram na minha orelha esquerda. — Você não deveria

ter feito isso — sussurrou ele, com o calor úmido de seu hálito queimando minha pele. — Eu ia lhe dar mais tempo, deixar que ficasse mais forte, mas agora não... — Ele colocou a boca contra meu pescoço e senti sua língua passando sobre a área delicada como se estivesse sentindo meu gosto. — Você acabou com minha paciência, linda.

Estremeci, tentando me afastar daquela boca quente, mas não tinha para onde ir. O corpo musculoso pesado estava sobre mim. A breve onda de energia que eu sentira depois de comer desaparecera e, depois de semanas de privação, minhas forças se esvaíram. Exausta, parei de lutar... e percebi que o calor se expandia dentro de mim, deixando-me molhada com uma excitação indesejada.

— Lucas, por favor. — Eu não sabia por que estava implorando. Eu acabara de tentar feri-lo. Nunca mais ele demonstraria qualquer misericórdia. — Por favor, não faça isso. — A resposta irracional do meu corpo deveria ter ajudado a aguentar, mas só destacava minha situação indefesa, minha total falta de controle. Eu não conseguiria enfrentar aquilo com ele. Aquilo me destruiria. — Por favor, Lucas...

Ele se moveu sobre mim, com a boca ainda perto da minha orelha. — Não faça o quê? — murmurou ele, transferindo meus pulsos para uma das mãos grandes. Movendo a mão livre, ele a colocou entre nós, deslizando os dedos entre minhas coxas para encontrar meu sexo. — Isto? — O polegar dele pressionou meu clitóris enquanto o indicador me penetrava.

Eu me contorci com a invasão e o calor dentro de mim virou uma dor latejante. Meus mamilos enrijeceram e senti que eu ficava ainda mais molhada, com o corpo ansioso por um ato que deixaria minha alma em pedaços. — Não. Por favor, não. — Lágrimas ridículas brotaram nos meus olhos e não consegui contê-las. Elas desceram pelas têmporas, fazendo com que eu me sentisse envergonhada da minha fraqueza. — Não, por favor... — O dedo dele avançou mais fundo dentro de mim e lembranças antigas

surgiram, levando-me de volta para aquele lugar escuro e sufocante. Minha respiração ficou irregular e frenética, minha voz ficou mais aguda. — Por favor, Lucas, não!

Para minha surpresa, ele ficou imóvel e, com um palavrão, saiu de cima de mim, levantando-se rapidamente. — Levante-se — rosnou ele, agarrando meus braços para me colocar de pé. Assim que fiquei na vertical, ele me arrastou para a sala de estar e empurrou-me para o sofá, dizendo: — Se você mexer um músculo...

Atônita, observei quando ele sumiu e reapareceu um momento depois carregando uma cadeira e um rolo de corda. Ele colocou os dois objetos no meio da sala. Eu não me movera, pois tremia demais para isso, e não ofereci resistência quando ele me pegou no colo, colocou-me na cadeira e amarrou meus braços às costas, prendendo-os contra a estrutura resistente de madeira. Em seguida, ele usou outro pedaço de corda para amarrar meus tornozelos às pernas da cadeira, deixando-as abertas.

Quando terminou, ele se levantou e encarou-me. O volume em suas calças ainda estava lá, mas o calor em seus olhos esfriara, transformando-os nos pedaços de gelo familiares.

— Voltarei em alguns minutos — disse ele em tom ríspido. — Quando eu voltar, é melhor que esteja pronta para falar.

E, antes que eu pudesse responder, ele saiu da sala, deixando-me amarrada, nua e sozinha.

CAPÍTULO 19

*L*ucas

ENTREI NO BANHEIRO E FECHEI A PORTA COM UM MOVIMENTO controlado, cuidando para que ela não batesse com muita força. Controle... era disso que eu precisava naquele momento.

Controle e distância *dela*.

Meu pênis parecia uma lança dentro da calça e os testículos tão cheios que parecia que explodiriam a qualquer momento. Eu nunca chegara tão perto de trepar com uma mulher e parara.

Eu nunca me negara algo que queria tanto.

Ela estivera bem ali, deitada sob mim, o corpo esguio nu e vulnerável. Eu poderia ter trepado com ela da forma que quisesse, descontando a raiva na carne delicada e saciando a fome que me atormentara por tanto tempo.

Em vez disso, eu a soltara.

Filho da puta.

Olhei-me no espelho, vendo a fúria e a frustração em meu

rosto. Ela me queria... eu percebera como estava molhada, como seu corpo respondera ao meu... e, ainda assim, acabara soltando-a.

Apesar do desejo ardente do meu corpo, não consegui me forçar a estuprá-la.

Irritado com minha fraqueza, afastei-me do espelho, correndo a mão pelos cabelos curtos. Estupro não era pior do que os crimes que eu cometera nos anos recentes. A serviço de Esguerra, eu matara e torturara homens e mulheres, sem sentir nenhum remorso. Possuir Yulia teria sido a coisa mais fácil do mundo... sonhara com isso todas as noites nos dois meses anteriores... mas, ainda assim, eu me contivera.

Eu me contivera porque o terror na voz dela fora real e não fora possível ignorá-lo.

Rangendo os dentes, levantei a camiseta e examinei minhas costelas. Não havia sangue no local onde a arma de Yulia me atingira, mas havia um arranhão vermelho. Ela provavelmente mirara no meu rim. Se eu não tivesse sido rápido o suficiente, estaria sangrando e sentindo uma dor infernal no chão, supondo que ela não tivesse cortado minha garganta imediatamente. Meu queixo latejava onde o pé dela me atingira, lembrando-me de como ela era traiçoeira e perigosa.

Teria sido mais inteligente deixá-la com os russos.

Não. Assim que aquela ideia cruzou minha mente, o corpo inteiro ficou tenso de rejeição. Agora que eu finalmente a tinha, a ideia de outra pessoa atormentando-a era insuportável. Tudo dentro de mim gritava que ela era minha... para trepar, para puni-la da forma que eu quisesse.

Ninguém mais colocaria as mãos nela de novo.

Abrindo o zíper da calça, puxei o pênis rígido para fora e fechei a mão em torno dele. Fechando bem os olhos, imaginei que estava dentro dela e que eram seus músculos internos que me apertavam.

Com as imagens pornográficas enchendo a mente, demorou menos de um minuto para que eu gozasse, derramando o sêmen na

pia bianca.

CAPÍTULO 20

*Y*ulia

NÃO SEI QUANTO TEMPO DEMOREI PARA PERCEBER QUE A PUNIÇÃO fora adiada, mas logo me acalmei o suficiente para parar de tremer.

Ele não fora até o fim.

Ele não me forçara.

Eu ainda não conseguia acreditar. Eu sentira como o pênis estava rígido. Não havia motivo para que ele demonstrasse alguma misericórdia. Eu não era uma mulher que ele encontrara em um bar, era a inimiga que acabara de tentar feri-lo. Ele deveria ter aproveitado minhas súplicas ridículas e usado a fraqueza que demonstrei para me dobrar completamente.

Pelo menos, era o que eu teria esperado que ele fizesse.

Abaixando a cabeça, olhei para minhas pernas nuas, tentando entender por que ele parara. Lucas Kent não era novato naquela vida... longe disso. De acordo com o arquivo dele, Lucas entrara para a marinha dos Estados Unidos logo depois de terminar o

ensino médio e entrara para o programa de treinamento SEAL vários meses depois. Não havia muito naquele arquivo sobre as missões dele, apenas que normalmente eram confidenciais e extremamente perigosas, mas o motivo pelo qual saíra estava lá.

Fora uma acusação de assassinato depois de oito anos de serviço. O homem que me mantinha prisioneira matara o próprio comandante e desaparecera nas selvas da América do Sul. Havia um hiato de quatro anos depois disso, mas, após algum tempo, Lucas Kent ressurgira como substituto confiável e extremamente mortal de Esguerra.

Senti um arrepio nos braços e um sexto sentido me fez erguer os olhos.

Dois pares de olhos escuros me observavam da janela. Um dos pares tinha cílios grossos e o outro tinha formato ligeiramente amendoado.

Eram duas jovens, percebi quando a dona dos cílios grossos se abaixou, deixando-me encarando a intrusa mais corajosa. A garota que sobrara tinha aproximadamente a minha idade e parecia colombiana, com o rosto bronzeado e redondo emoldurado por cabelos presos lisos. Ela era bonita... e estava extremamente curiosa a meu respeito, a julgar pelo olhar intenso.

Não tive tempo para registrar mais nada porque, um segundo depois, ela também desapareceu.

Confusa, continuei a olhar para a janela, esperando, mas elas não voltaram. Em vez disso, ouvi passos e virei a cabeça para ver Lucas entrar na sala com outra cadeira.

Colocando-a à minha frente, ele se sentou e cruzou os braços sobre o peito. — Muito bem, Yulia. — O olhar dele estava duro ao percorrer meu corpo nu e voltar para o meu rosto. — Por que não começa a me contar a sua história?

Meu tempo acabara.

Tentando permanecer calma, umedeci os lábios. — Pode me dar um pouco de água, por favor? — Eu estava com sede... e

desesperada para adiar o interrogatório o máximo possível.

Ele não se mexeu. — Fale e eu lhe darei água.

Engoli em seco, notando a determinação implacável em seu maxilar. — O que você quer saber? — Talvez houvesse algumas informações básicas que eu pudesse contar a ele, como contara para os russos. Eu poderia admitir que era espiã para os ucranianos, coisa que ele já sabia, e contar um pouco da minha história.

Talvez aquelas informações me fizessem ganhar um pouco de tempo sem dor.

— Você disse que começou aos onze anos. — Ele me observou friamente, sem qualquer traço do desejo que queimava entre nós. — Conte-me sobre elas, as pessoas que a recrutaram.

Não adiantara nada achar que poderia enganá-lo com revelações inócuas.

— Não sei muito sobre elas — respondi. — Elas me enviavam em missões, só isso.

Ele estreitou os olhos. Sabia que eu estava mentindo. — É mesmo? — A voz dele estava enganadoramente suave. — E entrar para a Universidade Estadual de Moscou foi uma missão?

— Foi. — Não adiantava nada negar. — Eles falsificaram meus documentos e inscreveram-me na universidade para que eu pudesse morar em Moscou e aproximar-me de pessoas importantes do governo russo.

— Aproximar-se como? — Ele se inclinou para a frente e vi algo sombrio brilhar nos olhos pálidos. — Como exatamente eles queriam que você fizesse essa missão, linda?

Não respondi, mas percebi que ele sabia. Como mais uma jovem se insinuaria nos círculos superiores do governo?

— Quantos? — A voz de Lucas foi dura o suficiente para me deixar em pedaços. — Com quantos você teve que trepar para "se aproximar"?

— Três. — Dois oficiais de escalão inferior e um dos amigos de Buschekov, que fora como eu conseguira o emprego de

intérprete com ele. — Tive que dormir com três deles. — Olhei diretamente para Lucas, ignorando a vergonha que eu sentia no peito. — Esguerra teria sido o quarto, mas acabei com você, em vez dele.

Ele estreitou os olhos ainda mais e meu coração deu um salto de medo. Eu não sabia por que o provocara daquele jeito. Deixar Lucas furioso era uma péssima ideia. Eu precisava acalmá-lo, ganhar um pouco mais de tempo. Não importava que o desprezo no rosto dele fosse como uma faca no meu peito.

Uma faca de verdade seria muito, muito pior.

Ele se levantou abruptamente, ficando de pé à minha frente. Tentei não me encolher ao inclinar a cabeça para trás para encontrar o olhar dele. Seus olhos brilhavam novamente de raiva na profundidade azul. Por um momento, fiquei convencida de que ele me atingiria, mas ele agarrou meus cabelos, forçando minha cabeça ainda mais para trás.

— Você os queria? — Os dedos dele se apertaram nos meus cabelos, fazendo com que meus olhos ardessem de dor. — Sua boceta ficou molhada para eles também?

— Não. — Eu disse a verdade, mas percebi que ele não acreditou. — Não foi igual com eles. Foi só algo que eu precisava fazer. — Eu não sabia por que tentava convencê-lo. Não queria que ele soubesse que era de alguma forma especial, mas, ao mesmo tempo, não consegui mentir. — Era o meu trabalho.

— Como eu fui o seu trabalho. — Ele me encarou e notei um toque de desejo sombrio sob a raiva. — Você me deu o seu corpo em troca de informações.

Eu não neguei aquilo e vi o peito dele expandindo-se quando Lucas respirou fundo. Preparei-me para as palavras dolorosas de condenação, mas elas não surgiram. Em vez disso, ele afrouxou ligeiramente a mão que segurava meus cabelos, como se percebesse que meu pescoço não podia ficar dobrado daquela forma.

— Yulia... — Havia um tom estranho na voz dele. — Que idade você tinha quando dormiu com o primeiro dos três?

Pisquei algumas vezes, pega de surpresa pela pergunta. — Dezesseis.

Pelo menos, fora quando nosso relacionamento iniciara. Boris Ladrikov, um homem baixo e um pouco careca, membro do Estado Duma, fora meu primeiro namorado e nosso caso durara quase três anos. Ele me apresentara a todas as pessoas importantes, incluindo Vladimir, que fora meu próximo amante designado.

— Dezesseis? — repetiu Lucas. Notei um músculo contraindo-se perto da orelha dele. Ele estava furioso e eu não fazia ideia do motivo. — Que idade tinha o seu alvo?

— Trinta e oito. — Eu não entendi por que Lucas fazia todas aquelas perguntas irrelevantes, mas não me importei em respondê-las, desde que isso o mantivesse longe dos tópicos mais importantes. — Ele achou que eu tinha dezoito anos. A identidade que assumi era dois anos mais velha.

Eu esperava que Lucas fizesse mais perguntas sobre o assunto, mas, para minha surpresa, ele soltou meus cabelos e recuou um passo.

— Chega por enquanto — disse ele. Percebi novamente aquele tom estranho em sua voz. — Continuaremos daqui a pouco.

Sem dizer outra palavra, ele se virou e saiu da sala. Um minuto depois, ouvi a porta da frente abrir e fechar. Fiquei sozinha novamente.

CAPÍTULO 21

*L*ucas

UMA CRIANÇA. ELA FORA UMA MALDITA CRIANÇA QUANDO A plantaram em Moscou e forçaram-na a dormir com idiotas do governo.

A raiva que me invadiu parecia quente o suficiente para incinerar minhas entranhas. Eu precisara de todo o autocontrole para esconder minha reação de Yulia. Se eu não tivesse saído da casa naquele momento, teria dado um soco em uma parede.

Uma hora depois, eu ainda sentia o mesmo impulso, portanto, atingi o saco de areia à minha frente, canalizando minha fúria com cada golpe. Notei que os outros homens me olhavam de forma interrogativa. Eu estava fazendo aquilo havia quarenta minutos sem parar nem para tomar um pouco de água.

— Lucas, seu gringo maluco, o que deu em você? — A voz de um homem quebrou minha concentração e virei-me para ver Diego parado ali perto. O mexicano alto sorria, com os dentes brancos

brilhando no rosto bronzeado. — Você não deveria estar guardando um pouco dessa energia para a sua prisioneira?

— Vá se foder, *pendejo*. — Irritado com a interrupção, peguei a garrafa de água do chão e tomei um gole. Eu normalmente gostava de Diego, mas, naquele momento, senti-me tentado a usá-lo como saco de pancadas. — Minha prisioneira não é da sua conta.

— Eu ajudei a trazê-la para cá, então ela é da minha conta, sim — objetou ele, mas o sorriso desapareceu de seu rosto. Ele notou que eu estava de mau humor. — Ela é a piranha que causou o acidente, não é?

Limpei o suor da testa. — O que o faz dizer isso? — Eu tivera a impressão de que apenas Esguerra, Peter e eu sabíamos do envolvimento de Yulia.

Diego deu de ombros. — Nós a tiramos de uma prisão russa e todos sabem que os ucranianos estavam por trás do acidente. Só pareceu encaixar. Além do mais, pareceu algo pessoal para você, portanto... — A voz dele sumiu quando eu o olhei com expressão dura.

— Como eu disse, ela não é da sua conta — disse eu friamente. A última coisa que eu queria era discutir Yulia com os outros homens. O que teria sido a coisa mais fácil do mundo, vingança, se transformara em uma confusão de proporções épicas. A garota amarrada na cadeira em minha sala de estar não era o que eu achava que fosse e eu não tinha a menor ideia do que fazer a respeito.

— Está bem, não se preocupe. — Diego sorriu novamente. — Só me diga: você já trepou com ela? Mesmo com o fedor da prisão, percebi que ela é muito gostosa...

Meu punho bateu no rosto dele antes que terminasse de falar. Não foi um ato consciente da minha parte. A fúria que me enchia era simplesmente explosiva demais para ser contida. Ele cambaleou para trás com a força do golpe e eu o segui, saltando e jogando-o no chão. Minha perna protestou com o movimento súbito, mas

ignorei a dor, socando repetidamente o rosto chocado de Diego.

— Kent, mas que merda é essa? — Mãos de aço agarraram meus braços e tiraram-me de cima de minha vítima, resistindo às minhas tentativas de me soltar. — Acalme-se, homem!

— O que está acontecendo? — A voz de Esguerra foi como um balde de água gelada nas chamas da minha raiva. À medida que minha mente clareava, percebi que Thomas e Eduardo seguravam meus braços, enquanto nosso chefe estava parado a poucos metros, na entrada do ginásio de treinamento.

— Só um pequeno desentendimento. — Consegui manter a voz estável, apesar da sede de sangue que ainda me enchia. Ao ver que eu não lutava mais contra eles, Thomas e Eduardo me soltaram e recuaram um passo, com a expressão cuidadosamente neutra.

Sabendo que eu precisava dizer alguma coisa, virei-me para o guarda que atacara. — Desculpe, Diego. Você me pegou em um momento ruim.

— É, não diga — murmurou ele, levantando-se com algum esforço. O nariz dele sangrava e o olho esquerdo já estava inchando. — Preciso colocar um pouco de gelo nisso.

Ele saiu apressado do ginásio e Esguerra me olhou com expressão interrogativa.

Dei de ombros, como se o problema fosse insignificante demais para explicar. Para meu alívio, Esguerra não me pressionou. Em vez disso, informou-me sobre um telefonema com o fornecedor de Hong Kong mais tarde naquela noite e que achava uma boa ideia eu estar presente. Em seguida, ele voltou para o escritório, deixando-me para atirar em latas de cerveja com os guardas e tentar não pensar na minha prisioneira.

CAPÍTULO 22

*Y*ulia

EU NÃO SABIA POR QUANTO TEMPO FICARA SENTADA LÁ, TENTANDO achar uma posição confortável na cadeira dura, mas, em certo momento, uma batida leve na janela chamou minha atenção. Assustada, ergui o olhar e vi a garota que me observara antes, a que tinha o rosto redondo. Ela estava parada do lado de fora, com o nariz encostado no vidro ao me encarar. Não vi a amiga dela e imaginei que devia ter ido sozinha.

— Olá? — gritei, sem saber se ela falava inglês ou se conseguiria me ouvir pelo vidro. — Quem é você?

Ela hesitou por um segundo e perguntou: — Onde está Lucas? — A voz dela mal era audível, mas notei que o inglês dela era norte-americano, com apenas um toque de sotaque espanhol.

— Não sei. Ele saiu não faz muito tempo — respondi, estudando-a tão intensamente quanto ela me estudava. Não era uma troca justa. Eu só conseguia ver a cabeça dela, enquanto que ela me

via totalmente nua e exposta. Ainda assim, notei as feições comuns e os lábios cheios, guardando aquela informação na mente caso precisasse dela mais tarde.

Quem era ela? Poderia ser a namorada de Lucas? Não havia menção de um relacionamento amoroso no arquivo dele, mas Obenko não sabia sobre os relacionamentos de Lucas naquela propriedade. Até onde eu sabia, meu carrasco poderia ter uma esposa e três filhos ali. Uma namorada jovem e bonita era algo fácil. Lucas era um homem viril e muito sexual, que não teria problema algum em atrair as mulheres, mesmo em um lugar tão remoto quanto aquele complexo.

Quanto mais eu pensava no assunto, mais aquilo fazia sentido. Ali estava o motivo pelo qual ele não trepara comigo mais cedo.

Não fora por causa das minhas súplicas... fora porque ele não quisera ser infiel.

— O que você quer? — perguntei à garota, tentando ignorar a sensação irracional de traição. Ela não pareceu incomodada de me ver nua e amarrada, portanto, obviamente sabia o que namorado dela fazia. — Por que está aqui?

Ela abriu a boca como se fosse responder, mas, em vez disso, abaixou-se, ficando fora de vista. Um momento depois, ouvi a porta da frente se abrir e percebi o motivo.

Lucas estava de volta.

Minhas entranhas se contraíram quando ouvi os passos dele. Ele entrou na sala, parando diretamente à minha frente, e vi que a pele bronzeada dele brilhava de suor. A camiseta sem mangas estava grudada no peito musculoso, com um V de suor visível no meio. Ele parecia poderoso, totalmente masculino e, ao encontrar o olhar gelado dele, percebi um calor doloroso entre as minhas pernas.

Por mais inacreditável que fosse, eu o queria.

Com esforço, afastei o olhar do rosto dele, com medo de que Lucas percebesse o que eu sentia. Nada em minhas interações com

ele fazia sentido. Eu acabara de saber que ele tinha uma namorada e, mesmo se não tivesse, como podia querer um homem a quem temia? E por que ele ainda não me ferira?

Meu olhar caiu sobre as mãos dele e fiquei tensa ao ver os machucados.

Ele acabara de bater em alguém.

Eu queria perguntar a ele sobre o assunto, mas fiquei em silêncio e olhei para meus joelhos. Ele ainda estava com raiva, pude sentir, e não queria provocá-lo. Eu também não comentei sobre a namorada, apesar de estar morrendo de vontade de confrontá-lo. Por algum motivo, a garota de cabelos escuros não queria que ele soubesse que estava espionando-me. E, por enquanto, eu não queria entregá-la.

Eu precisava de todas as vantagens que conseguisse.

— Está com fome? — perguntou Lucas. Olhei para cima, surpresa pela pergunta.

— Posso comer — respondi com cautela. Na verdade, eu estava faminta, com o corpo exigindo alimentos depois de semanas de fome, mas não queria que ele usasse isso contra mim. Eu também precisava urinar, algo em que tentei não me concentrar demais.

Ele me encarou e assentiu, como se tivesse tomado uma decisão. Virando-se, ele desapareceu no corredor para o banheiro. Em seguida, ouvi água correndo. Ele pretendia tomar um banho?

Três minutos depois, ele reapareceu, vestindo uma bermuda preta e uma camiseta limpa. O pescoço musculoso brilhava com gotas de água e ele tinha o cheiro do sabonete que eu usara antes, confirmando o palpite sobre o banho.

Agachando-se à minha frente, ele desamarrou meus tornozelos. Em seguida, deu a volta na cadeira para desamarrar meus braços. — Vamos — disse ele, segurando meu cotovelo para que eu levantasse. — Você pode usar o banheiro. Depois, vou alimentá-la.

Ele me conduziu até o banheiro e andei ao seu lado, chocada demais para pensar em outra tentativa de fuga. — Vá — disse ele,

empurrando-me quando chegamos à porta do banheiro. Entrei, decidindo não questionar minha sorte.

Enquanto lavava as mãos, vi uma escova de dentes nova sobre o balcão. Por um segundo, fiquei tentada a repetir o truque anterior, mas decidi não fazer isso. Se eu não conseguira atingi-lo com o elemento surpresa, certamente não conseguiria dominá-lo agora que ele tinha ciência de minha capacidade.

Além do mais, ele dissera que me alimentaria e meu estômago roncou só de pensar em comida.

— Mãos — disse Lucas, segurando meus pulsos assim que saí do banheiro. Abri as mãos, mostrando a ele que minhas palmas estavam vazias. Ele acenou com a cabeça de forma aprovadora. — Boa garota.

Ergui as sobrancelhas com o comportamento estranho dele, mas ele já me conduzia para a cozinha.

— Sente-se — disse ele, apontando para uma cadeira. Eu obedeci, observando enquanto ele pegava os mesmos ingredientes que usara no almoço e começava a fazer dois sanduíches. Enquanto ele trabalhava, examinei rapidamente a cozinha, tentando localizar qualquer coisa que pudesse ser usada como arma. Para meu desapontamento, não vi um suporte para facas nem nada parecido. Os balcões estavam vazios e limpos, com exceção dos ingredientes dos sanduíches. Ele também não carregava uma arma. Provavelmente tinha todas as armas guardadas em outro lugar, talvez no carro.

— Tome — disse ele, colocando um prato à minha frente. Notei que era de papel, não de cerâmica como o que quebrara mais cedo. A faca que ele usava para passar a maionese no pão também era de plástico. Ele estava sendo cauteloso perto de mim. Eu não tinha dúvidas de que, se procurasse nas gavetas, encontraria alguma coisa, mas Lucas estaria em cima de mim antes mesmo que conseguisse abrir uma gaveta.

Minhas mãos estavam desamarradas, mas fugir era

completamente impossível.

Passei a língua sobre os lábios secos. — Por favor, pode me dar...

— Água? Tome. — Ele encheu um copo de papel na torneira da pia, colocou-o à minha frente e sentou-se no outro lado da mesa com o próprio sanduíche.

Eu tinha um milhão de perguntas para ele, mas forcei-me a tomar a água e a comer a maior parte do sanduíche antes de ceder ao impulso. A última coisa que eu queria era deixá-lo irritado e perder a refeição.

Finalmente, não consegui esperar mais. — Por que você está fazendo isto? — perguntei quando ele terminou de comer. Meu estômago estava tão cheio que parecia que explodiria e senti que eu ficava mais forte à medida que o corpo absorvia as calorias. — O que você quer de mim?

Lucas ergueu o olhar, com expressão tensa, e percebi que ele estivera olhando para os meus seios, que estavam visíveis sob os cabelos longos. Senti um calor na nuca e meus mamilos ficaram rígidos, respondendo ao desejo evidente nos olhos dele. Eu estivera nua perto dele o dia inteiro e começava a não me importar mais, mas isso não significava que a situação não era intensamente sexual. Enquanto eu mantinha o olhar dele, dei-me conta de que parte do motivo do silêncio dele durante o jantar devia ter sido a distração do meu corpo exposto.

Ele ainda me queria e eu não sabia se isso me deixava aterrorizada ou excitada.

— Conte-me sobre eles — disse ele abruptamente. — Conte-me sobre as pessoas que a recrutaram, que a obrigaram a fazer isso.

E lá estava, o verdadeiro motivo para ser simpático comigo. Ele estava agindo como o policial bom em contraste ao policial ruim, os russos. Ele era o salvador, os russos eram os vilões. Era algo tão próximo de minhas fantasias que tive vontade de chorar. Exceto que ele não estava interessado em me salvar. Queria respostas...

respostas que eu não podia dar, que não daria.

— O que aconteceu naquele dia? — perguntei, em vez de responder. Aquela pergunta me atormentara desde que eu descobrira que ele e Esguerra estavam vivos. — Como você sobreviveu?

O maxilar de Lucas enrijeceu e o desejo em seu olhar desapareceu. — Você quer dizer a queda do avião?

— Então o avião realmente caiu? — Eu não tivera certeza, mas imaginara que o desejo dele de me fazer pagar significava que *alguma coisa* acontecera.

Lucas se inclinou para a frente, com as mãos esmagando o prato de papel vazio. — Sim, o avião caiu. Seus superiores não a mantiveram informada?

Lutei contra a vontade de me encolher com a fúria renovada na voz dele. — Sim, mas achei que talvez tivessem informações erradas.

— Porque sobrevivemos.

Assenti, prendendo a respiração.

Ele me encarou por um segundo. Logo depois, levantou-se e deu a volta na mesa. — Vamos — disse ele, segurando meu braço de novo. — Acabamos aqui.

E, arrastando-me de volta para a sala de estar, ele me amarrou na cadeira e saiu novamente, batendo a porta da frente com força atrás de si.

CAPÍTULO 23

*L*ucas

ENQUANTO ESGUERRA DISCUTIA OS ÚLTIMOS PROBLEMAS DE transporte com nosso fornecedor em Hong Kong, fiquei sentado em silêncio, prestando atenção apenas parcialmente à videoconferência. Eu não entendia como uma jovem conseguia me deixar tão tenso. Em um minuto, eu queria cuidar dela, deixá-la forte e saudável. No minuto seguinte, sentia-me dividido entre trepar com ela ou matá-la imediatamente.

Uma criança prostituta.

Era essencialmente no que a tinham transformado. Eles a pegaram aos onze anos, treinaram-na e soltaram-na em Moscou aos dezesseis anos, com instruções para se aproximar dos escalões mais altos do governo russo.

Só de pensar naquilo, eu me senti enjoado. Eu não sabia o que me deixava mais furioso: de terem feito aquilo com Yulia ou de ela ter estado envolvida na queda do avião que matara quarenta e cinco

de nossos homens, deixando três deles queimados a ponto de estarem irreconhecíveis.

Como era possível odiar alguém e, ao mesmo tempo, querer vingança pelo que tinham feito com ela?

— Agradeço a atenção, sr. Chen — disse Esguerra, em tom polido nada característico. Vi o homem mais velho na tela assentir ao repetir as palavras. Era importante observar as cortesias naquela parte do mundo, mesmo ao lidar com criminosos.

Assim que Esguerra desligou, levantei-me, sentindo-me impaciente para voltar para Yulia. — Vejo você amanhã — disse eu. Ele assentiu, ainda trabalhando no computador.

— Até amanhã — disse ele.

Estava escuro quando saí... escuro, quente e úmido. O escritório de Esguerra era um prédio pequeno perto da casa principal, a uma certa distância dos alojamentos dos guardas, onde eu morava. Eu poderia ter ido de carro até lá, mas gostava de caminhar. E, depois de permanecer parado por duas horas, estava ansioso para esticar as pernas e espairecer a mente.

Antes que desse dez passos, ouvi uma mulher chamando meu nome. Virei-me e vi a criada de Esguerra, Rosa, correndo pelo gramado. Ela segurava o que parecia uma panela coberta contra o peito.

— Lucas, espere! — Ela parecia estar sem fôlego.

Parei, curioso para descobrir o que ela queria. Lembrei-me vagamente de Eduardo falando sobre ela. Talvez eles estivessem namorando à época. Pelo que ele dissera, ela nascera no complexo, pois os pais dela trabalhavam para Juan Esguerra, o pai do meu chefe. Eu a vira por lá e cumprimentara-a algumas vezes, mas nunca conversara com a garota.

— Tome — disse ela, parando à minha frente e entregando-me a panela. — Ana quer que você fique com isto.

— É mesmo? — Surpreso, peguei a oferta pesada. O aroma que saía pela tampa era rico e saboroso, fazendo com que minha boca

se enchesse de água. — Por quê?

A governanta de Esguerra às vezes mandava alguns biscoitos ou frutas extras para os guardas, mas era a primeira vez que mandava algo especificamente para mim.

— Não sei. — Por algum motivo, as bochechas redondas de Rosa ficaram vermelhas. — Acho que ela fez sopa demais, e Nora e o *Señor* não quiseram.

— Entendo. — Não entendi, mas não pretendia discutir sobre o que parecia ser uma refeição deliciosa. — Vou comer com prazer, se eles não a querem.

— Não querem. É para você. — Ela abriu um sorriso hesitante. — Espero que goste.

— Tenho certeza de que gostarei — disse eu, estudando a garota. Ela era bonita, com curvas generosas e olhos castanhos brilhantes. E, enquanto eu a estudava, seu rosto ficou ainda mais vermelho. Percebi que talvez a governanta de meia idade não fosse a responsável pela sopa.

Rosa estava interessada em mim. Subitamente, tive certeza disso.

Fazendo o possível para esconder o desconforto, desejei a ela uma boa noite e virei-me. Alguns meses antes, eu teria me sentido lisonjeado e teria aceitado com prazer o convite evidente no sorriso tímido da garota. Agora, no entanto, eu só conseguia pensar na loira de pernas longas que me esperava em casa e nas coisas sujas e selvagens que queria fazer com ela.

— Tchau! — disse Rosa quando recomecei a andar. Retribuí com um sorriso neutro por sobre o ombro.

— Obrigado pela sopa — disse eu, mas ela já corria de volta para a casa, com o vestido preto de criada à sua volta como um manto.



ASSIM QUE CHEGUEI EM CASA, COLOQUEI A PANELA NA GELADEIRA E fui para a sala de estar. Encontrei minha prisioneira exatamente como a deixara: amarrada à cadeira no meio da sala. A cabeça de Yulia estava abaixada, com os cabelos loiros longos cobrindo a maior parte de cima do corpo. Ela não se moveu quando me aproximei e percebi que devia ter pegado no sono.

Agachando-me à frente dela, comecei a desamarrar os tornozelos dela, tentando ignorar minha reação à sua proximidade. Com as pernas amarradas bem abertas, vi as dobras macias entre as coxas e lembrei-me, com uma nitidez súbita, do gosto da boceta dela... e da sensação em volta do meu pênis.

Merda.

Olhei para minhas mãos, determinado a me concentrar no que fazia. Não ajudou. Quando meus dedos encostaram na pele sedosa, notei que os pés dela eram longos e finos, como o restante do corpo. Apesar da altura, a compleição dela era delicada. As canelas eram tão finas que eu poderia envolvê-las com o polegar e o indicador.

Não precisaria de esforço nenhum para quebrar esses ossos frágeis. A ideia cortou o véu de desejo e eu me agarrei a ela, agradecendo a distração. Era disso que eu precisava: pensar nela como inimiga, não como uma mulher desejável. E, como inimigo, seria fácil atormentá-la. Com apenas um pouco de pressão, eu conseguiria quebrar os pés dela. Eu sabia porque já fizera isso. Alguns anos antes, um fabricante de mísseis tailandês nos traíra e retaliamos matando toda sua família. A mulher dele tentara esconder o marido e os filhos adolescentes, mas nós a torturamos para que nos dissesse o local, quebrando todos os ossos das pernas dela.

Não tivéramos nenhum outro problema na Tailândia desde então.

Era isso que eu deveria fazer com Yulia: machucá-la, fazer com que revelasse seus segredos e depois matá-la. Era isso que Esguerra

esperava que eu fizesse.

Era isso que eu pretendia fazer depois de me cansar dela.

A perna dela se moveu, ficando tensa sob meus dedos. Olhei para cima e vi que Yulia estava acordada, com os olhos azuis concentrados no meu rosto.

— Você voltou — disse ela baixinho. Assenti, ficando mudo por causa de uma onda brutal de desejo renovado. O pênis, que já estava um pouco rígido, transformou-se em uma haste de ferro dentro da bermuda. Percebi que minha mão direita deslizava pela perna dela, como se tivesse vida própria. Mais alto, mais alto... senti que ela ficava cada vez mais tensa, senti sua respiração mudar quando as pupilas se dilataram. Notei que ela estava com medo.

Com medo e talvez algo mais, a julgar pela cor que subiu pelo seu rosto.

Incapaz de resistir à compulsão sombria, deixei que minha mão continuasse a jornada. Meus dedos traçaram a curva pálida do joelho e a maciez da parte interna da coxa. Os músculos da perna dela estavam tão tensos que vibraram sob o meu toque. E, sob o véu dos cabelos, os mamilos dela enrijeceram, transformando-se em botões rosados.

Ela engoliu em seco e disse: — Lucas...

Não ouvi o que ela estava prestes a dizer porque, naquele momento, meu telefone tocou alto dentro do bolso.

Filho da puta.

Lívido de frustração, afastei a mão da coxa de Yulia e peguei o celular. Olhando para baixo, vi uma mensagem de Diego.

Possível problema na Torre Norte Um.

Tive vontade de jogar o telefone contra a parede, mas resisti à tentação. Em vez disso, levantei-me e caminhei até o escritório para que Yulia não ouvisse.

Respirando fundo para me acalmar, telefonei para Diego.

— O que foi? — perguntei assim que ele atendeu. — O que é tão importante?

— Detivemos um invasor perto da fronteira norte. Ele disse que é pescador, mas não tenho tanta certeza.

Controlei a raiva. Diego fizera bem em me alertar, apesar de a interrupção ter ocorrido em um péssimo momento. — Está bem. Chegarei lá em quinze minutos.

Voltei para a sala de estar e rapidamente desamarrei Yulia, fazendo o possível para ignorar minha ereção. — Você precisa ir ao banheiro? — perguntei, colocando-a de pé. Ela assentiu, parecendo confusa.

— Então vamos. — Eu a arrastei pelo corredor e praticamente joguei-a dentro do banheiro. — Seja rápida.

Ela saiu cinco minutos depois, com o rosto lavado e o hálito cheirando a pasta de dente. Verifiquei as mãos dela para ter certeza de que estavam vazias e, em seguida, levei-a para o quarto. Ficando de olho nela, peguei um cobertor e joguei-o no chão perto do pé da cama. Em seguida, abri a gaveta da mesinha de cabeceira, peguei um rolo de corda que preparara mais cedo e disse a Yulia: — Deite-se sobre o cobertor.

Ela ficou imóvel e vi que olhava para a corda que eu segurava.

— Abaixese — repeti, estendendo a mão para ela. — Sobre o cobertor. Agora.

Ela ficou tensa quando a puxei para o cobertor e, por um segundo, tive certeza de que tentaria lutar. Mas ela obedeceu, dobrando as pernas longas sob o corpo.

— Deite-se. — Soltei o braço dela para empurrar seu ombro. Meu pênis latejou com a sensação da pele macia e tive que respirar fundo para conter a vontade de possuí-la antes de sair. Pela forma como me sentia, não precisaria mais do que um ou dois minutos para me aliviar e a tentação de abrir as pernas dela e trepar com ela era quase impossível de resistir. Se eu só quisesse uma rapidinha, já estaria dentro dela.

— Lucas. — Os lábios dela estavam trêmulos quando ela ergueu o olhar para mim. — Por favor, eu...

— Deite-se. Agora, caralho — gritei, perdendo a paciência. Se eu tivesse que forçá-la a se deitar, certamente a possuiria.

Com o rosto pálido, Yulia obedeceu, deitando-se sobre o cobertor. Assim que ficou na horizontal, ajoelhei-me ao lado dela, segurei seus pulsos e ergui-os acima da cabeça dela. Com cuidado para não cortar a circulação, amarrei a corda firmemente em volta de seus pulsos e a outra ponta na perna da cama. Em seguida, repeti o gesto nos tornozelos dela e na outra perna da cama, ignorando sua tensão. O resultado final foi Yulia deitada de lado sobre o cobertor, com os tornozelos e os pulsos amarrados a lados opostos da cama.

Levantando-me, observei a cena. Com a cama sendo tão pesada, Yulia estava presa de forma ainda mais segura do que estivera na cadeira... e estava em uma posição melhor para dormir caso a situação com o invasor demorasse mais do que o esperado.

Antes de sair, peguei um travesseiro e coloquei-o sob a cabeça dela. Os cabelos de Yulia estavam espalhados sobre seu rosto e afastei os cachos loiros, tentando ignorar o desejo que me invadia. Ela olhou para mim, com os olhos parecendo duas piscinas azuis profundas. Quase gemi quando ela passou a língua sobre os lábios para umedecê-los.

— Voltarei em breve — disse eu, forçando-me a levantar e andar para longe dela.

E, antes que eu pudesse mudar de ideia sobre a rapidinha, saí do quarto e fui para a Torre Norte Um.

CAPÍTULO 24

*Y*ulia

COM O CORAÇÃO BATENDO DEPRESSA, PRENDI A RESPIRAÇÃO enquanto ouvia o som dos passos de Lucas. Ele dissera que voltaria em breve. Isso significava que fora tomar um banho ou saíra para outro lugar? Por mais que tentasse, não consegui ouvir a porta da frente abrir, mas isso não significava nada. O quarto provavelmente ficava muito longe da entrada.

Depois de alguns minutos de silêncio, mudei de posição sobre a coberta, tentando liberar a tensão nos ombros. Com as mãos amarradas a um pé da cama e os tornozelos a outro, eu não conseguia me mover mais de poucos centímetros em qualquer direção. A posição estendida era apenas ligeiramente mais confortável do que ficar sentada na cadeira.

Cada vez mais frustrada, testei as cordas. Como esperado, elas não cederam, e a cama imensa era tão pesada que parecia soldada no chão. A cada puxão, a corda se enterrava ainda mais na minha

pele. Desisti de puxá-la.

Respirando fundo, tentei relaxar, mas estava ansiosa demais.

Onde estava Lucas? Por que ele me deixara ali, daquele jeito? Quando ele pegara a corda e dissera-me para deitar sobre o cobertor, eu tivera certeza de que me forçaria, com ou sem namorada. Vi a ereção de Lucas, senti o desejo intenso em seu toque e somente o fato de saber que seria infinitamente pior se eu lutasse que obedeci às ordens dele.

Se fizesse o que ele exigia, eu esperava que não fosse tão duro comigo.

Exceto que ele não me tocou. Só me amarrou à cama e deixou-me deitada lá sobre o cobertor. Ele até me deu um travesseiro, como se meu conforto fosse importante.

Como se eu não fosse alguém que, no final, ele pretendia matar.

Depois de alguns minutos sem sinais de Lucas, decidi que, no fim das contas, ele saía da casa. Devia ser por causa da mensagem de texto que recebera. Era relacionada a trabalho ou a algum assunto pessoal? Tinha alguma coisa a ver com aquela namorada misteriosa dele? Ela sabia que eu estava lá. Ela me vira sentada na casa dele, totalmente nua. Ela teria telefonado para Lucas porque suspeitava que havia algo entre nós? Porque não queria que o namorado brincasse com a prisioneira daquela forma?

Irrracionalmente, a ideia fez com que minhas entranhas se contorcessem. Eu não sabia por que me importava com o fato de Lucas ter uma namorada. Não tínhamos um relacionamento, pelo menos, não no sentido romântico. Ele me levava para lá para me atormentar, para me fazer pagar pelo que eu fizera. Se alguém tinha algo a ver com ele, era ela, não eu.

Eu era a outra... aquela que ele podia desejar, mas nunca amaria.

Fechando os olhos, tentei relaxar novamente. A exaustão pairou sobre mim como uma camada de tijolos, mas, por algum motivo, o sono se recusou a surgir. O vento do ar-condicionado estava frio

sobre minha pele nua e meus ombros doíam por ficar com os braços tão estendidos. Apesar de ser algo ridículo, uma pequena parte de mim desejou que Lucas estivesse lá... que eu estivesse deitada nos braços dele.

A fantasia foi tão atraente que cedi a ela, como fizera na prisão. No meu sonho, nada disso era real. Lucas não me odiava. O avião não caíra e não estávamos em lados opostos. Ele só me abraçava, só me beijava... fazia amor comigo.

No meu sonho, eu era dele e ele era meu... e não havia nada separando-nos.

CAPÍTULO 25

*L*ucas

QUANDO CHEGUEI À TORRE, DIEGO E OS OUTROS TINHAM PRENDIDO o invasor em uma pequena cabana ali perto. Estava muito escuro do lado de fora e não havia eletricidade na cabana, portanto, levei uma lanterna com pilhas para inspecionar o intruso.

Quando mirei a luz nele, vi que era um colombiano de aparência normal, provavelmente com trinta e poucos anos. As roupas pareciam baratas e estavam um tanto sujas, apesar de talvez ele estar naquele estado depois de lutar com nossos guardas. Ele também estava amordaçado, provavelmente para que não irritasse os guardas com suas súplicas.

Recuei um passo e virei-me para Diego. O jovem mexicano tinha um olho roxo, um lembrete da minha explosão mais cedo por causa de Yulia. Por um momento, considerei um pedido de desculpas mais sincero, mas decidi que não era o momento certo. — Onde você o encontrou? — perguntei.

— Ele estava perto do rio — disse Diego, mantendo a voz baixa. — Ele tinha um barco e alegou que estava pescando.

— Mas você não acredita nele.

— Não. — Diego olhou para o homem. — O barco dele não tem um arranhão sequer. É novo em folha.

— Entendi. — Diego tinha razão em desconfiar. Poucos pescadores naquela parte do mundo tinham dinheiro para comprar um barco novo. — Muito bem. Tirem a mordaca dele e vejamos o que ele tem a dizer.



ERAM DUAS HORAS DA MANHÃ QUANDO O INTRUSO FINALMENTE cedeu. Eu não gostava de tortura tanto quanto Esguerra e deixei que os guardas lidassem com o homem primeiro. Eles bateram nele, quebrando algumas costelas, e perguntei o que ele estava fazendo lá. Ele tentou mentir, alegando que chegara ao complexo por acidente, mas, depois de usar meu canivete algumas vezes, ele abriu a boca e contou-nos tudo sobre seu empregador, um traficante poderoso de Bogotá.

— Esses *cabrons* nunca aprendem? — disse Diego com desgosto quando o discurso do homem se transformou em soluços, implorando misericórdia. — Era de se pensar que eles não tentariam esse tipo de merda. Mandar esse palhaço para encontrar falhas na nossa segurança... não poderia ser mais idiota.

— Poderia. — Aproximei-me do homem que balbuciava e passei a faca em sua garganta, acabando com seu sofrimento. — Eles poderiam tentar nos atacar aqui.

— É verdade. — Diego recuou para se desviar do jato de sangue. — Você quer que o corpo seja mandado para o *patrón* dele ou para o incinerador?

— O incinerador. — Limpei a lâmina na camiseta, que já

estava tão cheia de sangue que não fez diferença alguma, fechei o canivete e guardei-o. — Deixe que o chefe dele fique imaginando o que aconteceu.

— Está bem. — Diego acenou para os dois outros guardas, que arrastaram o cadáver para fora da cabana. O local teria que ser limpo, mas era uma tarefa para o turno seguinte. Esperei que os novos guardas chegassem e dei a eles aquelas instruções. Em seguida, fui para o meu carro.

Diego me acompanhou e perguntei: — Precisa de uma carona?

— Claro. Eu ia caminhando, mas uma carona parece uma boa ideia. — Ele abriu um sorriso. — Posso chegar mais depressa na minha cama.

— Sim. — Antes de entrarmos no carro, peguei uma toalha enrolada que guardava para aquele tipo de ocasião e coloquei-a sobre o banco do motorista. Diego não estava tão sujo como eu e deixei o banco do passageiro como estava.

Era um percurso breve, mas Diego falou o tempo inteiro. Ele estava cheio de adrenalina, como acontecia com algumas pessoas depois de uma morte. Era como se ele precisasse reforçar que estava vivo, que não era o corpo dele que estava prestes a ser incinerado. Eu sabia como ele se sentia, pois uma versão da mesma excitação percorria minhas veias. Não era tão extrema quanto fora nas primeiras mortes, pois uma pessoa se acostuma com qualquer coisa, até mesmo com tirar vidas, mas eu ainda me sentia muito vivo, com todos os sentidos aguçados pela proximidade da morte.

— Escute, cara — disse Diego quando parei em frente ao prédio do alojamento dele —, eu só queria dizer que não quis insinuar nada sobre aquela sua garota. Você tem razão, não é da minha conta.

— Ela não é minha garota. — Assim que eu disse aquelas palavras, soube que eram mentira. Yulia podia não ser "minha garota", mas era minha.

Ela fora minha desde o momento em que coloquei os olhos nela

em Moscou.

— Está bem, claro, como quiser. — Sorrindo, Diego abriu a porta e saiu do carro. — Vejo você amanhã.

Ele fechou a porta e fui embora. O cascalho fez barulho sob as rodas do carro quando acelerei, cheio de uma impaciência súbita.

Eu esperara tempo suficiente.

Era hora de reclamar o que era meu.



ANTES DE IR PARA O QUARTO, TOMEI UM BANHO LONGO, removendo todos os traços de sangue e terra. A água quente me acalmou um pouco, mas o latejar sombrio da adrenalina ainda estava lá quando saí do chuveiro para me secar, com o pênis endurecendo de ansiedade.

Não me dei ao trabalho de me vestir antes de sair do banheiro. O ar era frio sobre a pele ainda úmida quando andei pelo corredor. Meu coração bateu mais depressa quando imaginei Yulia deitada lá, nua, amarrada e completamente à minha mercê. Eu nunca quisera uma mulher naquela posição antes, mas tudo em relação à minha prisioneira trazia à tona meus instintos mais básicos. Eu a queria presa e indefesa.

Eu queria que ela soubesse que não poderia escapar.

Estava escuro no quarto quando entrei e estendi a mão para o interruptor. Quando o abajur acendeu, vi Yulia lá, deitada no cobertor à minha frente. O corpo nu parecia longo e esguio, pois ela estava deitada de lado, de costas para mim. Mesmo depois de ter emagrecido, seu traseiro tinha curvas bonitas, e a pele pálida parecia alabastro contra o cobertor escuro. Ela não se mexeu quando me aproximei e vi que estava dormindo, com os olhos fechados e os lábios ligeiramente abertos. Os seios arredondados e fartos se moviam com a respiração dela.

O desejo que se acumulara durante todo o dia voltou com força, mais violento do que nunca. Ajoelhando-me ao lado dela, corri a mão pelo lado de seu corpo, acariciando-a do ombro até o meio da coxa. Apesar de machucada em alguns lugares, a pele dela era maravilhosa, tão macia e lisa que tive vontade de lambê-la da cabeça aos pés.

Cedendo ao desejo, inclinei-me sobre ela, prendendo-a nos braços, e abaixei a cabeça para aprisionar o mamilo na boca. O mamilo dela se contraiu imediatamente, enrijecendo sob meus lábios. Senti que ela ficou tensa sob mim e o ritmo de sua respiração mudou quando Yulia acordou.

Erguendo a cabeça, olhei para ela, encontrando seu olhar. Havia medo nos olhos dela, mas também algo mais... algo que me deixou insuportavelmente excitado.

Desejo.

Lentamente, usando toda a força de vontade para me controlar, corri a mão direita pela cintura e o quadril dela. Yulia não emitiu nenhum som, mas vi seus olhos escurecerem quando minha mão desceu para envolver a curva firme de sua nádega. A pele dela estava fria e macia, a carne resistente quando a apertei de leve. Foi uma sensação tão boa que meu pênis parecia prestes a explodir. Minha mão tremeu de desejo quando a movi mais para baixo, deslizando os dedos sob a curva das nádegas e entre as coxas dela.

Sim, isso mesmo. Um triunfo selvagem me invadiu quando toquei em suas dobras e senti a umidade na borda de sua abertura. A boceta de Yulia estava pronta para mim, como acontecera na primeira vez em que eu a tocara. Ainda mantendo seu olhar, penetrei-a com o dedo e senti-a estremecer ao suprimir um gemido suave.

— Você me quer, não é? — Minha voz saiu baixa e rouca. — Você quer isto. — Encontrei o clitóris com o polegar e pressionei-o, observando a reação dela. Yulia parecia ter parado de respirar, com os olhos enormes no rosto fino ao olhar para mim.

— Diga. — Movi o dedo dentro dela e coloquei mais pressão sobre o clitóris. — Diga-me que quer isto.

Yulia engoliu em seco e senti a boceta apertando meu dedo quando ela estremeceu. — Lucas, por favor...

— Diga — rosnei, mas ela fechou os olhos, virando o rosto para o outro lado. Ela respirava depressa, com o peito expandindo e contraindo em um ritmo frenético, e senti seus músculos contraindo-se quando enfiei um segundo dedo nela.

Ela lutava contra mim.

Meu desejo ficou sombrio, misturando-se com a raiva e a frustração. Como ela ousava fazer aquilo comigo? Ela era minha... seu corpo era meu para que eu fizesse o que quisesse. Eu não precisava dar a ela uma escolha. Ela era minha prisioneira, meu espólio de guerra, e eu fora mais do que paciente até o momento.

— Olhe para mim. — Mantendo a mão no sexo dela, ergui ligeiramente o corpo e segurei o queixo dela com a outra mão, forçando-a a me encarar. — Não faça joguinhos comigo — rosnei quando ela abriu os olhos. — Você perderá, entendeu?

Ela piscou algumas vezes e senti seus músculos internos ondulando em volta dos meus dedos. Ela estava muito molhada e seu corpo acolhia meu toque. — Sim.

— Sim o quê? — Continuei a falar para não trepar com ela imediatamente. Movi o polegar sobre o clitóris, forçando-a a gemer. — Sim o quê?

— Sim, eu... — Ela respirou fundo e a voz saiu trêmula. — Eu entendi.

— Ótimo. Agora, pare de mentir e responda à porra da pergunta. — Movi os dois dedos dentro dela, causando outra onda de contrações. — Você me quer?

Ela assentiu de forma leve, quase imperceptível, mas foi o suficiente.

Soltei o rosto dela e tirei os dedos da boceta, sentindo os testículos prestes a explodir. Fiquei tentado a possuí-la bem ali, no

cobertor, mas eu a imaginara em minha cama durante todas aquelas semanas e era onde queria trepar com ela desta vez.

Impaciente demais para me ocupar dos nós na corda, levantei-me e fui até a lavanderia, onde deixara minhas roupas ensanguentadas. Trinta segundos depois, voltei com o canivete.

Aproximando-me das pernas de Yulia, abri o canivete. Ela arregalou os olhos com um medo súbito, mas só cortei a corda, soltando seus tornozelos.

— Fique quieta — ordenei, levantando-me para andar em volta dela. Um segundo depois, seus braços também estavam livres. Sem querer deixar uma arma perto dela, fui até o outro lado do quarto e guardei o canivete na gaveta de cima da cômoda. Em seguida, virei-me para encará-la.

Yulia já estava de joelhos, prestes a se levantar, mas não deixei. Aproximando-me rapidamente, abaixei-me e ergui-a contra meu peito. Eu sabia que ela conseguiria subir na cama sozinha, mas eu precisava tocá-la, senti-la. Vi uma veia pulsando em sua garganta ao colocá-la sobre os lençóis brancos e meu desejo se intensificou.

Minha. Ela é minha.

Aquelas palavras eram como um tambor primitivo na minha mente. Eu nunca me sentira tão possessivo em relação a uma mulher, nunca quisera tanto reclamar alguém. O desejo era puramente visceral, uma necessidade tão sombria e antiga quanto a vontade de matar. Eu já a tivera por uma noite em Moscou, mas não fora o suficiente.

Não chegava nem perto de ser o suficiente.

Observando-a, abri a gaveta da mesinha de cabeceira e peguei uma embalagem. Rasgando-a com os dentes, tirei a camisinha e enrolei-a sobre o pênis latejante. O olhar dela seguiu meus dedos e vi que seu corpo ficou ainda mais tenso. Com medo, com desejo? Eu não sabia e não me importei.

— Venha cá — ordenei, subindo na cama. Eu não sabia o que esperar ao estender a mão para ela, mas certamente não era o que

aconteceu.

No momento em que a toquei, Yulia passou os braços em volta do meu pescoço e pressionou os lábios contra os meus.

CAPÍTULO 26

*Y*ulia

EU NÃO SABIA O QUE ME FIZERA BEIJAR LUCAS NAQUELE MOMENTO, mas, assim que nossos lábios se encontraram, minha ansiedade desapareceu, sendo substituída por um desejo doloroso. Eu o queria... aquele homem duro e enigmático que era meu carrasco.

Com as fantasias frescas na mente, eu o queria mais do que o temia.

O pânico que eu sentira mais cedo sumira, as lembranças sombrias em silêncio quando ele me deitou no colchão, com as mãos deslizando pelos meus cabelos. Arqueei o corpo contra o dele e Lucas aprofundou o beijo, com a língua invadindo minha boca e explorando-a de forma faminta. O gosto dele era de calor e paixão primitiva, como nos meus sonhos e nos meus pesadelos. Ele me consumiu e eu o consumi, movendo as mãos freneticamente pelas costas musculosas, pelo pescoço dele, pelos cabelos curtos. Eu sabia que ele provavelmente me mataria em um futuro não muito

distante, sabia que as mãos que seguravam minha cabeça talvez um dia quebrassem meu crânio, mas, naquele momento, nada disso importava.

Eu vivia unicamente no presente, em que o toque dele me dava prazer, em vez de dor.

Os lábios dele foram para minha orelha e senti seus dentes mordendo de leve meu pescoço antes que ele beijasse a pele macia. Meu corpo inteiro se arrepiou. Senti um prazer agudo e eletrizante quando a mão direita dele deslizou pelo lado do meu corpo, passando pela curva da cintura e pelo quadril antes de ficar entre os dois corpos para encontrar meu sexo. Sem hesitação, os dedos dele se fecharam sobre o clitóris e a dor que eu sentia por dentro se intensificou, com a tensão tornando-se insuportável.

Gritei o nome dele, chocada com a intensidade das sensações, mas era tarde demais. Eu já estava gozando.

Ele me conduziu pelas ondas de prazer, acariciando minhas dobras até o fim do orgasmo. Em seguida, segurou minha perna e colocou-a sobre seu quadril, deixando-me totalmente aberta. O pênis pressionou a parte de dentro da minha coxa e uma onda de medo me invadiu novamente quando encontrei o olhar brilhante dele.

— Vou trepar com você — disse ele com voz baixa e gutural.
— Você é minha, entendeu? Minha.

Atônita, tentei processar a exigência, mas, naquele momento, Lucas me beijou novamente e fechei os olhos. Minha capacidade de pensar evaporou. O corpo dele era uma gaiola de aço quente sobre mim. Seu gosto e seu cheiro invadiram meus sentidos. Eu não conseguia respirar sem sentir o cheiro dele, não conseguia sentir nada além da força devoradora de sua boca e a rigidez da ereção na entrada do meu corpo.

Coloquei as mãos nos lados do corpo dele, enterrando as unhas na pele. Foi quando senti o pênis enorme penetrando-me. A mão esquerda dele agarrou meus cabelos com mais força, impedindo-me

de afastar a boca da dele, e não consegui nem mesmo gritar quando ele invadiu meu corpo como se tivesse todo o direito de fazer isso. Ele me penetrou tão fundo que eu deveria sentir dor... e senti, mas havia prazer também, além de uma estranha sensação de alívio.

Alívio porque, naquele momento, eu realmente pertencia a ele.

Quando finalmente me penetrou totalmente, ele ergueu a cabeça, deixando-me recuperar o fôlego. Abri os olhos, encontrando seu olhar mais uma vez. Os lábios dele brilhavam por causa do beijo e a pele bronzeada parecia tensa sobre as feições belas e duras. Eu o senti dentro de mim, queimando-me por dentro, e meu corpo se suavizou para ele, acolhendo-o com uma umidade maior.

— Yulia — sussurrou ele, encarando-me. Eu soube que ele também sentira aquela conexão visceral entre nós. Ele podia ter todo o poder, mas, naquele momento, estava tão vulnerável quanto eu, preso na mesma loucura.

Eu não sabia se ele também percebera, mas, subitamente, seu maxilar enrijeceu e seu olhar ficou frio. Sem dizer mais uma palavra, ele abaixou a mão esquerda para pegar meu pulso e prendê-lo sobre minha cabeça. Em seguida, repetiu o gesto com a mão direita, deixando-me estendida sob seu corpo, incapaz de me mover nem de tocá-lo.

Deixando-me indefesa sob um homem que queria me punir.

— Lucas, espere — sussurrei, sentindo ondas sombrias de pânico, mas era tarde demais. Segurando meus pulsos sobre minha cabeça, ele começou a se mover dentro de mim, com os olhos brilhando com uma fúria gelada. As investidas eram duras, implacáveis, roubando-me o ar e causando gritos de dor na minha garganta. Ele não estava fazendo amor comido. Estava tomando meu corpo, possuindo-o de forma tão brutal quanto qualquer outro conquistador.

Comecei a lutar contra ele, sentindo o pânico espalhando-se quando as antigas lembranças ressurgiram, mas não havia nada que

eu pudesse fazer. Estava presa na cama, invadida, e o homem acima de mim não tinha misericórdia. O corpo dele tomou o meu, repetidamente, e senti-me escorregando para aquele lugar frio e escuro de onde lutara tanto para sair. As linhas entre o presente e o passado viraram um borrão e ouvi a voz cruel de Kirill, senti o fedor sufocante de sua colônia quando ele me jogou no chão. O horror começou a me envolver, mas, antes que eu me perdesse completamente, Lucas transferiu meus pulsos para apenas uma das mãos grandes e colocou a outra mão entre nós, encontrando o clitóris mais uma vez. O toque dele era habilidoso e certo. O prazer atordoante me levou de volta ao presente, deixando-me ciente da tensão que se acumulava novamente dentro de mim.

Fechando os olhos com força, tentei me contorcer para escapar, mas não havia para onde ir. Havia apenas o pênis dentro de mim e seus dedos sobre o meu clitóris, com a dor e o prazer misturando-se em uma espiral erótica sem fim. Nunca houvera prazer com Kirill, nunca houvera nada além de uma dor terrível. O choque das sensações antagônicas me manteve presa ao momento, lembrando-me de que o homem sobre mim não era o meu treinador.

Era Lucas, outro homem que me odiava.

Exceto que meu corpo não sabia disso, não percebia que a forma como ele me tocava não deveria me causar prazer. Apesar das investidas duras, os dedos de Lucas no meu clitóris eram gentis. O prazer se intensificou, afastando a escuridão. Com a respiração pesada, arqueei o corpo, com súplicas frenéticas saindo da minha garganta. Ele pressionou o clitóris com mais força, levando-me àquele precipício de prazer.

— Goze para mim, linda — sussurrou ele, baixando o rosto até meu pescoço. Chocada, senti a tensão chegar ao máximo. Um êxtase explosivo se espalhou para todas as células do meu corpo. Todos os meus músculos estremeceram com a sensação enquanto eu me contraía em volta do pênis.

Atônita, gritei o nome dele. E, naquele momento, ouvi a

respiração dele mudar e um gemido rouco em seu peito. A mão dele apertou meus pulsos um pouco mais quando ele investiu uma vez mais e parou, movendo os quadris de forma circular. Senti o pênis pulsando dentro de mim quando ele gozou.

Buscando ar desesperadamente, virei a cabeça para o lado, sem querer enfrentar Lucas nem a confusão de sentimentos no meu peito. Eu estava destroçada pela dor e pelo prazer. Ele ainda estava dentro de mim, com o pênis apenas ligeiramente mais mole do que antes. Senti o suor que grudava nossos corpos, ouvi a respiração pesada de Lucas, e lágrimas estranhas e indesejadas queimaram em meus olhos.

Se eu tinha alguma dúvida sobre a realidade do que estava acontecendo, ela desapareceu. Aquele ato que ocorrera entre nós me deixou ainda mais impressionada do que o fato de Lucas estar vivo.

Ele estava vivo e eu era prisioneira dele.

As lágrimas ameaçaram derramar e apertei os olhos ainda mais, determinada a não deixar que isso acontecesse. Eu não podia me dar ao luxo de chorar. Não importava o que aquilo significava, o que Lucas pretendia fazer comigo, eu teria que aguentar. Teria que ser forte, pois aquilo era apenas o começo.

Meu cativo apenas começara.

FIM

Obrigada por ler! Espero que tenha gostado de Lucas e Yulia. O romance deles continua em *Prenda-me (Capture-me: Livro 2)*.

*Minha nova prisioneira é uma contradição
enlouquecedora: obediente e desafiadora, frágil e forte.
Preciso descobrir os segredos dela, mas isso poderia
arruinar tudo.*

Minha obsessão poderia destruir nós dois.

Quer receber notificações sobre meus novos lançamentos?
Registre-se na minha lista de e-mail em [www.annazaires.com/
book-series/portugues/](http://www.annazaires.com/book-series/portugues/)!

Quer ler meus outros livros? Confira:

- [*A trilogia Perverta-me*](#) – a história sombria de como Julian Esguerra, o chefe de Lucas, sequestra a esposa, Nora
- [*A trilogia de Mia e Korum*](#) – a história de ficção científica futurista de Korum, um alienígena poderoso, e Mia, a estudante tímida que ele está determinado a ter
- [*A Prisioneira dos Krinars*](#) – Um romance de ficção científica independente

Você também poderá gostar de uma obra em colaboração com meu marido, Dimas Zales:

- [*O Código de Feitiçaria*](#) – as aventuras de fantasia épica do feiticeiro Blaise e sua criação, e bela e poderosa Gala

Agora, vire a página para ver uma pequena amostra de *A Prisioneira dos Krinars*.

EXCERTO DE A PRISIONEIRA DOS KRINARS

Observação da Autora: *A Prisioneira dos Krinars* é um romance independente completo que acontece aproximadamente cinco anos depois da trilogia *As Crônicas dos Krinars*.



Emily Ross não esperava sobreviver à sua queda fatal na floresta Costa Riquenha e, certamente, nunca pensou que acordaria numa casa estranhamente futurística, feita prisioneira pelo homem mais belo que já viu. Um homem que parece ser mais do que humano...

Zaron está na Terra para facilitar a invasão Krinar – e para esquecer a terrível tragédia que despedaçou sua vida. Mas quando ele encontra o corpo danificado de uma garota humana, tudo muda. Pela primeira vez em anos, ele sente algo mais do que raiva e pesar, e Emily é a razão disso. Deixá-la partir comprometeria a missão, mas mantê-la o destruiria novamente.



Eu não quero morrer. Eu não quero morrer. Por favor, por favor, por favor, eu não quero morrer.

As palavras continuavam repetindo na sua mente, uma oração sem esperança que nunca seria ouvida. Os dedos dela deslizaram mais uns centímetros na tábua áspera, suas unhas quebrando enquanto tentava manter a pegada.

Emily Ross estava pendurada pelas unhas – literalmente – numa velha ponte quebrada. Centenas de metros abaixo, as águas corriam pelas pedras, o riacho da montanha cheio pelas recentes chuvas.

Aquelas chuvas eram parcialmente responsáveis pelos seus apuros. Se a madeira na ponte estivesse seca, ela provavelmente não teria escorregado, virando o pé durante o processo. E certamente não teria caído no trilho que tinha se quebrado com seu peso.

Foi somente uma segurada de última hora que impediu Emily de despencar para a morte lá embaixo. Ela estava caindo, sua mão direita tinha segurado numa pequena saliência no lado da ponte, deixando-a balançando no ar a dezenas de metros acima das rochas.

Eu não quero morrer. Eu não quero morrer. Por favor, por favor, por favor, eu não quero morrer.

Não era justo. Não era para acontecer assim. Aquelas eram as férias dela, seu tempo de recobrar a sanidade. Como poderia acontecer de ela morrer agora? Ela não tinha nem começado a viver.

Imagens dos últimos dois anos passaram pelo cérebro de Emily, como uma das apresentações de PowerPoint que ela tinha passado tanto tempo preparando. Todas as noites trabalhadas, todos os finais de semana gastos no escritório – aquilo tudo para nada. Ela tinha perdido o trabalho durante o período de demissões, e agora, estava prestes a perder a vida.

Não, não!

As pernas de Emily se agitaram, suas unhas cavando mais

fundo na madeira. O outro braço tentou alcançar, se esticando para a ponte. Isso não podia acontecer com ela. Ela não deixaria. Ela tinha trabalhado muito para permitir que essa estúpida ponte na selva a derrotasse.

Sangue correndo pelo seu braço enquanto a madeira áspera rasgava a pele dos seus dedos, mas ela ignorava a dor. Sua única esperança de sobrevivência era tentar agarrar o lado da ponte com a outra mão, então, conseguiria se içar para cima. Não havia ninguém por perto para salvá-la.

A possibilidade de morrer sozinha na floresta tropical não tinha ocorrido a Emily quando ela embarcou para esta viagem. Ela estava acostumada a fazer trilhas, a acampar. E mesmo com o inferno dos últimos dois anos, ela ainda estava em boa forma, forte e preparada por correr e praticar esportes por todo o Ensino Médio e faculdade. Costa Rica era considerado um destino seguro, com baixos índices de criminalidade e uma população amigável com os turistas. E também era barato – um fator importante para sua poupança que estava minguando rapidamente.

Ela tinha comprado esta viagem *antes*. Antes de o mercado cair novamente, antes de outra rodada de demissões que tinha custado o emprego de milhares de trabalhadores de Wall Street. Antes de Emily ir para o trabalho na segunda, com os olhos vermelhos por ter trabalhado todo o final de semana, apenas para sair do seu escritório no mesmo dia com todos os seus pertences numa pequena caixa de papelão.

Antes de seu relacionamento de quatro anos terminar.

Suas primeiras férias em dois anos, e ela iria morrer.

Não, não pense assim. Isso não vai acontecer.

Mas Emily sabia que estava mentindo para si mesma. Ela podia sentir seus dedos escorregando mais, seu braço e ombro direitos queimando pelo esforço de aguentar o peso de todo seu corpo. Sua mão esquerda estava a centímetros de alcançar o lado da ponte, mas aqueles centímetros podiam facilmente ser quilômetros.

Ela não conseguia ter uma pegada forte o bastante para se erguer com um braço.

Vai, Emily! Não pense, só aja!

Juntando toda a sua força, ela girou as pernas no ar, usando o impulso para levantar mais seu corpo por uma fração de segundos. Sua mão esquerda segurou a tábua saliente, apertando... e o frágil pedaço de madeira quebrou, levando-a a um grito aterrorizante.

O último pensamento de Emily antes de seu corpo bater nas rochas foi a esperança de que sua morte fosse instantânea.



O cheiro da vegetação da selva, rico e penetrante, aticava as narinas de Zaron. Ele inspirou profundamente, deixando o ar úmido encher seus pulmões. Aqui estava limpo, neste canto da Terra, quase tão sem poluição quanto seu planeta natal.

Ele precisava disso agora. Precisava do ar fresco, do isolamento. Pelos últimos seis meses, ele tinha tentado fugir dos seus pensamentos, viver apenas o momento, mas tinha falhado. Mesmo sangue e sexo não eram mais o bastante para ele. Ele podia se distrair enquanto fodia, mas a dor sempre retornava depois, tão forte como sempre.

Finalmente, aquilo tinha chegado a um nível muito alto. A sujeira, as multidões, o fedor da humanidade. Quando ele não estava perdido numa névoa de êxtase, ele sentia nojo, seus sentidos sobrecarregados de passar muito tempo nas cidades dos humanos. Aqui era melhor, onde ele podia respirar sem inalar veneno, onde ele podia sentir o cheiro de vida em vez de químicos. Em poucos anos, tudo seria diferente, e ele talvez tentasse morar numa cidade humana novamente, mas não agora.

Não até que eles estivessem totalmente estabelecidos aqui.

Aquele era o trabalho de Zaron: supervisionar os

assentamentos. Ele tinha feito pesquisa na fauna e flora da Terra por décadas, e quando o Conselho pediu sua ajuda com a próxima colonização, ele não hesitou. Qualquer coisa era melhor do que estar em casa, onde as memórias da presença da Larita estavam em todo lugar.

Não havia mais memórias aqui. Por todas as suas semelhanças com Krina, este planeta era estranho e exótico. Sete bilhões de *Homo sapiens* na Terra – um número impensável – e eles estavam se multiplicando num ritmo frenético. Com seus curtos períodos, somando-se a uma falta de planejamento a longo prazo, estavam consumindo os recursos do seu planeta com extremo desrespeito ao futuro. De certa forma, eles o lembraram de *Schistocerca gregaria* – uma espécie de gafanhoto que havia estudado há vários anos.

Claro, humanos eram mais inteligentes que insetos. Alguns indivíduos, como Einstein, eram até como os Krinar em alguns aspectos dos seus pensamentos. Isso não era particularmente surpresa para Zaron; ele sempre achou que este devia ser o propósito das grandes experiências dos Anciãos.

Ao andar pelas florestas costa-riquenhas, ele se achou pensando sobre sua tarefa naquele momento. Esta parte do planeta era promissora; era fácil imaginar plantas de Krina tentando sobreviver aqui. Ele tinha feito longos estudos no solo, e tinha algumas ideias de como fazê-lo até mais acolhedor para a flora Krinar.

Ao redor dele, a floresta era exuberante e verde, cheia da fragrância das helicônias florescendo e o som do farfalhar das folhas e dos pássaros nativos. Longe, ele podia ouvir o grito de um *Alouatta palliata*, um macaco bugio nativo da Costa Rica, e algo mais.

Franzindo, Zaron aguçou o ouvido, mas o som não se repetiu.

Curioso, ele foi para aquela direção, seus instintos de caçador em alerta. Por um segundo, o som o tinha lembrado um grito de mulher.

Movendo-se pela densa vegetação da selva com facilidade,

Zaron colocou-se em alta velocidade, pulando sobre os pequenos riachos e arbustos à sua frente. Lá, longe dos olhos dos humanos, ele podia se mover como um Krinar sem se preocupar com exposição. Em dois minutos, ele estava perto o bastante para sentir o cheiro. Afiado e acobreado, aquilo fez sua boca salivar e seu pênis se revirar.

Aquilo era sangue.

Sangue humano.

Chegando ao seu destino, Zaron parou, olhando a cena à sua frente.

Adiante, havia um rio, um riacho da montanha transbordando pelas últimas chuvas. E nas rochas grandes no meio, sob uma velha ponte de madeira cruzando o desfiladeiro, havia um corpo.

Um corpo quebrado e contorcido de uma humana.



A Prisioneira dos Krinars está disponível (clique [AQUI](#)). Se deseja saber mais, acesse meu site em www.annazaires.com/book-series/portugues/.

SOBRE A AUTORA

Anna Zaires é autora *best-seller* do *New York Times* e do *USA Today* de livros de ficção científica e de romances eróticos contemporâneos. Ela se apaixonou por livros aos cinco anos de idade, quando a avó a ensinou a ler. Desde então, sempre viveu parcialmente em um mundo de fantasia, onde os únicos limites são os impostos pela imaginação. Ela mora na Flórida e é casada com Dima Zales, autor de ficção científica e fantasia. Eles trabalham juntos em todos os livros.

Para saber mais, acesse www.annazaires.com/book-series/portugues/.